



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
NUCLEO DE ESTUDOS COMPARADOS DA AMAZÔNIA E DO CARIBE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA  
AMAZÔNIA

EMANUEL HENRIQUE DE SOUSA LOURÊTO

**DESENVOLVIMENTO CULTURAL TRANSFRONTEIRIÇO:**  
um estudo sobre a cultura como protagonista no desenvolvimento  
regional na fronteira Brasil - Venezuela

Boa Vista - RR

2016

EMANUEL HENRIQUE DE SOUSA LOURÊTO

**DESENVOLVIMENTO CULTURAL TRANSFRONTEIRIÇO:**  
um estudo sobre a cultura como protagonista no desenvolvimento  
regional na fronteira Brasil - Venezuela

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia como pré-requisito para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Linoberg Barbosa de Almeida

Boa Vista - RR

2016

EMANUEL HENRIQUE DE SOUSA LOURÊTO

**DESENVOLVIMENTO CULTURAL TRANSFRONTEIRIÇO:**  
um estudo sobre a cultura como protagonista no desenvolvimento  
regional na fronteira Brasil - Venezuela

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia como pré-requisito para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Linoberg Barbosa de Almeida

Boa Vista - RR

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Para me jogar nessa empreitada tive vários “empurrões”, nos quais além de me impulsionar a continuar a árdua jornada para obtenção do título de mestre, me ampararam toda vez que pensei em desistir:

Ao orientador, Linoberg Barbosa de Almeida, por me socorrer na etapa mais delicada, quando fui desacreditado e o alcance do tão almejado título de mestre parecia estar fora de cogitação. Pouco tempo de nossa relação orientador e orientando, um agradecimento imensurável pelo apoio a esse projeto.

Aos meus familiares, principalmente minha mãe pelo amor incondicional, meu pai pela crença quase cega no que faço e minha irmã pelo apoio fraterno. Sem vocês não sei se teria forças para continuar, vocês que ficam receosos pelas (loucas e inconsequentes) decisões que tomo na minha vida, mas nem sei por qual motivo, me apoiam. Os amo infinitamente.

Aos professores do Programa que tive a oportunidade de ser aluno, pelo conhecimento e valores compartilhados, cada um foi importante para minha evolução na Academia. Um agradecimento especial ao saudoso professor Rafael Oliveira, sempre sorridente, nos fazia pensar além, além do campo do imaginável.

À Universidade Federal de Roraima, pelo financiamento do projeto e pelas oportunidades oferecidas ao longo da graduação e pós-graduação, também aos funcionários da instituição pelo apoio logístico.

Aos colegas de turma e aos amigos que fiz no Curso, o trajeto foi muito mais divertido como vocês.

Ao Banco do Brasil, por fomentar a cultura e impulsionar o crescimento e aprimoramento de seus funcionários e todos os meus colegas de trabalho, os atuais e os passados, em especial a então equipe da agência de Pacaraima, que mesmo sem entender muito o que estudo, me incentivam.

Aos povos de fronteira, que vivem no limite, mas não se limitam, são simpáticos, sorridentes e acolhedores.

A todas as pessoas que tenho a honra de chamar de amigxs, a força passada por vocês me inspira a perseverar.

*“Sobe a Serra de Pacaraima, eu sou de Roraima”*

Neuber Uchoa, Zeca Preto

## RESUMO

Cultura e Desenvolvimento, dois termos alocados, a priori, em universos distintos e insociáveis, onde o primeiro é alocado um plano abstrato e o segundo no concreto. Quando se vislumbra uma correlação entre esses dois marcos, encontra-se arcabouços teóricos fundamentadores para a proposta aqui levantada de um desenvolvimento cultural. Com esse parâmetro estabelecido, respeitando a proposta desenvolvimentista amazônica deste programa de pós-graduação, estabelece como recorte geográfico a linha de fronteira entre Brasil e Venezuela, ao abordar o potencial da cidade de Pacaraima no setor cultural e suas consequências para região. Essa dissertação traz uma série de discussões acerca do fator cultural como força promotora de desenvolvimento na região fronteira. Dividida em três capítulos, nos quais se buscou fundamentar uma série de questionamentos, embasando teoricamente as hipóteses levantadas. No primeiro capítulo, as bases teóricas são apresentadas, são abordados os temas que gerais como desenvolvimento, fronteira e cultura. Assim, com esse marco teórico estabelecido, busca-se aprofundar as os temas, casando-os com o objeto de estudo proposto. O segundo capítulo por sua vez, é de cunho mais metodológico, no qual é apresentado o modelo quadridimensional da abordagem dos dados. Nesse capítulo é introduzida, esquematizada e desenhada as quatro dimensões nas quais é enxergado o desenvolvimento no ambiente fronteiro em questão: a sociológica, a antropológica, a econômica e a política. Por fim, o ultimo capítulo buscou expor os dados levantados sob a égide das quatro dimensões, engessando com partes teóricas para reforçar os objetivos propostos.

## **ABSTRACT**

Culture and Development, two allocated terms, a priori, in different universes and unsociable, where the first is allocated an abstract plan and the second in concrete. When it sees a correlation between these two landmarks, it is theoretical frameworks for the proposal raised here of a cultural development. With this parameter set, respecting the Amazon developmental purpose of this graduate program establishes a geographical cut the border between Brazil and Venezuela, to address the potential of the city of Pacaraima in the cultural sector and it's consequential to region. This dissertation brings a lot of discussions about the cultural factor as a force promoting development in the border region. Divided into three chapters, in which it sought to support a series of questions, theoretically basing the hypotheses. In the first chapter, the theoretical foundations are presented, the issues are addressed to general and development, border and culture. So with this theoretical framework established seeks to deepen the themes, matching them with the proposed study object. The second chapter in turn is more methodological matrix, in which is shown four-dimensional data model approach. In this chapter is introduced, sketched and designed the four dimensions in which it is seem as development in the border environment in question: the sociological, anthropological, economic and political. Finally, the last chapter sought to expose the data collected under the auspices of the four dimensions, plastering with theoretical parts to strengthen the proposed objectives.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Mapa de Municípios da Faixa de Fronteira .....	22
Figura 2 - Faixa e Zona de Fronteira .....	23
Figura 3 - Arcos e Sub-regiões da Fronteira .....	24
Figura 4 - Mapa da Tríplice Fronteira Brasil-Guyana-Venezuela .....	41
Figura 5 - Os Quatro Capitais.....	65
Figura 6 - Tempo de vida do projeto cultural.....	67



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Conceitos - Identidade .....	29
Tabela 2 - As quatro principais formas de mobilidade espacial.....	30
Tabela 3 - Chefes de família economicamente ativos residentes na área urbana de Boa Vista: Naturalidade/2003.....	39
Tabela 4 - Principais correntes migratórias para Roraima .....	39
Tabela 5 - Empregabilidade em Roraima .....	40
Tabela 6 - Modelo quadridimensional de Malinowski .....	47
Tabela 7 - Participação percentual do PIB dos setores da economia do Município. .....	1077
Tabela 8 - Comércio de Alimentação e suporte ao Turista .....	107
Tabela 9 - Árvore de problemas .....	114

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Academia e boate "Tremens", em Santa Elena de Uairén.....	81
Fotografia 2 - Igreja Protestante Assembleia de Deus.....	83
Fotografia 3 - Igreja Protestante da Paz.....	83
Fotografia 4 - Salão do Reino das Testemunhas de Jeová.....	84
Fotografia 5 - Congregação Cristã no Brasil.....	84
Fotografia 6 - Igreja Pentecostal Unida do Brasil.....	85
Fotografia 7 - Igreja Mundial do Poder de Deus.....	85
Fotografia 8 - Igreja Batista Regular de Pacaraima.....	86
Fotografia 9 - Assembleia de Deus Apascentar.....	86
Fotografia 10 - Igreja Protestante da Graça de Deus.....	87
Fotografia 11 - Igreja Católica.....	87
Fotografia 12 - Festival Fronteira Cultural (2012).....	88
Fotografia 13 - Grito Rock Pacaraima (2014).....	89
Fotografia 14 - Rosimeire, manicure em um salão em Pacaraima.....	911
Fotografia 15 - Churrascaria Frango Sabor.....	92
Fotografia 16 - Churrascaria e Restaurante Fronteira.....	93
Fotografia 17 - Restaurante do "Abu".....	94
Fotografia 18 - Escultura na entrada do Centro Policial de Santa Elena de Uairén ..	97
Fotografia 19 - Miniatura "Monte Roraima".....	100
Fotografia 20 - Maquete "Gran Sabana".....	100
Fotografia 21 - Loja de artesanato "El Pauji".....	101
Fotografia 22 - Pintura de inspiração indígena.....	101
Fotografia 23 - Arquitetura de Santa Elena de Uairén.....	102
Fotografia 24 - Bodegas, herança do Nordeste brasileiro.....	102
Fotografia 25 - Restaurante Nordestino.....	103
Fotografia 26 - Comércio Artesanal em Santa Elena de Uairén.....	104
Fotografia 27 - Líria Lanches.....	108
Fotografia 28 - Parte interna de um salão de beleza em Pacaraima.....	109
Fotografia 29 - Fachada da Rodoviária de Pacaraima.....	109
Fotografia 30 - Fachada de Hotel em Pacaraima.....	110
Fotografia 31 - Bar em Santa Elena de Uairén.....	111
Fotografia 32 - "Arepeira", em Santa Elena de Uairén.....	112
Fotografia 33 - Restaurante chinês em Santa Elena de Uairén.....	112
Fotografia 34 - Restaurante em Santa Elena de Uairén.....	113
Fotografia 35 - Pintura chavista em Santa Elena de Uairén.....	119
Fotografia 36 - "Vozes da Fronteira", UFRR. 2012.....	123
Fotografia 37 - Steal Band no "Fronteira Cultural" - Pacaraima, 2013.....	124

## SUMARIO

INTRODUÇÃO .....	12
Capítulo 1 .....	19
1. A FRONTEIRA COMO ESPAÇO CULTURAL .....	19
1.1 - Marcos sobre fronteira .....	20
1.2 - Fronteira como espaço cultural .....	26
1.3 - A cultura fronteiriça: Roraima e suas fronteiras amazônicas .....	34
Capítulo 2 .....	43
2. CULTURA E DESENVOLVIMENTO: AS DIMENSÕES DOS EMPREENDIMENTOS CULTURAIS .....	43
2.2 - As quatro dimensões dos empreendimentos culturais .....	47
2.2.1 - Dimensão sociológica .....	49
2.2.2 - Dimensão Antropológica .....	51
2.2.3 - Dimensão econômica .....	62
2.2.4 - Dimensão política .....	69
Capítulo 3 .....	75
3. CULTURA TRANSFRONTEIRIÇA: OLHARES SOBRE PACARAIMA .....	75
3.1 - Olhar Sociológico .....	75
3.2 - Olhar Antropológico .....	90
3.3 - Olhar Econômico .....	105
3.4 - Olhar Político .....	115
CONCLUSÃO .....	128
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	131

## INTRODUÇÃO

Cultura e fronteira, dois vocábulos que dificilmente são postos juntos, por possuírem reações diferentes ou até contraditórias sobre o modo de interpretar o mundo. A primeira, abstrata, remete a algo comum a todos os povos; a segunda por sua vez, é rígida, existe para limitar, separar.

Nesse contexto difuso, decide-se abordar a questão desenvolvimentista como possibilidade de fortalecimento político e de alavanque econômico da região, todavia, considerando seus arranjos sociais e sua bagagem antropológica. Assim, cultura e fronteira se entrelaçam por meio de aportes teóricos e vislumbram o desenvolvimento regional nessa porção geográfica amazônica, distinta, rica e internacional.

A presente dissertação estudos realizados, sobre as condições socioeconômicas proporcionadoras da cultura como desenvolvimento na fronteira formada entre Brasil e Venezuela. Com base no material coletado esperar-se-á respostas sobre a viabilidade de empreendimentos alinhados com a questão cultural a região transfronteiriça.

Partindo para uma abordagem mais minimalista, em detrimento a tradicional visão estatocêntrica, busca-se entender a questão social, porém focado na cultura como forma de desenvolvimento para região de fronteira. Assim, objetiva-se situar a cultura e a arte em uma maior protagonismo no contexto regional, ao abordá-las sob uma égide mais racional e menos subjetiva.

Deste modo, ao utilizar conceitos pouco usuais para tratar de desenvolvimento, torna-se necessária uma abordagem diferenciada, remete assim, uma perspectiva inter/multi/transdisciplinar, confabulando com a proposta do programa de pós-graduação, soma ainda perspectivas advindas da Sociologia, Antropologia e das Relações Internacionais (RI).

Ao se estudar a região fronteira, deve-se atentar para fato de que esta é uma região com múltiplas diferenciações, por se tratar de uma área de constante transição e troca de costumes, experiências, produtos etc. O próprio conceito de fronteira pode ser analisado sobre vários prismas, o utilizado neste empreendimento epistemológico é das relações transfronteiriças baseadas em premissas econômicas de cooperação, a um nível cultural.

Nesse sentido, ao pesquisar cultura e desenvolvimento regional percebe-se a proximidade destes campos do saber com temas sociológicos, portanto, ciente do protagonismo humano, como atores culturais. Todavia, a proposta desta iniciativa científica

centra-se em propostas empresarias como ator fundamental para promoção da sustentabilidade econômica na região de fronteira.

Quando se explana questões culturais, deve-se estar ciente do papel do indivíduo como ator protagonista. Cultura é um conceito amplo, que abarca inúmeras possibilidades, todavia, nesta pesquisa está focalizada nas possibilidades de desenvolvimento socioeconômico na região da faixa de fronteira.

Com base em pesquisas anteriores, ao se analisar algumas manifestações artísticas na cidade fronteira de Pacaraima, pôde-se constatar um grau elevado de movimentação humana e, conseqüentemente, de capital no íterim desses eventos. O deslocamento de indivíduos residentes nas cidades de fronteira como Santa Elena de Uairén e para prestigiar os eventos do lado brasileiro é comum e ocorre naturalmente uma interação cultural do Brasil com a Venezuela.

Ao serem abordados nesta proposta de dissertação, os empreendimentos culturais nos segmentos da gastronomia, artesanato e entretenimento na cidade de Pacaraima, como já constatado com eventos mostram-se negócios promissores. Assim, acredita-se que cultura é fator que deve ser analisado com maior visibilidade, por propiciar desenvolvimento socioeconômico da cidade acima citada.

O objetivo da pesquisa é analisar os benefícios, ponderando as possíveis dificuldades, da implantação de negócios culturais na região transfronteiriça. Ao levar em consideração as singularidades desta área, busca-se observar o diferencial produtivo de empreendimentos no ramo de entretenimento, lazer e cultura na região das cidades-gêmeas de Pacaraima e Santa Elena de Uairén.

Com esse grande objetivo definido, confecciona-se um recorte teórico que serve de marco balizador para dissertação, são elencadas, assim, quatro dimensões de análise da cultura na faixa de fronteira que, após estabelecida uma linha cronológica e teórica da cultura transfronteiriça, identificam e analisam quadrimensionalmente os empreendimentos culturais na fronteira Brasil-Venezuela, detectando a viabilidade socioeconômica dos empreendimentos culturais transfronteiriços e seu impacto e relevância para o desenvolvimento da região.

Os temas culturais são estigmatizados à subjetividade no que diz respeito o processo de formação conhecimento, a sensibilidade artística é, em muitos casos, pormenorizada quando utilizada para explicar temas de viés econômico e político. Definir cultura como uma força motriz para desenvolvimento regional é a principal motivação deste empreendimento epistemológico

O Estado de Roraima está em uma localização estratégica, sua faixa limítrofe é de um cosmopolitismo cultural pouco reconhecido, no contexto nacional como um todo. As fronteiras do extremo norte costumam ser analisadas sob o prisma da segurança e defesa, todavia, o que se percebe no plano sociocultural é mais uma interação em detrimento do afastamento.

Deste modo, é importante um subsídio intelectual que constate e impulse negócios culturais na região transfronteiriça, onde culturas distintas se correlacionam. A cultura artística se apresenta como um seguimento economicamente promissor, que deve a ser estudado, ao se constatar seus benefícios socioeconômicos, quiçá, fomentado.

Elenca-se, portanto três justificativas principais, afim de clarificar os motivos e a relevância da pesquisa para a Academia. Elas são divididas em justificativa científica, fenomenológicas e pessoal.

A pessoal justifica-se por já possui há algum tempo interesse acadêmico em assuntos culturais, por trabalhar em uma instituição financeira, valoriza-se temáticas de empreendedorismo cultural e economia criativa.

Contribuir com estudos fronteiriços para o Núcleo Amazônico de Pesquisa em Relações Internacionais (NAPRI), no qual o presente pesquisador desenvolve projetos desde a graduação por meio de extensão e iniciação científica. Ainda que exista um crescente número de estudos transfronteiriços, é perceptível a carência de pesquisas que abordem a cultura nestas regiões, assim busca-se com esta iniciativa intelectual preencher uma lacuna epistemológica existente.

A relevância da fronteira para a questão da hibridização sociocultural, a ideia dos fluxos, merece um detalhamento, por crê-se necessária um estudo sobre uma fronteira amazônica e caribenha.

O recorte teórico é eclético, plural e absorvente, alicerçado numa noção de fronteira. Questões culturais, econômicas e políticas são explanadas por um prisma multidisciplinar, afim de alcançar satisfatória abrangência epistemológica no que diz respeito à área delimitada pelo recorte geográfico: a fronteira Brasil-Venezuela.

Utiliza-se uma perspectiva multidisciplinar que aportará conceitos advindos principalmente da Sociologia, Antropologia, Relações Internacionais e da Economia. Com a contribuição de teorias advindas dessas grandes áreas do conhecimento, buscar-se-á explicar o tema proposto.

Para abordar a cultura, conceitos dialogarão de modo a se absorver diferentes perspectivas apresentada por autores de diferentes campos epistemológicos. Da Antropologia,

adota-se o principal conceito de cultura, todavia, são trazidos diferentes olhares sobre a questão cultural, nos quais são enquadrados de acordo com a perspectiva dimensional em que se propunha a análise.

Ainda utilizando conceitos antropológicos, recorre-se a conceitos da identidade, mas sob uma perspectiva de formação cultural híbrida. Neste contexto, a questão identitária é abordada sob outras óticas, emprestando o conceito da sociologia e das relações internacionais.

A abordagem a ser utilizada leva em conta a legitimidade estatal na formação limítrofe de fronteira. Todavia, acredita-se que a identidade pessoal e a afirmação social não dependem da estrutura formalizada estatal, em princípio, o Estado fora se desenvolvendo ao longo do tempo, mas emoldurado pela organização de sociedades.

Deste modo adentrará nas questões de fronteira por uma égide amazônica, todavia, a conjuntura apresentada é de uma Pan-Amazônia, segundo os moldes do Gal. Meira Mattos (1980). Assim, tratará mais especificamente das fronteiras amazônicas com as imprescindíveis contribuições da geógrafa Bertha K. Becker (2009).

Para que se defina o recorte geográfico, utiliza-se conceitos apresentados pelo grupo RETIS, uma equipe de pesquisadores-doutores, doutorandos, mestres, mestrandos e bolsistas de iniciação científica, com sede no departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como a subdivisão da área fronteiriça e conceito de cidade-gêmeas.

Numa perspectiva ainda mais regional, contará com contribuição de pensadores da casa, como o Prof. Dr. Reginaldo Gomes Oliveira (2003) com sua tese da Amazônia Caribenha. A fronteira amazônica será abordada mais a fundo pelo professor colombiano Gilberto Botía (2008) abordagens sobre a identidade miscigenada da região.

Neste sentido, buscar-se-á na sociologia o conceito de interculturalidade, presente na obra “Interculturalidades”, compilação de artigos organizados pela Universidade Federal Fluminense (UFF), referência nos estudos interculturais. Com esses conceitos definidos e amarrados junto à pesquisa, trar-se-á as discussões para região de fronteira.

Ao abordar cultura por prismas econômicos e sociais, são trazidas temáticas como a do *soft power* (poder brando), de influências sem uso da força bruta, no caso desta pesquisa, culturalmente. Neste sentido, aborda o próprio Estado sob à égide cultural, por meio das explicações advindas das vertentes críticas da sociologia, como a Escola de Frankfurt, que propunha desperta nos indivíduos a consciência em relação ao controle estatal por meio dos novos mecanismos culturais, principalmente os de circulação em massa.

Ao se aliar Estado, cultura e economia, um conceito recorrente é o de indústria cultural, principalmente, Adorno e Horkheimer (apud FADUL, 1994), para mostrar que faltava seriedade nos grandes meios de comunicação, sejam, eles jornais, revistas, televisão, dentre outros, que se preocupavam somente com as cifras econômicas e “manipulação das consciências”. Porém, essa perspectiva altera-se no desenvolver cronológico, mostra-se então essas alterações e como elas podem auxiliar, proposta dessa dissertação, no que se entende como desenvolvimento cultural.

Esquadrinha-se um raciocínio cronológico referentes aos assuntos culturais, com base na sua relação com o Estado, entendidos aqui por seu poder institucional e sua responsabilidade pública. Desta forma, esses assuntos são desvelados sob diferentes óticas, inclusive a mais realista (no que consta os estudos nas RI), que, apesar de não centrar seus estudos no tema, admite que a cultura é um meio eficaz para alcançar premissas como o poder nacional, nos quais os Estados usam os veículos culturais, para manutenção de seu poder no sistema internacional.

Com as questões artístico-culturais apresentadas pelos prismas social e antropológico, elucida-se o potencial econômico da cultura, assim, são explanados os conceitos de economia da cultura e economia criativa, como aquelas dotadas de valores simbólicos, desta forma o fator cultural se apresenta com alto grau de influências nas dinâmicas socioculturais.

Traz os capitais culturais e sociais como principais variáveis dos empreendimentos fronteiriços, é nesse consentimento que se mensura a viabilidade e dos mesmos. Deste modo, por um viés mais institucionalizado, enxerga a efetividade das políticas públicas e de outras ações governamentais para a pauta cultural, principalmente na fronteira, região, geográfico e logisticamente, prejudicada no que consta a presença estatal, para que não os contingentes militares.

A metodologia utilizada constitui-se, primeiramente, em uma revisão bibliográfica apurada, que reunirá os insumos epistemológicos para a confecção da dissertação. Posteriormente, os dados serão levantados com base em fontes primárias e secundárias, para aquisição destas informações serão necessários eventuais deslocamentos aos municípios transfronteiriços, bem como visitas técnicas a órgãos e instituições competentes.

As abordagens que serão utilizadas nesta pesquisa de mestrado serão: a qualitativa e a prognóstica. A primeira por tratar de cultura e arte, temas com um alto grau de subjetividade, todavia, para embasar certas discussões será necessário apresentar alguns dados que corroborem ou refutem a hipótese levantada. O segundo por sua vez, será utilizada na



construção de cenários, ao detectar o grau de viabilidades dos empreendimentos culturais em Pacaraima.

Utiliza-se o método analítico na abordagem e confecção desta dissertação, pois, a partir da coleta de dados e informações referentes aos empreendimentos culturais compreende-se o tema proposto. Quanto ao procedimento, o método utilizado é o fenomenológico, pois partir sua análise dos fenômenos dos empreendimentos culturais na cidade de Pacaraima, ao enfatizar seu impacto na economia e, conseqüentemente, na sociedade deste município.

Em relação à pesquisa, quanto aos objetivos esta permanece analítica, já no que diz respeito ao pesquisador, a postura adotada é empírico-analítica. Sobre a coleta de dados, os métodos utilizados serão o de pesquisa de campo, revisão bibliográfica e análise documental. Desta forma, em relação a caracterização busca-se levantar arcabouços teóricos acerca da cultura como um parâmetro de desenvolvimento regional amazônica.

Ao tratar de Cultura e Desenvolvimento, este empreendimento intelectual abrangerá duas grandes áreas do conhecimento – Ciências Sociais e Economia. Todavia, o foco será em alguns conceitos apresentados por estes campos epistemológicos, tais como: identidade, interculturalidade, desenvolvimento regional e economia criativa.

No que consta a área geográfica, esta compreenderá a faixa de fronteira, principalmente na cidade de Pacaraima, mas com pesquisas que se estendem às cidades de Boa Vista e Bonfim, e à cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén. Em relação à clientela, esta será população roraimense no geral, principalmente pesquisadores e empreendedores culturais.

O presente pesquisador, seu orientador e atores culturais em diversos seguimentos sociais e econômicos, foram os recursos humanos utilizadas na confecção desta dissertação. Sobre os procedimentos de coleta de dados: estes serão a análise documental direta: a campo (fonte primária) e indireta: documentos (fonte primária) e bibliografias (fonte secundárias), além dos registros fotográficos. Com os dados já coletados, partirá para análise e interpretação e tabulação e diagramação dados obtidos por meio de observação direta intensiva e indireta extensiva, análise documental. Posteriormente correlacionar com as referências coletadas.

Detectar o nível de influência dos empreendimentos culturais na dinâmica socioeconômica da cidade de Pacaraima, quais conseqüências para economia da zona de fronteira seriam propiciadas de maior estímulo e investimentos em negócios embasados em bens que expressem a cultura (e/ou as culturas) desta localidade.

A partir deste questionamento, ponderar quais os benefícios deste nicho da economia para o desenvolvimento regional amazônico, tomando como delimitação geográfica a área transfronteiriça. Os empreendimentos que tomam a commodities culturais como meio de comercialização possuem um potencial relevante na movimentação de capital na cidade já referida.

Com estes parâmetros definidos, a viabilidade dos empreendimentos culturais na cidade de Pacaraima é abordada sob prismas distintos, todavia complementares. Assim, a dissertação está dividida em três capítulos, cada um abordando diferentes temáticas e concepções acerca de cultura, desenvolvimento e economia.

O primeiro capítulo expõe um dos grandes, conceitos da dissertação: fronteira, com finalidade de mostrar, já inicialmente, as principais variáveis da pesquisa. Nesse início, a fronteira é definida por mais de um conceito e é percebida pela égide cultural. Posto isso, o recorte geográfico é considerando a diversidade identitária fronteiriça e amazônica nesta porção do extremo norte, pois esta característica regional é condicionante nas articulações socioculturais do lugar.

No segundo por sua vez, a cultura é destacada e conceituada, porém sua perspectiva é menos teórico-subjetiva em detrimento de sua relação estreita com desenvolvimento regional, aqui apresentada. O universo cultural é, neste capítulo, dimensionado em quatro clusters analíticos: social, antropológico, econômico e político; nos quais, posteriormente são alocadas no espaço fronteiriço amazônico-caribenho.

É no terceiro último capítulo que ocorre essa alocação, toda a conceptualização e teoriedade apresentada ganha contornos empíricos, a perspectiva de cada dimensão tem aplicabilidade prática. No capítulo final, busca por meio de matérias coletadas e das experiências de vida, mostra a cultura como força motriz indispensável para o desenvolvimento regional amazônico e transfronteiriço no extremo norte do país.

*“Simples ou sofisticada, a terra é sua gente. Acessível ou reservada, sempre revelará cultura. E a cultura é a divisa de um solo. Ela dirá de onde viemos e as perspectivas cultivadas através do trabalho coletivo. Representam origem e transmutação”*

*(Natércia Loureiro)*

## Capítulo 1

### A FRONTEIRA COMO ESPAÇO CULTURAL

O Brasil, maior país sul-americano com um território que se estende por 47% da porção centro-oriental do continente, possui 23.102 km de fronteiras, sendo 15.735 km terrestres e 7.367 km marítimas. A extensão fronteiriça terrestre representa aproximadamente 68% das áreas limítrofes do território brasileiro, assim o Brasil possui fronteiras com dez outras nações sul-americanas.

Na América do Sul, os únicos países que o Brasil não possui contato limítrofe são o Chile e o Equador. Com essa imensa porção de zonas lindeiras brasileiras, revela-se uma complexa conjuntura, marcada pela diversidade política, econômica e cultural em relação a situação brasileira com os vizinhos.

A questão fronteiriça aqui apresentada refere-se à relação entre dois Estados, separada por linhas delimitadoras, envolvendo economia, política e cultura. Desta maneira, ao se referenciar campo epistemológico das relações internacionais, apresentando conceitos-chave para compreensão da relação entre dois países, sendo alguns deles advindos de outras ciências, como Estado, território e soberania. Porém, em uma concepção realista da RI<sup>1</sup>, na qual o Estado é apresentado como ator central, suas duas principais funções são: manutenção da paz dentro de suas fronteiras e segurança de seus cidadãos contra as ameaças externas. O estado soberano detém a força no plano doméstico, o que Weber (1997) chama de monopólio legítimo da força, algo que não ocorre plano internacional.

---

<sup>1</sup>O realismo, pode ser sucintamente definido como é uma vertente teórica das RI, que define Sistema Internacional de anárquico, no qual os Estados Nacionais são os atores principais e buscam a manutenção do seu status quo no ambiente global embasada principalmente nas premissas do poder e soberania.

A anarquia do Sistema Internacional é um fato para os realistas, pois não existe um soberano supremo no plano internacional, e sim “coexistência entre os múltiplos soberanos”, a segurança se daria por meio de um jogo de soma zero, no artigo *Cooperation Under The Security Dilemma* (1978), Robert Jervis usa teoria dos jogos para provar a existência de um dilema de segurança e define as relações internacionais como um jogo do *stag hunt*. (NOGUEIRA, MESSARI, 2005)

Com esta concepção atuando como dominante por uma parcela considerável do século XX, o conceito de fronteira foi pouco explorado na RI. Pois, a função do Estado é, no “âmbito interno (garantir a paz dentro de suas fronteiras) e uma de âmbito externo (garantir a segurança frente a possíveis ameaças externas – ou seja, garantir sua sobrevivência).” (SHCERMA, 2012, p. 111)

### 1.1 - Marcos sobre fronteira

Mas afinal, o que o termo fronteira representa? Segundo Zapata-Barrero (2012), em uma análise semântica, ele é advindo de *frent*, como algo que esteja à frente, neste caso em choque/contato. Assim, “etimologicamente, su origen es básicamente militar. La frontera es el ‘frente militar’<sup>2</sup>” (p. 44)

Viu-se, então, a necessidade de estabelecer parâmetros que definissem melhor as áreas de fronteira, assim, merece destaque o grupo RETIS, uma equipe de pesquisadores-doutores, doutorandos, mestres, mestrandos e bolsistas de iniciação científica, com sede no departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua desde 1994 na elaboração de pesquisas sobre a questão fronteiriça brasileira conjuntamente com órgãos governamentais, outras universidades e plataformas de pesquisa.

Esta instituição é responsável pelos principais e mais conceituados estudos fronteiriços no Brasil, deste modo é de leitura fundamental para se compreender os marcos de fronteira. Por este fato, recorreu-se as noções de fronteira apresentados por esse grupo de estudiosos.

Antes de adentrar nas definições apresentadas pelo RETIS, necessária uma apresentar uma noção mais ampla de fronteira, por uma perspectiva mais generalista, e partir

---

<sup>2</sup> Etimologicamente sua origem é basicamente militar. A fronteira é “frente militar” (tradução própria)

desta afunilar a análise. Isto posto, percebe-se a fronteira por outros prismas, “ a fronteira de modo algum se reduz e resume à fronteira geográfica. [...] fronteira espacial, fronteira de cultura e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. É sobretudo, *fronteira do humano*. ” (MARTINS, 1997)

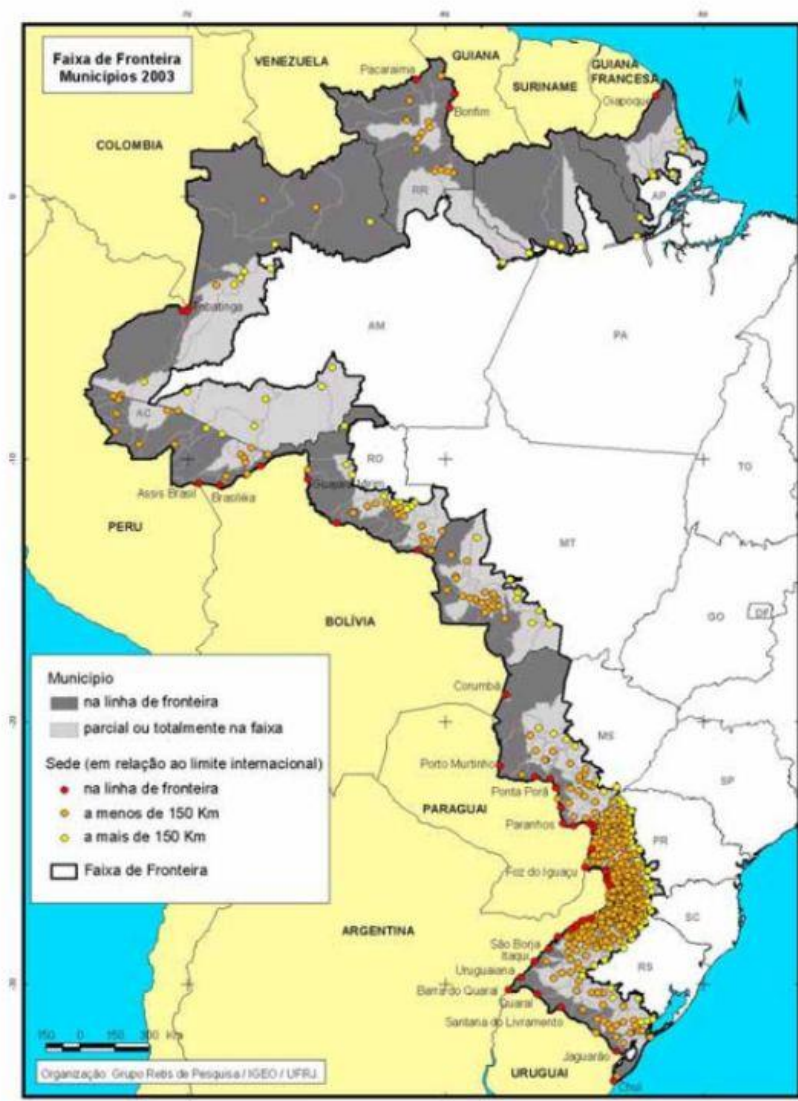
Desta forma, adota-se a *Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira*, um empreendimento acadêmico e institucional para caracterização econômica, cultural e institucional da região de fronteira elaborado por um grupo de pesquisadores altamente qualificados no Brasil, sob a liderança da professora Lia Osorio Machado. Trabalho no qual, confeccionado sob a orientação estratégica da Secretaria de Programas Regionais, do Ministério da Integração Nacional, que coordena o Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira no âmbito do Plano Plurianual do Governo Federal (PPA 2004-2007).

Antes, é necessário trazer o conceito de Faixa de Fronteira. “Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a Faixa de Fronteira compreende uma faixa interna de 150 km<sup>3</sup>, paralela à linha divisória terrestre do território nacional” (IBGE, 2008)

---

<sup>3</sup> A Faixa de Fronteira interna do Brasil com os países vizinhos foi estabelecida em 150 km de largura (Lei 6.634, de 2/5/1979), paralela à linha divisória terrestre do território nacional. A largura da Faixa foi sendo modificada desde o Segundo Império (60 km) por sucessivas Constituições Federais (1934; 1937; 1946) até a atual, que ratificou sua largura em 150 km. A preocupação com a segurança nacional, de onde emana a criação de um território especial ao longo do limite internacional continental do país, embora legítima, não tem sido acompanhada de uma política pública sistemática que atenda às especificidades regionais, nem do ponto de vista econômico nem da cidadania fronteiriça. Motivos para isso não faltaram até o passado recente, como a baixa densidade demográfica, a vocação “atlântica” do país, as grandes distâncias e às dificuldades de comunicação com os principais centros decisórios, entre outros. (Ministério da Integração Nacional, 2005, p.)

Figura 1 - Mapa de Municípios da Faixa de Fronteira



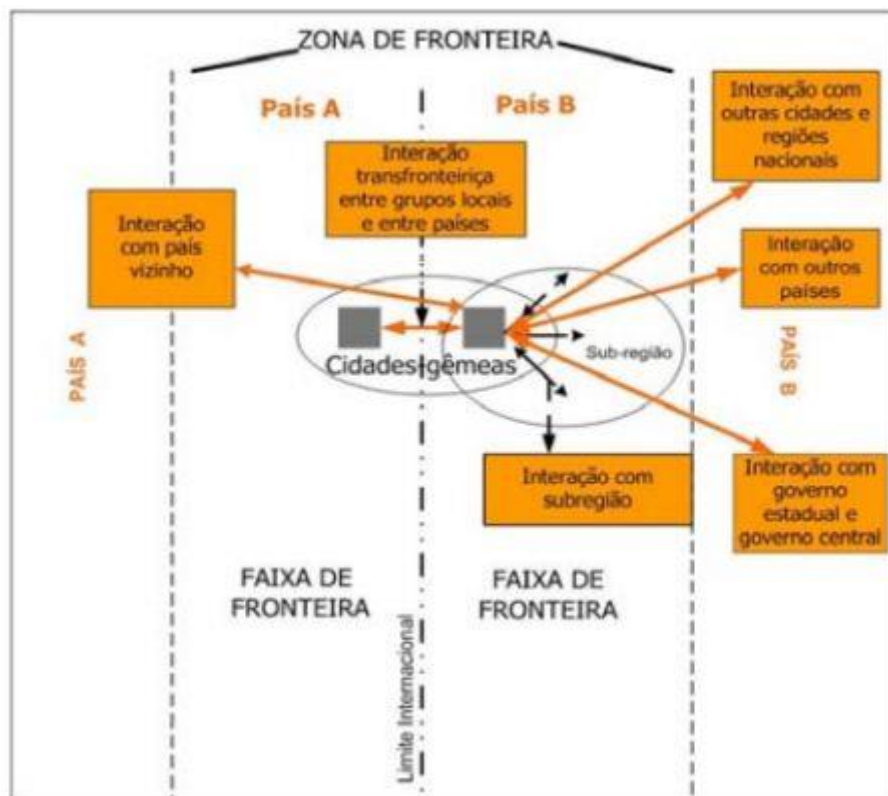
Fonte: (Ministério da Integração Nacional, 2005)

Enquadra-se então, algumas diferenciações conceituais. Segundo a referida Proposta:

Enquanto a faixa de fronteira constitui uma expressão de jure, associada aos limites territoriais do poder do Estado, o conceito de zona de fronteira aponta para um espaço de interação, uma paisagem específica, com espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças, cuja territorialização mais evoluída é a das cidades-gêmeas<sup>4</sup>. (Ministério da Integração Regional, 2005, p.21)

<sup>4</sup> De acordo com Becker “A presença de cidades gêmeas, isto é, cidades vizinhas localizadas em cada lado fronteiro, é importante indicador das redes de relações. [...] Como lugar de convergência de redes de relações, as cidades gêmeas rompem com as delimitações fronteiriças oficiais fundadas nas soberanias nacionais, e são mais ativas quando localizadas em fronteiras tripartites.” (BECKER, p.58 e 59, 2009)

Figura 2 - Faixa e Zona de Fronteira



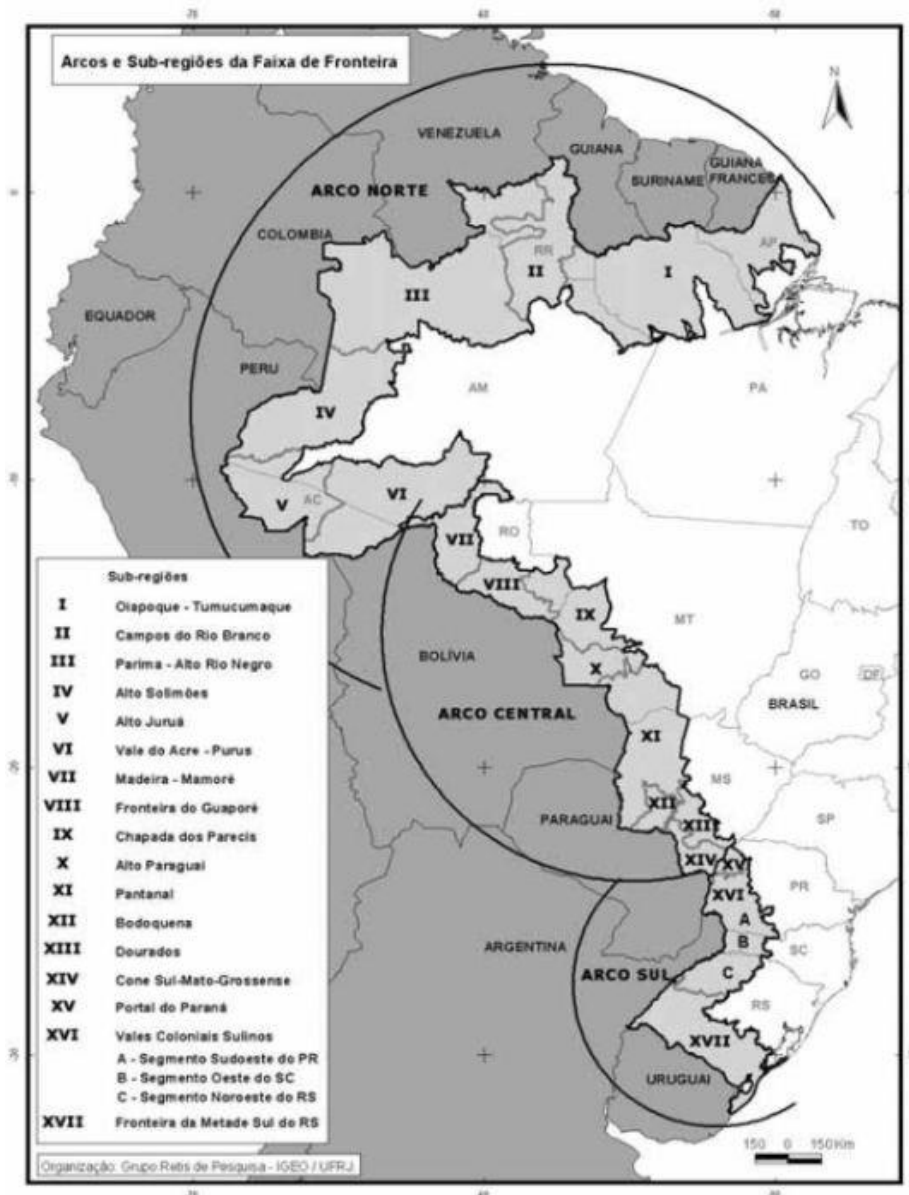
Fonte: (Ministério da Integração Nacional, 2005)

Com essa concepção apresentada, observa-se a complexidade envolta dos estudos fronteiriços, o que torna os mesmos um saber interdisciplinar e confabula campos epistemológicos como geografia, sociologia, antropologia e economia. Assim, a *Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira* (2005) para demarcar os espaços fronteiriços embasa-se em duas vertentes: o **desenvolvimento regional econômico** e a **identidade cultural**.

Após o estabelecimento destes marcos analíticos, as fronteiras brasileiras são agrupadas em três grandes Arcos. Arco Norte, que compreende a Faixa de Fronteira dos Estados do Amapá, Pará, Amazonas e os Estados de Roraima e Acre (totalmente situados na Faixa de Fronteira). O Arco Central, que compreende a Faixa de Fronteira dos Estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Por fim, o Arco Sul, que inclui a fronteira dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O Arco Norte, no qual se situa o estado de fronteira do Norte: Roraima, Amazonas, Pará, Amapá e Acre<sup>5</sup>. Ainda subdivide este Arco Norte em seis sub-regiões, utilizando as diferenciações na base produtiva, posição geográfica e predomínio de população indígena para delimitá-las em: (I) Oiapoque-Tumucumaque; (II) Campos do Rio Branco; (III) Parima-Alto Rio Negro; (IV) Alto Solimões; (V) Alto Juruá; (VI) Vale do Acre-Alto Purus.

Figura 3 - Arcos e Sub-regiões da Fronteira



Fonte: (Ministério da Integração Regional, 2005)

<sup>5</sup> Apesar de também fazer parte da Amazônia Legal, a base produtiva e outros indicadores socioeconômicos apontaram no sentido de deslocar a Faixa de Fronteira de Rondônia para o Arco Central (observação igualmente válida para Mato Grosso, outro Estado componente da Amazônia Legal). (Ministério da Integração Nacional, p. 52, 2005)



As questões fronteiriças no Brasil são usualmente debatidas sobre a axioma securitário. Remete-se ao tráfico, contrabando, biopirataria, dentre outras temáticas nas quais designam às zonas de fronteira atributos de uma região de constante ameaça à segurança nacional.

Neste contexto a Amazônia é classificada por Becker como a “Fronteira do capital Natural”, pois acredita que “a virtualidade de fluxos e redes transfronteiriças que sustentam a riqueza circulante, financeira e informacional, não significa a dissolução do espaço geográfico e do valor estratégico da riqueza in situ” (BECKER, p.34, 2005). Esta característica torna a problemática amazônica uma das principais pautas da agenda internacional, assim serviu de impulso para várias ações de governo, principalmente relacionados à questão ambiental.

Cientes da conjuntura fronteiriça brasileira, avançam-se as discussões para o espaço amazônico, contexto no qual abordagens tornam-se mais complexas. Sendo uma área transnacional, as questões de estabelecimento de limites possuem considerável relevância na Amazônia. Da conquista à ocupação, a delimitação das fronteiras amazônicas demarcou ações nacionais distintas numa mesma região. (COELHO, 1992)

A composição territorial continental da região e sua diversidade natural e cultural suscitam várias interpelações. A distância do centro-sul, região na qual concentra-se o poder político e econômico do país, transpassa aos externos amazônicos uma situação de enjeitamento das fronteiras amazônicas, áreas que devem ser resguardadas para segurança da população brasileira.

A questão estratégico-securitária amazônica apesar de pouco mencionada por Becker, tem sido resgatada como proposta de governo, por meio de mecanismo que busquem a proteção efetiva da região. O que torna a o cenário amazônico propício para ações militares é o fato se este ser uma área de fronteira. Para autora, as áreas de fronteira e seus seguimentos urbanos “são pontos de afirmação da soberania nacional [...]” (BECKER, p.59, 2005)

No entanto, o prisma aqui analisado leva em conta a interação cultural transfronteiriça. Os atores que protagonizam essa abordagem são os próprios habitantes da faixa de fronteira. Ao trazer as discussões para o âmbito regional, apreende-se à tríplice fronteira do extremo setentrional.

Todavia, o principal objeto de estudo é a relação cultura e desenvolvimento na fronteira Brasil – Venezuela, em especial a relação entre as cidades-gêmeas Pacaraima e Santa Elena de Uairén, afim de identificar padrões culturais que aproximam ou distinguem estas duas cidades. Por conseguinte, apreende-se a região fronteiriça por uma ótica culturalista.

## 1.2 - Fronteira como espaço cultural

Ao retomar a diversidade cultural amazônica como aquela que mescla tanto nativos como colonizadores, além da enorme variedade linguística, que vai das línguas indígenas até idiomas como português, o inglês, o holandês, o francês e o espanhol, percebe-se o vácuo de estudos sobre essa composição cultural.

A tríplice fronteira mais setentrional do território brasileiro é praticamente obsoleta, há poucas abordagens sobre região e é ainda menor a parcela que abarca as questões culturais, campo rico e pouco explorado pelos pesquisadores amazônicos.

Oliveira (2012) apresenta diferentes conceitos de fronteira, desmitificando algumas noções acerca do tema. Desta forma, o autor propõe um olhar diferente em relação a fronteira:

A sedução do olhar atravessa as barreiras da burocracia militar e política, alargando a linha de fronteira que deixa de ser um fio no atlas da geopolítica para se transforma em região de fronteira. Esse domínio híbrido se caracteriza pelo entrecruzamento de percepções de mundo calcadas em tradições distintas, pertencentes a tempos pretéritos, que se manifestam em uma rica produção de arte e cultura, tornado as regiões de fronteira em territórios de enorme diversidade cultural. (p. 24)

Com uma nova concepção definida, observa-se que as regiões limítrofes, geralmente enquadradas em cenários periféricos, buscam resgatar suas próprias identidades e riquezas. A efervescência cultural deixa de ser exclusividade dos grandes centros, nas regiões de fronteira ganha ares mais diversificados por se tratar de uma área de mobilidade intensa.

Desta forma, a par dos diferentes prismas que podem refletir o modo como se enxerga a fronteira, utiliza-se a égide cultural como meio de análise das dinâmicas fronteiriças. Orlandi (2006, apud, LIMA) defini a análise de discurso (AD) como uma amálgama entre fatores linguísticos, sociais e histórico. Ciente desta questão, pode-se identificar diferentes concepções de fronteira influenciadas pela vivência e a dinâmica sociocultural de cada indivíduo.

À vista disso, é necessária uma visão multifocal do espaço fronteiriço, como um espaço que, dependendo do discurso, adquire signos muitas vezes ambíguos – o que une e separa, o fim e o começo, o limite e a continuidade. No que consta a tríplice fronteira na qual Roraima está inserido, observa-se a convívio multicultural entre identidades culturais bastante particulares de cada país entre si e com raízes indígenas de etnias pertencentes às três nações.

Esta convergência se dá na multiculturalidade, algo inerente as fronteiras do extremo norte brasileiro, a presença de outros grupos étnicos, além dos nativos e dos colonizadores é algo em comum a todos os países desta tríplice fronteira. Ainda assim, observa-se que

panorama acadêmico sobre o âmbito cultural e social na região transfronteiriça do extremo norte continuam incipientes, e há muitos objetos de estudo.

Sendo assim, enxergar a região em questão pelo viés da cultura é perceber o quanto rico é este campo de estudo. Com isso, percebe-se a região fronteiriça opostamente à concepção de Samuel Huntington apresenta em *Clash of Civilization* (2001), com um olhar menos conflituoso.

Deve-se, portanto, observar o caráter diferenciado uma identidade de fronteira, esta não pode ser simplesmente enquadrada como uma simples junção de identidades nacionais, visto que as identidades se diluem nas regiões transfronteiriças, juntamente com identidades étnicas e nacionais (GRIMSON, 2000 apud BOTÍA, 2008).

Com as particularidades transfronteiriças-amazônicas, inerentes ao contexto roraimense apresentadas, remete-se a conceitos adotados da sociologia, antropologia e geografia, para situar as múltiplas questões que surgem ao se pesquisar cultura na fronteira.

As distinções culturais, estruturadas nas raízes coloniais de cada Estado-Nação ao longo de seu curso histórico, divididas territorialmente por linhas imaginárias, porém, ao mesmo tempo se correlacionem para formar esta complexa relação chamada: Interculturalidade. No entanto, nem sempre ocorre o processo intercultural, pois a ideia do “eu” e o “outro” começa na primeira esfera proposta Waltz (2002), por conseguinte, os próprios cidadãos.

Assim, entende como interculturalidade como o processo o processo gerado por duas ou mais redes de conversação, que geram outras redes de cultura em diversos domínios, como a religião, a arte, a moda, etc. (ANDRADE, 2004)

Utilizado para elucidar como a identidade torna alguma característica cultural de determinada região, como o exemplo da culinária francesa, na qual transcende local de origem acontece um fenômeno de reafirmação identitária. “Não é por acaso que maior resistência contra a globalização dos mercados se deu nas pequenas cidades e sob a liderança de agricultores e/ou produtores rurais” (ANDRADE, 2004, p.90).

O entrelaçamento das redes sociais e culturais, além de revelar um processo de afirmação de identidade, demonstra haver um certo tipo de negociação, no sentido em que mesmo que uma cultura se aproprie de certos costumes de outra, ela sempre sofrerá modificações, cita-se o caso do ritmo musical *funk* que é de origem norte-americana, mas ao alcançar os morros do Rio de Janeiro foi adaptado tornando-se o famoso *funk carioca*. (Idem, 2004)

Ao que se refere à questão fronteiriça, deve-se estar ciente da relevância tanto protagonista do Estado, este delimita fronteiras por meio de um processo de territorialização que não considera a característica transnacional da identidade, porém é fundamental importância para compreensão da mesma. Neste sentido, “o território também representa uma fronteira de comunicação de culturas, reclamando a presença do Outro como possibilidade de realização renovada da experiência social” (BARBOSA, 2004, p.100).

Assim, abordar teoricamente embasado em preceitos geográficos, alguns conceitos são adotados. O grupo RETIS ao confeccionar a proposta de reestruturação sobre a faixa de fronteira baseou-se conceitualmente em três preceitos: *território*, *territorialidade* e *rede*.

Para entender a lógica fronteiriça é necessário remeter-se a questão territorial, força delimitante não somente de espaço, mas também de padrões culturais. Pensar território é compreender a íntima relação do mesmo com o poder, seja ele do cunho regularizador-estatal ou simbólico-cultural. Território está ligado com os “processos de controle (jurídico/político/administrativo), dominação (econômico-social) e apropriação (cultural-simbólica)” (Ministério da Integração, 2005).

Porém, primeiramente alguns vícios de abordagem devem ser abandonados: pensar território e espaço geográfico como sinônimos. Define-se, então território como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 78 apud SOUZA, 2013, p. 78)

Posteriormente, é importante abordar a territorialidade, de caráter mais inclusivo como um processo diferente da formação territorial, que delimita e separa, caráter mais inclusivo. Assim percebe-se a territorialidade como um espaço vivido e a território, por sua vez, como espaço demarcado.

Por último, traz-se o fenômeno das redes, recentemente inserido no rol de abordagens territoriais, por ser enxergado como um modismo analítico por uma parcela da comunidade científica. Porém, no contexto fronteiriço, é observado que o contato entre as cidades da faixa de fronteira ocorre de modo menos contíguos em detrimento de fluxos interativos, sejam eles econômicos ou simbólico-culturais.

Tabela 1 - Conceitos - Identidade

	<b>Alternativa 1</b>	<b>Alternativa da proposta</b>
<b>Território</b>	Dominação/Estado (jurídico-administrativo)	Dominação e ou apropriação; ação de exclusão
<b>Territorialidade</b>	Qualidade geral do território (única)	Processos relacionados ao poder sobre o território (afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico), 'empilhamento' e/ou articulação; ação de inclusão
<b>Relação Território/Rede</b>	Oposição entre Território (permanente, independente) e organização em rede (efêmera, dependente)	Relações de interdependência entre redes (transacionais, técnicas, sociais, informacionais) e território (complementares, superposição, hierarquia)

Fonte: (Ministério da Integração Regional, 2005)

Estabelecendo um paralelo entre território, territorialidade e redes, nota-se a correlação estabelecida entre os mesmos por meio de vias múltiplas de informação, interligadas por redes de comunicação. A influência exercida por determinados mecanismos e/ou instituições (como o próprio Estado), ocorre um ambiente conectado (podendo até ser [des]territorializado), mas com capacidade de alterar signos, paisagens e empossar ressignificados ao território. (SOUZA, 2013)

Constatado este processo contemporâneo recorrente às áreas limdeiras, um conceito merecedor de inclusão nos estudos fronteiriços é o de mobilidade, nesta situação utilizada para caracterizar o que ocorre nas cidades da faixa de fronteira. Empresta-se novamente a noções da geografia, para se compreender a relação do espaço e a movimentação de pessoas, produtos e serviços entre cidades, no caso atual, as transfronteiriças.

Para que se compreendam as inovações acerca dos estudos de mobilidade utilizam-se as concepções apresentadas por Kaufmann (2002), que propôs uma nova forma de se pensar mobilidade. Partindo do pressuposto de que a mobilidade é focada no movimento, incluindo os que independem da tangibilidade física, o autor apresenta o conceito de motilidade: “*as the*

*way in which an individual appropriates what is possible in the domain of mobility and puts this potential to use for his or her activities<sup>6</sup>.*” (2002, p. 37).

Assim, mobilidade é apresentada como um movimento espacial *tout court* que pode se manifestar de modos alternativos. Segundo o autor apresentada acima (idem), há quatro formas de considerar a mobilidade espacial:

Tabela 2 - As quatro principais formas de mobilidade espacial

	<b>Curta duração</b>	<b>Longa duração</b>
Interno à área de vivência	Mobilidade diária	Mobilidade residencial
Externo próximo à área de vivência	Viagem	Migração

Fonte: KAUFMANN, 2002, p. 41

Com este conceito apresentado, recupera-se a questão indentitária afim de captar sua influência na formação cultural, no que consta a amplitude nacional, mas focalizado na sua repercussão nas áreas de fronteira. Traz a indagação acerca de potencialização afirmativa das identidades nacionais, por outro lado, se estas tornam-se ligeira ou grandemente díspar das regiões mais centrais.

Ainda, é sabido que a própria manutenção dos espaços lindeiros é tratada de forma distinta, em relação aos espaços, mas cêntrico, por parte das esferas governamentais. O que se busca constatar é a intensidade dessa diferenciação e como os modelos administrativos estatais influenciam nos padrões culturais transfronteiriços, onde há proximidade geográfica costumes e *modus vivendi* entre diversas identidades.

Desta forma, Barbosa (2004) compreende que as identidades não se fazem por si mesmas, os seus processos de afirmações se dão por interseção e mobilização das trocas em uma dimensão territorial. Portanto, apreende-se que a formação identitária é por ela mesma uma conformada por outras raízes culturais.

Logo, adverte Repetto (2012), o processo intercultural em seu sentido dialógico deve transpassar o ouvir e falar. Faz-se necessário uma atividade mais reflexiva, no sentido em que

---

<sup>6</sup> “ Como cada indivíduo se apropria do que é possível no limite da mobilidade e coloca esse potencial em uso nas suas atividades” (tradução própria)

reconhece a complexidade deste processo e identifica a presença de múltiplos atores em sua composição.

Sabendo disso, um fenômeno recorrente na análise de formação e transformação de identidades nos cenários nacionais atuais é da globalização. Mesmo com concepções diversas, e algumas vezes dicotômicas, sobre o assunto, torna-se imprescindível captá-lo para obter uma apreensão epistemológica mais condizente com a realidade contemporânea.

Um dos motivos para certa repulsa em trazer essa temática para discussão remete a sua ligação com lógica capitalista de mercado, na qual acredita-se na dinâmica globalizada corrente como uma reprodução da prática neoliberal de consumo. Na medida em que o maior acesso às informações e a relativização das barreiras geográficas tendem a homogeneização de modelos culturais, tendendo a uma espécie de imperialismo cultural por parte das potências econômicas.

Por outro lado, o não tão recente acontecimento da globalização, intensificado pelo advento da internet, propiciou ao indivíduo conhecer e se aproximar de várias culturas e o possibilitou escolher e assumir uma identidade que não aquela convencionada no seu espaço territorial. No que diz respeito ao contexto fronteiriço, proporciona conhecer por meio de sítios virtuais aquela cultura vizinha antes de um contato físico, o que pode até diminuir preconceitos (no sentido de conceitos pré-concebidos).

Acredita-se que a fronteira é por si mesma, produto da interação de atores, agente e instituições nacionais (BOTÍA, 2008). Para o professor colombiano Carlos Gilberto Botía, os estudos sociológicos não abordam devidamente os desenvolvimentos de sociedades e sistemas sociais modernos. Este processo leva ao que autor chama de *sociedades de frontera*, estas divergem das sociedades modernas, ou seja, aquelas que na concepção de Anthony Giddens teriam alto grau de “cognoscitividade” (GIDDENS, 2009, p. 25).

Botía acredita que a identidade de fronteira é formada pela interação entre duas ou mais sociedades nacionais. Defende que, além das identidades nacional e étnica, existe uma identidade adicional, com caráter transnacional (2008, p.64). Portanto, com esta afirmação torna-se evidente que os povos da região amazônica da Tríplice Fronteira: Brasil–Guyana–Venezuela, possuem características institucionalizadas, como a língua, religião, estas se misturam com os costumes étnicos ancestrais.

Assim sendo, Silva (2011) demonstra o papel dos espaços protegidos transfronteiriços como aliados na aproximação de comunidades separadas pelo estabelecimento dos limites políticos. Ainda que reconheça a dificuldade deste processo, em consequência de assimetrias, sejam elas políticas ou econômicas.

No que consta essa interação da cultura na região de fronteira, recorre-se ao hibridismo cultural apresentado por Canclini (2013), que o apresenta como um processo intensificado com a atual conjuntura pós-moderna. Com o advento das telecomunicações e da internet<sup>7</sup> adotar mais uma identidade que parecesse alheia e distante torna-se algo tangível às diferentes nações com diferentes culturas. Na fronteira essa possibilidade de se conviver com duplos (ou até múltiplos) hábitos e costumes não é fenômeno recente.

O contato físico entre as culturas, neste caso, nacionais, separadas por fronteiras políticas, quando não há conflitos, é algo recorrente. A proximidade geográfica pode não representar sinônimo de interação, a fronteira se apresenta de modo potencializado a conduta cultural de um país, seja ela aberta para novas culturas ou o contrário.

No que tange a questão fronteiriça, a questão territorial é central, todavia, sofre processos que alteram sua significação, ou seja, seu entendimento tradicional. Portanto, a respeito do território de fronteira aqui tratado, deve-se estar ciente de dois processos:

Desterritorialização e reterritorialização. Nos intercâmbios da simbologia tradicional com os circuitos internacionais de comunicação, com as indústrias culturais e as migrações, não desaparecem as perguntas pela identidade e pelo nacional, pela defesa da soberania, pela desigual apropriação do saber e da arte. Não se apagam os conflitos, como pretende o pós-modernismo neoconservador. Colocam-se em outro registro, multifocal e mais tolerante, repensa-se a autonomia de cada cultura - às vezes com menores riscos fundamentalistas. Não obstante, as críticas chauvinistas aos "do centro" geram às vezes conflitos violentos: agressões aos migrantes recém-chegados, discriminação nas escolas e nos trabalhos (CANCLINI, 2013)

Seguindo as ideias do autor citado, percebe-se que este entrecruzamento, principalmente no que tange a região de fronteira, ocorrem de modo intenso e instável, no que diz respeito às tradições locais. A presença de outra matriz cultural no contexto fronteiriço pode representar uma ameaça ao status quo local de cada cidade, a cultura estrangeira ultrapassa a dimensão simbólica e se apresenta por meios de práticas econômicas e sociais.

Ainda sobre o hibridismo cultural, é importante frisar que os posicionamentos sobre o tema podem ser divergentes. Há aqueles que consideram que este processo, intensificado pela dinâmica global interligada por meio da internet, propicia a perda da identidade por meio da reprodução de padrões de cultura exógenos, há também os que absorvem estas culturas, mas não no sentido de perder a identidade nacional, como o idioma, mas desperta o senso de

---

<sup>7</sup> Algo não explorado pelo autor, acredita-se que na época que escrevia a obra não esperasse esse fenômeno que se tornaria a internet.



liberdade para assumir ou outra, por meio de signos como: vestimenta, música, gastronomia, etc.

Assim, segundo Haesbaert (2012), a escolha de viver esse hibridismo cultural se assemelha a viver em um contexto fronteiro, como um modo de “vida no limite”, “limiar” onde as identidades são “mestiças” e “ transculturadas”. O autor então defende esse processo de hibridização, e mais, acredita que o mesmo deve ser estimulado.

Neste sentido, acredita no fortalecimento das identidades, mas de forma positiva. Favorece o processo globalizador quando afirma que “as identidades não estão se diluindo com a globalização – podem até, pelo contrário, estar se fortalecendo, em formas tidas como reessencializadas [...]” (idem, 2012, p.29)

Com estas concepções sobre as fronteiras, principalmente as do extremo norte, apresentadas, algo bastante evidente é a falta de informação sobre esta região. A distância dos grandes centros possibilita no imaginário geral, a concepção negativa, ou ainda irrelevante, das áreas transfronteiriças como zonas de passagem. Compreender a dinâmica de fronteira é um exercício necessário para que se diminuam os preconceitos existentes a respeito dessas regiões.

Para Albuquerque (2012), a mídia reforça estereótipos acerca da fronteira como um lugar violento, uma terra sem lei e sem identidade definida. Todavia, sabe-se que, além da raiz histórica bélica e conflituosa imposta às fronteiras, acima disso, ela é constituída por histórias, narrativas e memórias daqueles que ali viveram e vivem, antes até das linhas limítrofes estabelecidas jurídico e politicamente.

Destarte, evidencia-se uma fronteira dúbia com duas concepções atribuídas, uma endógena, que parte dos que vivem nestas regiões, outra exógena, embasada no desconhecimento com padrões, muitas vezes, pré-definidos pela mídia. Segundo Martínez (2010) as dinâmicas inter e transfronteiriças podem tanto ser influenciadas pelos habitantes e grupos de pressão que vivem na própria fronteira como manifestada por meio das tecnologias de informação. Deste modo:

Ambas, al entrecruzarse, forman parte los detonantes que alteran el cerramiento territorial al traspasar las tradicionales fronteras políticas, vulnerar sus obstáculos materiales e inmateriales y trazar las rutas para los espacios de flujos, las redes de

movilidad, los intercambios, llegando a redefinir las interacciones entre ciudades y lugares a través de múltiples canales de comunicación<sup>8</sup> (MARTÍNEZ, 2010, p. 186).

Os espaços limdeiros carregam uma carga pesada de imagens negativas, a zona limítrofe está constantemente ligada às atividades ilícitas. Por este fato é classificada como uma área de risco aumentam-se os contingentes militares sob o pretexto da defesa nacional. Evidentemente, sabe-se da necessidade da proteção do território para segurança do país, porém, a fronteira não deve ser vista sob uma ótica unifocal do “nós” onipotente e ameaçado e do “outro” estranho e perigoso.

Observar as fronteiras, principalmente as do extremo norte, por prisma cultural é uma atividade essencial, inclusive se para se pensar o desenvolvimento transfronteiriço. Por ser uma região de passagem em sua concepção, o contexto fronteiriço é dinâmico e a partir desta égide se enxerga na intensa mobilidade do local uma oportunidade. Algo já inerente para os que residem nas cidades-gêmeas de Pacaraima e Santa Elena de Uairén, porém exogenamente desconsiderado.

### **1.3 - A cultura fronteiriça: Roraima e suas fronteiras amazônicas**

Ao retomar a diversidade cultural amazônica como aquela que mescla tanto nativos como colonizadores, além da enorme variedade linguística, que vai das línguas indígenas, passando pelos idiomas como português, o inglês, o holandês, o francês e o espanhol, até os dialetos hindus e crioulo, percebe-se o vácuo de estudos sobre essa composição cultural. A tríplice fronteira mais setentrional do território brasileiro é praticamente obsoleta, há poucas abordagens sobre região e é ainda menor a parcela que abarca as questões culturais, campo rico e pouco explorado pelos pesquisadores amazônicos.

Desta forma, para estudar a questão cultural amazônica deve-se levar em consideração que o extremo norte brasileiro é contemplado por uma enorme miscigenação. Uma parcela no surgimento dos caboclos pode ser considerada como uma herança da colonização portuguesa na Amazônia, no entanto esta não ocorreu por meio de um processo natural, pois houveram fins políticos neste processo (RIBEIRO, 1995).

---

<sup>8</sup> Ambas, a cruzarem-se, fazem parte dos atores que alteram o espaço territorial ao cruzar as tradicionais fronteiras políticas, ultrapassar seus obstáculos tangíveis e intangíveis e traçar rotas para espaços de fluxos, redes de mobilidade, o intercâmbio, chegando a redefinir interações entre as cidades e lugares por meio de múltiplos canais de comunicação. (Tradução própria)

A formação cultural de cada país constituinte da tríplice fronteira Brasil-Guyana-Venezuela possuem raízes culturais convergentes, como a indígena, com etnias comuns aos três países; como distintas, herança dos colonizadores. Contudo, a análise identitária, as dessas três nações, mesmo delimitada à faixa de fronteira, é de complexa definição, pois deve-se levar em consideração que há imigrantes de outros países, ainda a migração doméstica.

A tríplice fronteira é uma região cosmopolita no sentido que permite a convivência com inúmeras culturas e tradições que se construíram no decorrer da história. E como as grandes cidades do mundo, com a diferença de situar-se marginalizada na sociedade internacional, atualmente, também enfrenta desafios sobre como lidar com essa multiculturalidade. (CAMARGO, 2011, p.3)

Sendo assim, analisar as fronteiras da região exige do pesquisador uma visão panorâmica e um entendimento holístico da conjuntura amazônica, despir-se de sentimento ufanista de enxergar a Amazônia como um patrimônio estrita e unicamente brasileiro. Posteriormente, entender que a fronteira (ou as fronteiras) tem múltiplas e diversificadas definições, assim, ponderar as análises de discurso envolto dos conceitos de fronteira torna-se um exercício primordial.

No contexto fronteiriço, conscientiza-se sobre a fronteira não apenas como o lugar de limite e segregação. Dentro deste cenário convivem várias culturas, dos colonizadores aos migrantes nordestinos, com destaque para os povos indígenas que como originários da região carregam consigo a cultura tradicional e multicultural embasada em diversas etnias que residem em Roraima, assim explicita o papel do conhecimento como promotor da “respeito pelas diferenças e compromisso com a vida”. (REPETTO, 2012, p.28)

O fenômeno da interculturalidade já é consolidado na contextura roraimense, haja vista sua localização limítrofe brasileira com a Guyana e Venezuela. Eventos de interação cultural entre os três Estado ocorrem nas cidades da faixa de fronteira, principalmente Boa Vista, Pacaraima e Bonfim, constata-se guyanenses e venezuelanos morando em Roraima, a recíproca também ocorre, algo que se apresenta de uma maneira tão cotidiana, que acaba por tornar-se natural.

Roraima com uma superfície de 230.101 km<sup>2</sup>, tem os limites Norte/Nordeste com a Venezuela, o Leste com a Guyana. Um estado amazônico de características particulares, aqueles que acreditam num desenvolvimento linear da região amazônica, ao se depararem com o processo de evolução histórica roraimense podem ficar surpresos.

O recorte histórico utilizado para confeccionar este panorama vai do início do século XX até o tempo presente, no qual observou-se transformações no contexto roraimense em diversos âmbitos, tais como político, econômico e cultural. Neste ínterim constata-se mudanças significativas para o estado e este esforço intelectual torna-se necessário para compreender a realidade local e para desmistificar os estereótipos que incidem sobre Roraima.

Antes de adentrar no marco histórico abordado, observa-se que a história de Roraima é marcada por mitos, muitos conquistadores se propuseram a desbravar a região em busca do famoso *El dourado*.

Ao se estabelecer uma linha histórica da ocupação portuguesa até o presente, observa-se o trajeto do arranjo que conformou com a atual conjuntura socioeconômica roraimense. Impulsionada pela busca por ouro, Portugal organizou expedições que tinham como principal objetivo estabelecer o monopólio territorial da região, haja vista que havia interesse de outras nações nas terras das Guianas, na qual acreditavam ser ricas em metais preciosos, tão cobiçados pelos Estados-nação da época.

Salvaguardados pelo princípio jurídico do *Uti Possidetis - Ita Possideatis*, a soberania portuguesa passa a ser reconhecida na região amazônica. Entretanto, deve-se estar ciente:

Essa divisão luso-hispânica dos primórdios amazônicos não significa, contudo, que não tenha havido intercâmbio e influência recíproca entre os dois impérios ibéricos e depois dos países que os sucederam na partilha de soberania do condomínio amazônico. (BENCHIMOL, p. 109, 2009)

O marco inicial dessa linha histórica se estabelece no ano de 1639, quando Pedro Teixeira dava nome ao rio Branco, no entanto consolidação da presença portuguesa na região ocorre com construção do forte São Joaquim em 1775. Após violentas tentativas do controle das terras às margens do rio Branco por meio do aldeamento de indígenas, os portugueses e os espanhóis (em algumas regiões da Amazônia internacional) decidiram então povoar a região introduzindo o gado e formando fazendas.

Foi a partir dessas formas de povoamento que a situação se tornou propícia para a vinda dos colonos, assim ocorria a gênese da urbanização em Roraima, partindo da área que no futuro se tornaria a capital do Estado, a cidade de Boa Vista. No ano de 1858 é criada a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, como forma de institucionalizar o controle do Império, já então, brasileiro na região do rio Branco.

Com mudança do regime monárquico para o republicano, em 9 de julho de 1890 a então freguesia é elevada à categoria de município, no qual foi intitulado de Boa Vista do Rio

Branco, com uma população estimada de mil habitantes não índios. No início do século XX a extensão territorial que compreendia o que viria ser o estado Roraima era composto por 2 municípios: Boa Vista do Rio Branco e Catrimani (hoje Caracaraí), mais parte dos municípios de Moura e Barcelos, do Amazonas.

Em 1943, no governo do Presidente Getúlio Vargas, são criados cinco novos territórios federais, dentre eles o Território Federal do Rio Branco, que em 1962 seria renomeado Território Federal de Roraima. Com impulso estatal, o apogeu da atividade do garimpo e implementação das comunidades agrícolas, iniciou-se um novo ciclo de urbanização, no que seria mais tarde o estado de Roraima,

Assim, a ideia do surgimento compromete-se com a formação, origem e constituição, sendo essas condições o princípio da consolidação do urbano roraimense como lugar de concentração da população, após essas terem permanecido nas aldeias, nas fazendas, nas corrutelas e nos povoados. (ROCHA, SILVA, 2012, p. 47)

Nos governos militares houve, sob a bandeira do “integrar para não entregar” houveram uma série de iniciativas para desenvolvimento da região amazônica, no que cerne Roraima, os principais empreendimentos foram a construção da ponte dos Macuxis, concluída em 1975, da BR-174 em 1977 e da BR-401 em 1978.

Em 1988, com a nova Constituição, Roraima e Amapá mudam de status e passam a condição de estados federativos, em 1990 ocorrem as primeiras eleições para governador e deputados estaduais, já em 1991 o cargo de primeiro governador da nova unidade federativa é assumido por Ottomar de Sousa Pinto. (SILVA JR, 1994 *apud* MAGALHÃES, 2008)

“Os projetos de colonização só se efetivaram a partir da construção dessas rodovias federais , o que marca o início de uma nova fase” (MAGALHÃES, 2008, p. 114) Deste modo, explicita-se que o processo de povoamento do estado de -Roraima foi fortemente impulsionado pela força estatal, o processo de transformação de Território Federal para Unidade Federativa atraiu um enorme contingente migrantes intra e extra regional (principalmente nordestinos), esse salto na taxa de migração esteve intimamente ligada a dois fatores: a atividade de garimpo e a oferta de empregos públicos.

Neste sentido, após essa contextualização histórica se pode analisar o processo da formação sociocultural roraimense como o resultado da miscigenação das três etnias básicas que compõem a população brasileira: o índio, o europeu e o negro, formando, assim, os mestiços da região (caboclos). Posteriormente, sofreu influência dos migrantes nordestinos, formando uma diversidade cultural singular, caracterizando costumes, valores e modos de vidas do Estado.

Quando se aborda a formação socioeconômica local, assim como ocorreu no contexto nacional, há de ser observada uma sociedade multiétnica e multicultural. Todavia, mais que uma forte presença de imigrantes, a composição migratória do estado de Roraima é essencialmente brasileira. Sua construção indenitária é em grande parte, uma mescla da cultura indígena nativa com a dos migrantes nordestinos.

Segundo dados do IBGE (2010) a região norte possui a maior taxa de crescimento populacional, todavia com a menor densidade demográfica. No caso roraimense, num período de dez (2000-2010) anos houve um crescimento de aproximadamente 45%. FPM é calculado com base nesta estimativa.

No caso roraimense, observa-se um hibridismo cultural, como relata Vale (2009):

As características identitárias de todos estão sendo assimiladas, hibridizadas, compondo uma cultura que contribuirá na formação social do sujeito roraimense, que sem perceber acumula identidades e reformula a sua, numa complexa teia de redes sociais que se forma na pluralidade de culturas hibridizando o território e os sujeitos.

Deste modo, analisa-se a formação populacional como predominantemente exógena, no sentido de composta por uma maioria de migrantes em detrimento dos nascidos em solo roraimense. O quadro elaborado por Vale (2009) com base em dados coletados, demonstra essa predominância do migrante, no que consta os chefes de família na cidade, pôde ser observado na tabela a seguir:

Tabela 3 - Chefes de família economicamente ativos residentes na área urbana de Boa Vista: Naturalidade/2003

Naturalidade	Total
Maranhão	12.458
Roraima	10.978
Pará	3.670
Amazonas	3.632
Ceará	2.806
Piauí	1.463
Paraná	574
Rio G. Norte	490
Paraíba	479
Pernambuco	449
Tocantins	427
Minas Gerais	413
São Paulo	403
Rio G. Sul	384
Goiás	352
Bahia	344
Rondônia	330
Rio de Janeiro	296
Acre	237
Mato G. Sul	187
Mato Grosso	176
Espírito Santo	131
Santa Catarina	99
Alagoas	87
Distrito Federal	72
Sergipe	41
Amapá	34
Total	41.012

Fonte: VALE, 2012

Confabulando com o este quadro, observa-se a composição humana de Roraima em relação às principais correntes migratórias para Roraima, demonstrada na tabela abaixo, embasada em dados do IBGE:

Tabela 4 - Principais correntes migratórias para Roraima

<b>ESTADOS</b>	<b>PORCENTAGEM DE MIGRANTES EM RORAIMA</b>
<b>Amazonas</b>	25,20 %
<b>Ceará</b>	13,95 %
<b>Maranhão</b>	27,39 %
<b>Pará</b>	6,61 %
<b>Paraná</b>	1,81 %
<b>Piauí</b>	3,74 %
<b>Rio Grande do Norte</b>	2,91 %
<b>Rio Grande do Sul</b>	2,93 %

Fonte: IBGE *apud* FREITAS (2009)

No que concerne aos fatores econômicos, nota-se uma economia ainda jovem e inexperiente, com um polo industrial ínfimo, um estado basicamente sustentado por repasses públicos. Essa característica rendeu à economia do estado o título de “economia do contracheque”. Entende-se como economia do contracheque, termo popular dado à economia roraimense, como um modelo resultante da circulação exclusiva dos valores dos valores pagos aos servidores públicos e aos empregados privados do comércio em forma de salários;

Tabela 5 - Empregabilidade em Roraima

<b>SETORES DE PRODUÇÃO</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Primário	35.669	51.041	42.915
Secundário	20.181	23.638	30.785
Indústria de Transformação	8.415	9.196	30.785
Construção	9.673	12.188	16.333
Serviços	92.490	99.904	119.740
Comércio e Reparação	24.159	27.187	31.312
Administração Pública	20.759	19.630	24.954
Serviços Domésticos	12.401	12.219	13.844
<b>TOTAL</b>	<b>148.340</b>	<b>174.583</b>	<b>193.440</b>

Fonte: IBGE-PNAD – 2006 *apud* FREITAS (2011)

A tríplice fronteira na qual Roraima faz parte é composta pela fronteira ao Norte e a Noroeste com Venezuela e a Leste e Nordeste com a Guyana. Assim, no contexto roraimense estas cidades gêmeas são Bonfim no Brasil e Lethem na Guyana, Pacaraima (BV8) no Brasil e Santa Helena de Uairén na Venezuela.

Com a pesquisa focalizada na área limítrofe entre Venezuela e Brasil, a relação entre as cidades de Pacaraima, no lado brasileiro, e Santa Elena de Uairén, na Venezuela, é analisada culturalmente, mas por viés mais desenvolvimentista. Assim, para que se compreenda o possível desenvolvimento cultural desta região fronteiriça.



Figura 4 - Mapa da Tríplice Fronteira Brasil-Guyana-Venezuela



Fonte: <http://www.economist.com/node/8525813>

Delimita-se, então, o espaço geográfico da pesquisa, portanto à sub-região Campos do Rio Branco (vide mapa 3) onde está localizada a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guyana. Localizada no centro da Amazônia Caribenha<sup>9</sup>.

A presente tríplice fronteira é um uma região de distinta do país e do próprio contexto amazônico, onde as paisagens geográficas se diferenciam das florestas equatoriais amazônicas, desenhadas por serras e montanhas, numa região conhecida como Planalto das Guianas.

Merece destaque o Monte Roraima, como o ponto mais alto de Roraima, com 2.734,06 metros de altura, onde se encontra fisicamente o encontro entre três nações sul-americanas.

<sup>9</sup> “Amazônia Caribenha é todo o território da Ilha das Guianas que compreende o litoral Atlântico Norte entre o delta do rio Orinoco (Venezuela) e do rio Amazonas, pela margem esquerda do rio Amazonas e do rio Negro, pelo Canal de Cassiquiare (Brasil/ Venezuela) e a margem direita do rio Orinoco. Faz-se necessário reinterpretar o processo histórico-cultural da Amazônia Caribenha, observando o Tratado de Tordesilhas como primeiro documento na literatura histórica que celebrou o acordo entre os reinos Ibéricos (Espanha e Portugal) na delimitação das fronteiras no Novo Mundo. Com o processo de colonização européia, o Novo Mundo foi denominado de América, cuja fronteira foi reorganizada em três grandes regiões: Norte, Central e Sul. Amazônia Caribenha é um território ao Norte da América do Sul e que no processo de colonização foi dividido entre cinco países amazônicos: Brasil, Venezuela, Guayana, Suriname e Guayana Francesa” (OLIVEIRA, 2011)

Sua maior porção se encontra no território venezuelano (cerca de 85%), com segunda maior encontra-se na

(cerca de 10%) e com a menor parcela o Brasil (cerca de 5%). Com estas apresentações iniciais, focaliza-se na zona de fronteira entre Brasil e Venezuela, nas cidades-gêmeas Pacaraima e Santa Elena de Uairén. Sabendo da abordagem por prisma do desenvolvimento cultural.

Desta forma, para se compreender a configuração cultural em uma região marcada essencialmente, ao menos na região fronteira Brasil-Venezuela, por um elevado dinamismo transitório, torna-se necessário definir os motes metodológicos da pesquisa. Assim, o presente capítulo dedica-se a estabelecer um parâmetro de abordagem, embasado em arquétipos teóricos. Como forma basilar para o próximo capítulo, define-se cultura. “Conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade no curso de sua história” (ROSENTAL, IUDIN, 1950 apud SODRÉ, 2003).

*“A noção de “choque cultural” enfatiza os aspectos desagradáveis de cruzar fronteiras culturais. Porém, tendo se esforçado ao máximo para superá-las, segue-se a empolgação da descoberta.”*

*(Peter Metcalf)*

## Capítulo 2

### CULTURA E DESENVOLVIMENTO: AS DIMENSÕES DOS EMPREENDIMENTOS CULTURAIS

Cultura é um fenômeno complexo e integral (holístico), é visto como um *todo* e em *partes*, os as partes (na qual se atribui o nome de dimensões) são componentes menores que o fenômeno global. Em outras palavras, a soma das *partes* (dimensões) é menor que o *todo*. É uma ótica caleidoscópica, que ilumina partes deste fenômeno global da cultura.

Definiu-se um padrão que parte de uma perspectiva embasada em quatro dimensões nas quais se pode observar a cultura por diferentes prismas. Portanto, amplia-se as perspectivas, mas no mesmo sentido delimita o amplo campo dos estudos culturais e objetiva as pretensões do projeto.

O universo cultural, deste modo, é esquematizado em quatro diferentes prismas, sendo cada um deles movidos por forças verticais e horizontais, uma endógena, por ser intrínseca ao objeto de estudo, e outra exógena, por ser em seu âmago externa ao objeto de estudo. À estas diferentes óticas de cultura se aferiu o nome de dimensões: a sociológica, a antropológica, a economia e a política.

Antes de adentrar nas quatro dimensões, é necessário compreender a sua relação com o desenvolvimento, sendo este um objeto de estudo multifocal, porém com o fim de elevar o potencial humano. Quebrar paradigmas em relação à efetividade das ferramentas culturais é primordial para a compreensão desta como um ator desenvolvimentista.

O fator cultural está inserido, ainda que de modo tímido nas políticas públicas, todavia, as manifestações culturais têm pouco destaque como nos efetivos socioeconômicos. Quando se estabelece uma cronologia da inserção do fator cultural no planejamento estratégico dos Estados, nota-se a demanda tanto pública quanto privada, mas principalmente a popular por maior oferta e acesso aos bens culturais

## 2.1 – A cultura como desenvolvimento

A partir da década de 1960 as revoluções, tanto sociais quanto culturais, eclodiram em ambos os megabloco formados na época, comunista e capitalista. Observava no Ocidente o surgimento do *rock 'n roll*, ascensão do movimento hippie no festival de Woodstock em 1968, a campanha pacifista contra a guerra do Vietnã. Neste ínterim estouravam manifestações populares, na antiga Tchecoslováquia, Europa Oriental, que exigiam mudanças no país. Os tchecos saíam às ruas para pedir pela independência do país no Pacto de Varsóvia, e contaram com a simpatia do novo dirigente do Partido Comunista, Alexander Dubcek.

Os sistemas vigentes, nos dois blocos procuraram conter os movimentos de oposição. Em agosto de 1968, tanques soviéticos tomariam as ruas da capital da Tchecoslováquia para pôr fim a um período liberal conhecido como *Primavera de Praga*. “A Primavera de Praga, coincidindo com as revoltas dos estudantes no Ocidente, demonstrou a existência de uma espécie de parentesco entre as duas Europas” (ARON, 1987, P. 162).

No mesmo ano, inspirados por Marcuse, jovens universitários franceses iriam protestar contra os malefícios e a hipocrisia presente na sociedade da época. Estas ideias chegariam também ao Brasil nos meados dos anos 1960. A “Grande Recusa” proposta por Marcuse fora facilmente aceita pelos universitários brasileiros que estavam com uma “impaciência revolucionária” em relação à Ditadura Militar. As idéias do autor serviram de inspiração para uma versão tropicalista da *Kulturkritik* (contracultura). Em um segundo momento, em meados dos anos 1970, uma figura entra no cenário crítico-cultural brasileiro, Sérgio Paulo Rouanet, adepto das idéias marcusianas, defende a racionalidade nas artes.

O estudo da cultura nas relações interestatais passa a ganhar espaço. A cultura conquista seu espaço nas agendas políticas internacionais e os países percebem a importância de se conhecerem mutuamente. O viés cultural se solidifica como um importante mecanismo na manutenção estabilidade no Sistema Internacional e na construção de relações harmoniosas.

“As desconfianças e rivalidades artificiais se dissipam quase automaticamente quando há maior grau de conhecimento motivações e singularidades do outro” (BARROS, 1995). Se a cultura se manifesta por meio das artes, a sensibilidade das expressões artísticas ajuda no conhecimento mútuo e auxilia na manutenção da paz.

Nesse sentido, consente-se que o comércio tem a capacidade de aproximar e a cultura estreitar relações entre os países. Mas a “Cultura é, sem dúvida, um link essencial que aproxima valores humanos e espirituais. Não há outro processo de integração que sem a

interação da população.” (Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da Quarta Bienal de Artes Visuais do Mercosul – Porto Alegre, 5 de outubro de 2003).

Cultura e patrimônios culturais devem ser vistos também como elementos que geram renda e emprego, inclusão social, cidadania, crescimento individual e coletivo, a participação massiva no processo de globalização. Nesta dupla condição, um homem no governo não pode falhar em entender o papel fundamental que a cultura e as produções culturais possuem no contexto das negociações econômicas e políticas nos dias atuais, tanto no ambiente doméstico dos países quanto nas relações internacionais. (Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura do Fórum Cultural Mundial – São Paulo, 29 de junho de 2004)

Quando se disserta acerca da relação entre desenvolvimento e cultura é importante ressaltar o papel da Organização das Nações Unidas (ONU) por meio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Após as duas grandes guerras evidenciou-se a falta de organismos que assegurasse a diversidade cultural, por acreditar que o conhecimento de outras culturas propiciaria o respeito mútuo e diminuiria os conflitos entre as nações.

Sabendo do papel fundamental do Estado para as relações culturais, nota-se que estas obtiveram mais importância na medida em que eram asseguradas por convenções, tratados e organizações internacionais. Com base no material de apoio desenvolvido pela própria UNESCO sobre cultura e desenvolvimento: *“Culture –as well as cultural diversity and freedom– has also been the object of investigation and interest as a necessary element for the full development of people and communities”*

Desta forma, é relevante citar que temas como a diversidade cultural dos povos é uma premissa assegurada pela Carta Universal dos Direitos Humanos de 1948:

**Artigo XXVII.** 1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor. (Carta Universal dos Direitos Humanos, 1948, p.13)

Dentro deste consentimento, em 2001 é aprovada a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural *aprovada na 31ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)*, **reafirmando os compromissos internacionais anteriores sobre questão da diversidade cultural.**

*Afirmando* que o respeito à diversidade das culturas, à tolerância, ao diálogo e à cooperação, em um clima de confiança e de entendimento mútuos, estão entre as melhores garantias da paz e da segurança internacionais, [...]. (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2002, p.2)

São definidos oito conceitos acerca do universo cultural, assim na presente pesquisa, esses conceitos são compreendidos segundo o artigo 4º da Convenção citada acima:

1. **Diversidade Cultural** "Diversidade cultural" refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados.
2. **Conteúdo Cultural** "Conteúdo cultural" refere-se ao caráter simbólico, dimensão artística e valores culturais que têm por origem ou expressam identidades culturais.
3. **Expressões culturais** "Expressões culturais" são aquelas expressões que resultam da criatividade de indivíduos, grupos e sociedades e que possuem conteúdo cultural.
4. **Atividades, bens e serviços culturais** "Atividades, bens e serviços culturais" refere-se às atividades, bens e serviços que, considerados sob o ponto de vista da sua qualidade, uso ou finalidade específica, incorporam ou transmitem expressões culturais, independentemente do valor comercial que possam ter. As atividades culturais podem ser um fim em si mesmas, ou contribuir para a produção de bens e serviços culturais.
5. **Indústrias culturais** "Indústrias culturais" refere-se às indústrias que produzem e distribuem bens e serviços culturais, tais como definidos no parágrafo 4 acima.
6. **Políticas e medidas culturais** "Políticas e medidas culturais" refere-se às políticas e medidas relacionadas à cultura, seja no plano local, regional, nacional ou internacional, que tenham como foco a cultura como tal, ou cuja finalidade seja exercer efeito direto sobre as expressões culturais de indivíduos, grupos ou sociedades, incluindo a criação, produção, difusão e distribuição de atividades, bens e serviços culturais, e o acesso aos mesmos.
7. **Proteção** "Proteção" significa a adoção de medidas que visem à preservação, salvaguarda e valorização da diversidade das expressões culturais.  
"Proteger" significa adotar tais medidas.
8. **Interculturalidade** "Interculturalidade" refere-se à existência e interação equitativa de diversas culturas, assim como à possibilidade de geração de expressões culturais compartilhadas por meio do diálogo e respeito mútuo.

Como meio de assegurar a identidade cultural dos povos em um ambiente internacional cada vez mais globalizado, é assinada em novembro de 2005 a Convenção sobre a proteção e a promoção da Diversidade das Expressões Culturais:

*Constatando* que os processos de globalização, facilitado pela rápida evolução das tecnologias de comunicação e informação, apesar de proporcionarem condições inéditas para que se intensifique a interação entre culturas, constituem também um desafio para a diversidade cultural, especialmente no que diz respeito aos riscos de desequilíbrios entre países ricos e pobres, [...] (Convenção sobre a proteção e a promoção da Diversidade das Expressões Culturais, 2005, p.2)

Remete-se, desta maneira, a Amartya Sen, o autor defende “desenvolvimento como liberdade” (2000) e enfatiza o papel primordial da educação como fator de mudanças sociais e econômicas. Dentre outros fatores, Sen relata fatores como redução da fertilidade, a

emancipação das mulheres, maior estatuto social; maior independência; melhor conhecimento do mundo exterior e maior aptidão para influenciar as decisões comuns.

Em termos práticos: desenvolvimento econômico (força de trabalho) + desenvolvimento social (educação) = maior liberdade. Assegurar as liberdades individuais e desta forma promover a diversidade cultural é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento. Cultura é também desenvolvimento, na medida em que propicia benefícios nos mais diversos campos sociais e econômicos.

## 2.2 - As quatro dimensões dos empreendimentos culturais

Para se abordar sobre o desenvolvimento cultural arquitetou-se os esquemas das dimensões, pois é sabido das múltiplas facetas da cultura. Desde o princípio do capítulo ressalta que o universo cultural possui proporções holísticas, este arquétipo foi pensado como facilitador da pesquisa.

Essas dimensões, apesar de partirem em sentidos opostos, por estarem inseridos em um mesmo orbe acabam por convergir em determinados momentos. A força centrípeta endógena mantém as peculiaridades e semelhanças culturais de cada cidade-gêmea no contexto de fronteira, a força centrífuga exógena, por sua vez, explicita uma fronteira volátil com processos dinâmicos.

Observa-se, a semelhança com modelo quadridimensional de Malinowski (1997) no qual, o autor estabeleceu um esquema comparativo. Organizou seu pensamento em duas colunas, os imperativos instrumentais da cultura de um lado e as possíveis referências às respostas culturais aos imperativos do outro.

Tabela 6 - Modelo quadridimensional de Malinowski

IMPERATIVOS	RESPOSTAS
1. O aparelho cultural de utensílios e bens de consumo tem de ser produzido, mantido e substituído mediante nova produção.	1. Economia
2. O comportamento humano, no que se refere a preceitos técnicos, consuetudinários, legais ou morais, deve ser codificado e regulamentado tanto na ação como na sanção.	2. Fiscalização social

3. O elemento humano sustentáculo de todas as instituições deve ser renovado, formado, treinado e munido do completo conhecimento da tradição tribal.	3. Educação
4. No seio de cada instituição, deve definir-se a autoridade, conceder-lhe poderes e dotá-la dos meios necessários ao cumprimento coativo das suas ordens.	4. Organização política

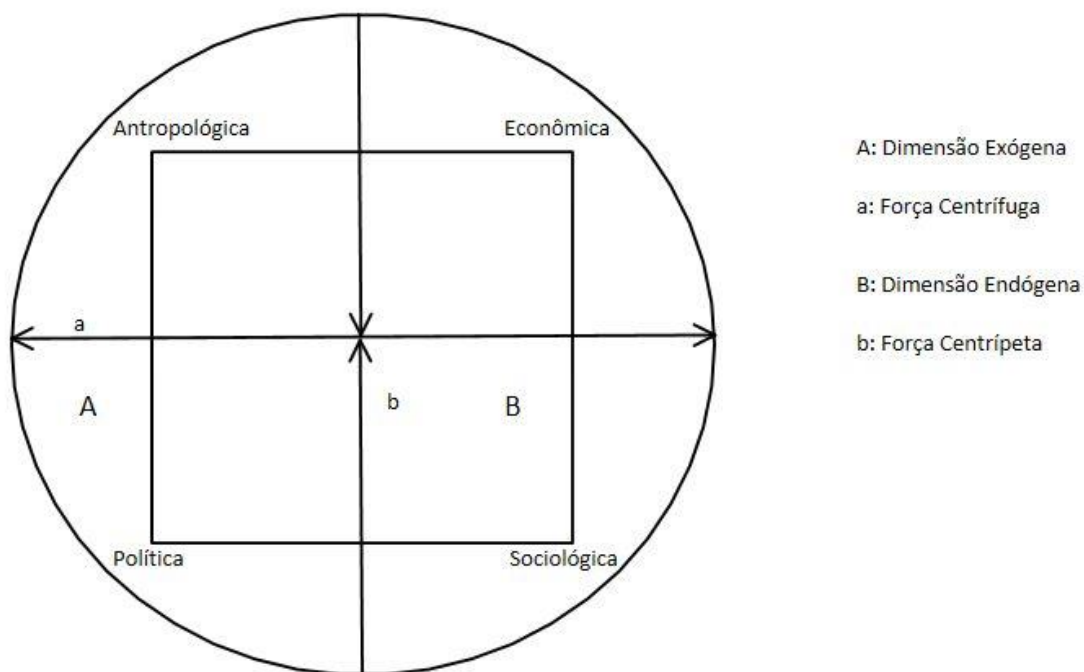
Fonte: Malinowski (1997)

Com esses modelos de enfoque constituídos, busca-se sistematizar as dinâmicas culturais transfronteiriças, partindo de um approach que mescla teorias e relatos com técnica metodológica. O esquema desenhado é um esforço conjunto entre orientado e orientador, a modo de facilitar a o desenvolvimento do empreendimento intelectual e permitir uma compreensão rápida e dinâmica.

A figura abaixo ilustra esse mecanismo dimensional proferido acima, com as dimensões endógenas e exógenas de forças centrípetas e centrífugas, respectivamente, convergindo para formar um esquema do dinamismo cultural na fronteira Brasil – Venezuela.



Esquema 1 - Estrutura Quadridimensional



Fonte: Autor

A partir desta etapa, com estes parâmetros definidos, parte-se para os próximos capítulos de natureza mais empírica com os limites teóricos estabelecidos. Assim, a cada dimensão é atribuída variáveis utilizadas para definir os campos de influência de cada dimensão bem como meio de entender o as principais características culturais da região abordada. A *Sociológica* sua formação sociocultural, a *Antropológica* os signos, a *Econômica* os insumos e a *Política* os atores.

### 2.2.1 - Dimensão sociológica

Inicia-se com dimensão social e suas acepções acerca da arte e da cultura, haja vista que escopo que engloba os estudos sociológicos é diverso. Com o foco nos estudos culturais da sociologia, busca-se compreender, não mensuração valorativa da arte, mas seu valor simbólico na formação social.

Há duas variáveis que serão utilizadas para abordagem desta dimensão e suas aplicabilidades em relação ao objeto de estudos. Em primeiro lugar, invoca-se a variável da estratificação social, como a divisão/segregação da sociedade em classes afeta a questão cultural quando desenvolvimento regional. Em segundo lugar, a formação social, o

sentimento de nacionalidade, o relacionamento de cada cultura nacional e como ela pode culminar em um processo de hibridização cultural.

Para Edgar e Sedgwick (2003) a vertente sociológica de estudos culturais é chamada de “sociologia do conhecimento e da cultura”. A concepção kantiana de estética é refutada neste desdobramento, o que é atemporalmente e consensualmente entendido como belo passa ser condicionada às sociedades nas quais esse bem artístico foi confeccionado.

Com a ascensão de mercado das artes, nos séculos XVII de XVIII, os produtos/bens artísticos serviam fortemente como estratificação social. A música, por exemplo, dependendo de seu arranjo poderia ser especificamente para um nicho social (ou para alguém que queria se identificar com algum nicho social), assim como identificava determinado grupo social, ou até região.

Mas seria a arte uma necessidade ou um luxo? Primeiramente, deve-se desmistificar a Arte, pois esta encontra-se tão atrelada às necessidades humanas físicas e espirituais de tal modo que não há como viver sem ela. Até mesmo nas atividades mais banais do dia-a-dia, em tudo a arte está envolvida. Mas a principal contribuição da arte para vida humana está presente na necessidade de comunicação (REINAUX, 1991).

O objetivo principal da obra de arte é senão transmitir “o recado” do artista para os que, de algum modo, a contemplaram. Neste sentido, “amigos, nenhuma obra de arte que não tenha tido origem de um pessoal e singular ato de escolha, o qual não poderá nunca se confundir com a pura mecanicidade, nem com o simples automatismo de instinto, nem como o simples acaso” (GALEFFI apud REINAUX, 1991, p.35).

Partamos para discussões mais aprofundadas acerca da influência de bens culturais/artísticos na sociedade. Até que ponto o livre acesso do que se considerava arte não era um mecanismo das elites para doutrinação e manutenção de seu poder? Seria esta uma forma de democratização das artes, facilitando o acesso de todos aos produtos artísticos nos quais antes eram exclusivos das elites?

Atenta-se para o modo subliminar no qual ocorre a delimitação de quem pode usufruir plenamente a esses bens. Salvo os casos resguardados por lei, como faixa etária para determinados produtos ou eventos, a lógica excludente da indústria cultural moderna ocorre de modo implícito. Quando se vislumbra a quantidade de cinemas, teatros, museus, galerias, espetáculos de dança, orquestras, dentre outras manifestações e espaços artístico-culturais nas áreas/bairros considerados nobres em comparação às periferias das grandes cidades, mais ainda entre o sul e o norte, no caso do Brasil.

A estratificação social em relação aos bens artísticos, apesar de não-convencionada, é evidente, na medida em que espectadores e consumidores de arte são segmentados por gênero, classe, cor, credo, orientação sexual, etc., contudo, este fenômeno não é recente, além do mais permanece forte até os dias atuais.

Quando se observa estas questões, infere a influência da cultura de massa na sociedade atual, pois seria esta uma das causas para desestímulo da presença e participação da população geral em programas culturais, como teatro, sarais, desfiles, concertos, e etc. Deste modo, desvela-se os conceitos da Comunicação Social de cultura de massa e indústria cultural, para entender como a mídia é um fator fundamental no âmbito cultural e pode auxiliar no sucesso de políticas públicas voltadas para este campo.

Fadul (1994), utiliza-se das ideias de Adorno e Horkheimer, nas quais explicitaram que a cultura de massa norte-americana era, no entanto, bem desenvolvida desde bem antes da alemã ou italiana, mas era voltada para massificação da cultura. No livro *Dialética do Iluminismo* anunciava a decadência da cultura no Ocidente por causa dos meios de comunicação de massa no início do século XX em contraponto com “eldorado cultural” que fora o século XIX.

Porém este era muito restrito e falacioso, uns poucos tinham acesso a cultura, enquanto outros muitos trabalhavam em regime semiescravo nas fábricas com minimizadas oportunidades de entretenimento. No livro *Indústria Cultural e Indústria de Massa*, Adorno e Horkheimer dedicam-se a mostrar a falta de seriedade nos grandes meios de comunicação, seja, eles jornais, revistas, televisão, dentre outros, que se preocupavam somente com as cifras econômicas e “manipulação das consciências”.

A gênese do conceito de Indústria Cultural se deu na Escola de Frankfurt, que na verdade era o Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt. Os pensadores “frankfurtianos” tinham enorme aversão por este conceito criado por eles, um deles, MARCUSE, afirmava que “a sociedade de massa contemporânea é uma nova forma de totalitarismo, só que muito mais perigosa, porque este totalitarismo não é percebido como tal.” (FADUL,1994)

Havia sempre a desconfiança dos novos veículos de comunicação, Baudelaire escreveu um artigo sobre uma exposição de fotos em 1857, no qual se mostrava intolerante em relação a fotografia como uma arte, achava que esta era uma destruição da cultura. A mesma intolerância sobre os novos meios culturais era exposta na medida em que estes surgiam, Adorno e Horkheimer se posicionavam contrários à ideia de cinema como uma arte.

Como já fora explicitado, a visão “frankfurtiana” em relação à Indústria Cultural se mostrou bastante negativa, só mais um meio de propagação do capitalismo, visto que a Escola de Frankfurt tinha forte influência do marxismo.

Primeiramente deve-se entender como a cultura se encontra nivelada nos dias atuais, pode-se dizer que há a cultura superior, média (*midcult*) e de massa (*masscult, inferior*). A primeira diferencia-se da segunda de acordo a pretensão do artista, que já direciona o seu público-alvo, a cultura de massa por sua vez não delimita quem irá acessá-la.

Vale ressaltar que esse nivelamento cultural não se iguala a divisão em classes sociais, apesar de que os indivíduos de classe alta têm maior probabilidade de acesso a uma cultura superior em relação ao de classe baixa. Deve-se diferenciar cultura popular, que é expressão de valores e costumes de uma sociedade, de cultura pop, que é a massificação da cultura.

Intersecciona-se a questão da cultura de massa com o processo de formação de um sentimento nacional identitário. Segundo Canclini (2013) a os veículos tecnológicos de comunicação: cinema, rádio e televisão desempenharam um papel fundamental para a instituição de padrões culturais nacionais, na medida em que o cinema mostrava o *modus vivendi* de uma sociedade, o rádio nacionalizava o idioma e a televisão unificava as entonações.

Desta forma, no que tange a dimensão social, principalmente na formação de sociocultural de determinada população, um conceito merece destaque para entendimento desse processo, este é o de identidade. Em um contexto transfronteiriço, surge a necessidade de se abordar a temática identitária, haja vista que possui grande influência na formação do Estados Nacionais. Para a compreensão desta correlação Estado-identidade, principalmente no campo epistemológico das Relações Internacionais (RI), utiliza-se o construtivismo.

Assim, fortemente influenciada na sociologia, surge a escola construtivista nas RI, com fundamentações teóricas embasadas nos textos de autores como Anthony Giddens, Peter Berger e Thomas Luckmann. Os principais autores construtivistas e precursores do construtivismo nas RI são: Nicholas Onuf, Friedrich *Kratochwil*, *Alexander Wendt*. (CASTRO, 2012)

Este campo teórico surge nas Relações Internacionais tardiamente, em um momento no qual a agenda de estudos internacionais englobava novos temas que não poderiam ser abordados somente pelo viés das teorias “tradicionais”. Neste sentido, evidencia-se o dilema entre o agente e a estrutura, para saber qual influenciava primordialmente o outro, assim a

perspectiva construtivista revela um debate, não mais metodológico, mas na verdade um conceito ontológico (MESSARI e NOGUEIRA, 2005).

Os acontecimentos sociais adquiriam cada vez mais relevância nos estudos das relações internacionais na década de 1990, na medida em que as questões étnicas foram responsáveis por fatos como a Guerra da Bósnia e o genocídio em Ruanda. Neste interim, é necessário citar que: “*Constructivism is about human consciousness and its role in international life*”<sup>10</sup> (RUGGIE, 1998 *apud* BARNET, 2008).

Com uma visão mais holística e estruturalista, a perspectiva construtivista, não nega o papel do Estado nas agências internacionais, mas reconhece que este agente possui certa autonomia, no que consta a capacidade de criar, mudar e reproduzir estruturas (BARNET, 2008).

Atenta-se, primeiramente, para transdisciplinariedade do construtivismo. Há quatro pontos convergentes nas retóricas construtivistas: o primeiro, ênfase no papel das ideias na vida social; o segundo, construção social dos agentes; terceiro, perspectiva analítica holística em detrimento à individualista; quarto, oposição entre as explicações causais e a premissa constitutiva, está embasada em condições pré-estabelecidas, aquela em condições que constituem o que o objeto representa (FEARON e WENDT, 2002 *apud* CAMARGO, 2009).

Com esses pontos de convergência estabelecidos, observa-se que o construtivismo possui análises diferenciadas de acordo com campo científico, com raízes filosóficas, sociológicas e metodológicas distintas. A fim de estabelecer compreensão dessas diferenciações, Emanuel Adler (2002, *apud* CAMARGO, 2009), propõe a divisão do pensamento construtivista em quatro categorias: modernistas; modernistas-linguistas; radicais e críticos.

Dessas diferentes abordagens construtivistas: a crítica, que propõe uma libertação de pensamento embasado na hermenêutica; os radicais, com a proposta de “desconstrução”, acreditam não haver formas efetivas de explicar a realidade social; os modernistas-linguistas, acreditam na construção social sob uma perspectiva influenciada pelo discurso; os modernistas, corrente na qual Adler se inclui, buscam combinar a hermenêutica objetiva com o interesse um pouco mais conservador, de modo que explique a como os mecanismos causais e constitutivos atuam nas relações internacionais (*idem, ibidem*)

---

<sup>10</sup> Tradução nossa: “Construtivismo é sobre a consciência humana e seu papel na vida internacional”

É nesta última abordagem construtivista que se pode considerar incluso Alexander Wendt, que trouxe à tona vários temas, mas cabe citar neste marco teórico, a identidade. Para o teórico, esta é formadora do interesse nacional, “*Identities are the base of interests [...]*”<sup>11</sup> (1992, p.398), pois acredita que o mundo é socialmente construído.

Deste modo, observa-se que Wendt acredita na identidade como um pressuposto à formação dos Estados, assim os interesses nacionais tornam-se difusos, não somente na manutenção do *status quo* e no aumento de poder como acreditam os realistas. Surge, portanto, a necessidade de se abordar a questão estatal em nível doméstico, ou seja, endogenamente.

A identidade pessoal e afirmação social não dependem da estrutura formalizada estatal, em princípio, o Estado fora se desenvolvendo ao longo do tempo, mas emoldurado pela organização de sociedades (MARTINS, 2005). Para o professor Estevão Martins, “A construção (ou, para alguns, desvelamento) da identidade constitui-se em um passo essencial da legitimidade do seu histórico das coletividades”. (2005, p.31).

Todavia, o objetivo buscado com a pesquisa é de caráter cooperativo, a perspectiva identitária neste trabalho é apresentada como concepção “interativa” da identidade e do eu (MEAD, COOLEY apud HALL, 2006a). Deste modo, traz-se este modelo para âmbito internacional, como esforço de interação entre as sociedades nacionais.

Ainda que Wendt se dedique a explicar o papel das identidades nacionais na formação dos Estados, torna-se necessário uma explicação do termo. Neste sentido recorre-se a Stuart Hall (2006a), que se dedica em distinguir a concepção de identidade em três categorias: a) sujeito Iluminismo; b) sujeito sociológico e; c) sujeito pós-moderno. (p.10)

A primeira centrava-se na identidade pessoal e individualizada; na segunda, o aspecto social é inserido como característica identitária, assim acredita haver identidades coletivas que dialogam entre si; por fim, a terceira, altamente influenciada pela conjuntura globalizada atual, na qual: “O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006a, p. 12).

Sobre a formação sociocultural urbana, nota-se a função da coletividade como força motriz no processo de sociabilização. Para Durkheim (apud METCLAF, 2015), a

---

<sup>11</sup> “Identities são as bases dos interesses” (tradução própria)

sociabilidade se dá por meio das “representações coletivas”, estas se desenvolvem em um universo mediado por um sistema moral, regido por regras e normas sociais.

Quando se observa a cultura como um capital, no sentido de bem/patrimônio de um indivíduo ou coletivo, seja ele grupo, bairro, cidade, país; nota-se uma espécie de categorização das culturas. Por conseguinte, divide-se, seguindo a lógica capitalista, o público-alvo de determinados seguimentos artísticos- culturais.

Como herança da modernidade é dividida em elites e massas, que se confrontam de modo maniqueísta. Segue-se o modelo proposto por Canclini (2013, p.206):

Moderno = culto = hegemônico

Tradicional = popular = subalterno

Antes de aprofundar nos dados levantados e na vivência na cidade de Pacaraima, é relevante compreender por um prisma cultural o processo de urbanização, ou seja, enxergar a mesma como algo culturalmente construído. Para Florence (2010) o fenômeno urbano é um fenômeno cultural, na medida em que, além das dinâmicas materiais, observa-se conexões históricas, ligadas por diferentes modos de vida.

A ideia de cidade como fenômeno cultural poderia ser traduzida e sintetizada através da ideia de centralidade. Pensar a cidade como centralidade leva também a pensá-la como a possibilidade de encontro, de aproximação, de simultaneidade, de reunião, de câmbio e relações. Então, a cidade como fenômeno cultural é, sobretudo uma cidade que centraliza as criações humanas. (SERPA, 2010, p. 29)

Parte-se então para a segunda dimensão, denominada antropológica por englobar os signos e significados que concedem a identidade cultural de uma sociedade, seja ela delimitada em um espaço geográfico, ou não. Este simbolismo cultural é de fundamental importância para entender a formação de padrões culturais, que influenciam todas as dimensões.

### **2.2.2 - Dimensão antropológica**

Para se compreender a natureza da cultura, torna-se pertinente neste trabalho recorrer a conceitos antropológicos, sabendo que esta área do conhecimento se divide em física, o papel do ambiente na fisionomia humana, e cultural, hoje amplamente aceita como fundamental para os estudos sociais. Deste modo, a antropologia cultural é utilizada como conceito para abordar as diferenciações e principalmente as similaridades e interações de sociedades.

Sobre esta dimensão, as variáveis apresentadas são o da cultura imaterial e da alteridade. Na primeira são observados os símbolos, os valores e costumes. A segunda por sua vez analisa a relação do “eu” e do “outro” numa perspectiva multifocal do *outsider* e o *insider*.

Embasada nos trabalhos de antropólogos e teóricos como Marcel Mauss (1872-1950), Franz Boas (1858-1942), Bronisław Malinowski (1884-1942), E. E. Evans-Pritchard (1902-1973), Alfred Radcliffe-Brown (1881-1955), Ruth Benedict (1887-1948), Margaret Mead (1901-1978), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Peter Winch (1926-1997), utiliza as teorias funcionalista e estruturalista para abordar diferentes culturas. Deste modo, a antropologia cultural, partiu estudos mais gerais, passando por pesquisas empíricas, utilizou-se métodos comparativos e explicativos para explicar o comportamento de povos distintos, porém observa-se uma abordagem mais externa, menos comparativa, para que assim, se possa celebrar a diversidade nos estudos culturais (EDGAR; SEDGWICK, 2003).

Roque de Barros Laraia (2009), faz a síntese desta temática, ao mostrar que os homens preferem suas culturas em relação a outras, pois estão convencidos que seus costumes são melhores que outros. Cita autores como Heródoto (484 – 424 a.C) e Montaigne (1533 – 1572) que buscaram entender o comportamento singular de diferentes povos.

O autor explicita que a visão antropológica não acredita na retórica em que as diferenças genéticas sejam capazes de influenciar o modo no qual as culturas se manifestam de forma diferenciada em cada região e/ou país, relata sobre o dimorfismo sexual ter também traços culturais delimitador. Acredita desta forma, que o comportamento do indivíduo é recorrente a seu aprendizado, ao relatar sobre o determinismo geográfico e mostrar que este começou a ser abordado com teorias desenvolvidas, principalmente por geógrafos, no final do século XIX e início do século XX.

A partir da década de 1920 Boas, Kroeber, entre outros autores antropólogos, refutaram as teorias sobre a influência do posicionamento geográfico na formação cultural dos povos. Faz uso de três exemplos: os esquimós e lapões, os índios do sudoeste norte-americano e os índios xinguanos. Com isso mostra que ambos os conceitos de determinismo são equivocados, na medida em que o ser humano rompeu as limitações geográficas e biológicas ao tornar-se o único animal possuidor de cultura.

A partir dessa afirmação o Laraia (2009) empenha em conceituar, antropologicamente, o termo cultura ao fazer uma abordagem histórica, demonstra a origem da palavra cultura, com junção sintetizada de *kultur*, palavra de origem germânica com *civilization* de origem francesa, feita por Edward Tylor (1832 – 1917) no final do século



XVIII, no entanto já era abordado por Jhon Locke (1632 – 1704), Jacque Turgot (1727 – 1781) e Jean-Jacque Rousseau (1712 – 1778), todos estes abordavam o papel da educação na formação cultural do homem.

O autor citado acima atenta-se em discutir como opera a Cultura, mostra que herança cultural dos indivíduos acabou por fazê-los intolerantes em relação às pessoas que não seguem os padrões aceitos em suas famílias. Prova-se assim que o modo de ver o mundo é valorativo, ou seja, de acordo com as concepções de certo e errado de cada um, acredita-se que a sociedade vive o dilema dicotômico do “nós e o outro”.

Dessa forma, acredita que a cultura acaba por modificar biologicamente o indivíduo, as migrações são um modo simples de exemplificar, no entanto, observa-se o etnocentrismo e a criação da lenda da “raça pura”. Demonstra que as pequenas sociedades não possuem uma cultura estática, como muitos acreditam, elas se modificam, pois o ser humano, seja ele de qualquer etnia, tem capacidade questionar e seus próprios hábitos e costumes e se adaptar ao meio que lhe foi imposto (LARAIA, 2009).

Para se discutir a questão simbólica é necessária uma abordagem ontológica do conceito simbolismo. Por conseguinte, traz a definição de símbolo apresentada por Edgar e Sedgwick (2003), na qual este é entendido como “ (...) um **signo** ou ação de algum tipo usado para comunicar um **significado** para alguém em virtude de um conjunto compartilhado de **normas** ou convenções.”<sup>12</sup>(2003, p. 306)

Desta forma, pelo prisma da semiótica todo signo que gera algum significado, mas não por um processo natural. Assim, independentemente do valor estético atribuído a determinado símbolo, num contexto semiótico ele sempre estará transmitindo alguma informação relevante, aberta a diversas interpretações.

Essas diferentes perspectivas e interpretações propostas pela semiótica tornam-se necessárias para a compreender como diferentes culturas, no caso desta pesquisa em contexto fronteiriço composto por dois Estados nacionais. O modo como os signos são codificados, por meio do idioma, da arquitetura, religião, dentre outras particularidades ou semelhanças de cada nação, é de fundamental importância para identificar os padrões culturais das mesmas.

O processo cultural, perspectivado em qualquer das suas manifestações concretas, envolve sempre seres humanos que se relacionam entre si, de maneira precisa, ou seja, que se encontram organizados, que utilizam artefatos e que comunicam através da fala ou de qualquer tipo de simbolismo. (MALINOWSKI, 1997)

---

<sup>12</sup> Grifos dos autores

Todavia, ainda que hajam vários e diversos processos culturais, estes não são em sua totalidade diferentes, há de alguma forma uma característica mútua entre essas culturas. No caso de um ambiente fronteiriço, esta intersecção cultural acontece de maneira cotidiana, mesmo que cada sociedade tenha signos que as agrupa e define, identificando-os como nação.

O conceito de identidade é novamente abordado nesta dimensão, todavia em um contexto mais restrito aos simbolismos inerentes à formação cultural de uma sociedade, pois a dimensão social tangencia a relação da identidade com as dinâmicas sociais. Assim, por esta dimensão ser simbólica, se atenta aos atores que formam a identidade, em detrimento de suas influências na sociedade.

Mesmo que as questões culturais se estabeleçam principalmente no nível das relações humanas é necessário que se entenda também como a cultura permanece atuante nas relações estatais. Embasado em conceitos amplamente aceitos nas RI, como soberania, conflito, choque cultural, recorre-se a obra *Clash of Civilizations* de Samuel Huntington (2001). O autor descreve o ambiente internacional sobre uma perspectiva de amadurecimento cultural das diversas civilizações, na qual afinidades e atritos surgem de acordo com o paradigma cultural que os orientam, e do qual originaram.

Nas palavras de Huntington (2001), os motivos que desencadeiam conflitos, são de origens culturais. Acredita, portanto, que nas diferentes civilizações pode ocorrer afinidades ou atritos. Deste modo o conceito de civilização, para o autor, precede o Estado, que é formado por uma (casos raros) ou mais raízes civilizacionais.

Todavia, segundo Hall (2006a) a Nação não deve ser entendida apenas como uma entidade política, mas também capaz de produzir sentidos<sup>13</sup>. A nação, por conseguinte, é entendida como uma comunidade simbólica:

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais [...]. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. (HALL, p.50, 2006a)

A globalização, por sua vez merece destaque na formação das identidades, esta sucintamente pode ser sistematizada como processos de atuação global, que ultrapassa fronteiras dos Estados Nacionais, conectando comunidades e organizações através do espaço-

---

<sup>13</sup> Um sistema de representação cultural (HALL, 2006a)

tempo, em uma realidade interconectada (MCGREW, 1992 apud HALL, 2006a). Este fenômeno proporciona um contato mais veloz e efetivo entre as culturas nacionais, ademais, as interações entre essas culturas ocorrem bem anteriormente ao advento da globalização, como ele é entendida no contexto atual.

Desta forma, nas múltiplas concepções de identidade apresentadas por Hall (2006a), percebe-se uma espécie de transição em conceitos tangentes à cultura, de certo modo houve mudanças. O próprio fenômeno da globalização, indispensável no que concerne os estudos culturais atuais, propiciou que os indivíduos assumissem outras identidades em diferentes momentos.

Estas não mais estão centradas em um “eu” específico, as transformações de mentalidade propiciaram a “extração” das relações sociais dos contextos locais, elevando-as a um novo patamar, na qual as escalas de interação já não podem ser definidas somente pelo tempo e o espaço (GIDDENS, 1990, p.21 apud HALL, p. 16, 2006a).

Todavia, percebe-se ainda uma dicotomia entre os lados ocidental e oriental é originada principalmente pela falta de conhecimento do modo como aquele considerado o “outro”, ver e interpreta a realidade. Deste modo, embora não sejam abordadas nas correntes filosóficas orientais, a importância das mesmas, no contexto global, é inegável, haja vista, que:

(...) o termo ‘Oriente’ nem o conceito de ‘Ocidente’ têm estabilidade ontológica; ambos são constituídos de esforço humano – parte afirmação, parte identificação do Outro. O fato de que essas rematadas ficções se prestem facilmente à manipulação e à organização das paixões coletivas nunca foi mais evidente do que em nosso tempo, quando a mobilização do medo, do ódio e do asco, bem como da presunção e da arrogância ressurgentes – boa parte disso, relacionado ao islã e aos árabes de um lado, e a “nós”, os ocidentais, do outro – , é empreendimento em escala muito ampla.” (SAID, 2007, p. 13)

A respeito da construção identitária, uma das principais influências para formação cultural de Estado, segundo Hall (2006a), parte da cultura nacional. O sentimento de pertencimento à uma nação está inerente ao sujeito moderno, a ausência desta identificação se caracteriza em um sentimento profundo de perda subjetiva. (GELLNER, 1983, apud HALL, 2006a).

As questões de identidade costumam ser percorridas sob um espectro dicotômico do que se encontra “dentro” e o outro “fora”, analisando teoricamente, esta relação é conhecida como “*insider-outsider*”. Alfred Schutz (1964) (apud, FOSTER, 2012), retrata a imagem do *Estranho* como aquele que se insere (ou é inserido) em um ambiente e torna-se receoso sobre sua própria identidade ou de sua sociedade poderá ser mantida em sua nova vida social.

Contemporaneamente surgiu um movimento de cunho mais reflexivista, no qual alguns antropólogos passam a contemplar as suas próprias matrizes culturais, onde cresceram e/ou estavam inseridos, a essa nova vertente analítica foi atribuída a nomenclatura – “antropologia nativa”<sup>14</sup>. Por se tratar de um conceito puramente intrínseco, entende-se essa abordagem como “*insider*”.

Proponentes deste modelo de pesquisa antropológica, na qual se estudava a sociedade partindo-se de dentro da mesma, contra argumentaram a perspectiva dos antropólogos “outsiders”. Acreditavam que não se deveria abordar por sua representatividade, sim por suas expressões (FOSTER, 2012).

A perspectiva majoritariamente ocidental da ciência limita, em muitos casos, a visão do pesquisador. Buscar outras interpretações de mundo é dos principais desafios de enxergar pelo prisma da dimensão antropológica o ambiente cultural transfronteiriço, trazendo indagações e interpretações de sentido centrípeto, ou seja puxando-as endogenamente.

Como já abordado, é de conhecimento geral, permeado pelo senso comum, a ideia de fronteira como divisa. Atravessar a linha imaginária rumo ao desconhecido, significa deixar o conforto das semelhanças de encontro com as diferenças.

Nesse contexto, o idioma é um dos signos mais perceptíveis nesse “choque”, mesmo quando similares, carregam tanto questões simbólicas quanto institucionais. Ao se depara com outra língua, com palavras estampadas em placas e letreiros, significa estar fisicamente presente noutro país, vizinhos no caso brasileiro-venezuelano.

Para a pesquisa de cunho antropológico encontrou-se um campo desta ciência que contempla os idiomas. Aborda-se, portanto, a síntese estadunidense de antropologia conhecida como “abordagem dos quatro campos”, são eles: antropologia, antropologia cultural, antropologia física, antropologia linguística, para a análise em voga, somente a última será utilizada.

Por que focar no idioma como fator antropológico? Pois parte-se de uma premissa na qual acredita na linguagem ultrapassando sua função fonética, vinculada à heranças históricas e por expressar padrões comportamentais. Conceitos levantados por Edward Sapir (2015), defensor de uma análise mais pessoal da interação cultural, traz como exemplo a aplicação e

---

<sup>14</sup> Tradução própria para *native anthropology*

ensino da gramática, com seu rigor estético e formal, expressa de forma mais dogmática, como os padrões culturais são replicados, de forma mais figurativa no caso das artes.

Suscitar o idioma como um símbolo fundamental de um país é estar ciente que este parte de padrões de alfabetização, generalizadores de uma única língua vernácula (HALL, 2006a). Este processo é fundamental para uma homogeneização cultural, neste caso, contribui diretamente para um sentimento de pertencimento a grupo ou sociedade.

Ainda sobre a questão linguística, contempla-se inclusive a situação dos migrantes e seus descendentes, com seus idiomas e costumes originais. Ao adentrar em qualquer Estado Nacional, até por questões de adaptação e sobrevivência, como demonstra Kymlicka (2010), ao utilizar o exemplo dos EUA e Austrália, no qual os imigrantes devem aprender o inglês para buscar a cidadania local e para os descendentes é obrigatório na alfabetização.

Quando se analisa antropologicamente uma nação, enxergar além de sua concepção política é um exercício necessário, como um organismo produtor de, um *sistema de representação cultural*. Assim, para Hall (2006b), a *ideia de nacionalidade*<sup>15</sup> é a cultura nacional representada através dos povos, assim nação é, na verdade, uma comunidade simbólica. “A lealdade e a identificação que [...] eram dados à tribo, ao povo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*.” (idem, ibidem, p. 49)

Sobre a identidade nacional, Bhabha (2005) acredita numa institucionalização embasada na diferença cultural, o sujeito é “morada” de sua identidade. Acredita-se uma sublimação da [*nationess*] nacionalidade, onde, “[...] distâncias e diferenças culturais transpõe a comunidade imaginada do povo nação” (BHABHA, 2005, p.199), traz assim, o conceito de multiculturalidade.

A multiculturalidade é, na verdade, uma balança de concessões. Para garantir condições dignas de vida em um novo país é necessário abdicar de alguns costumes nativos, todavia, atualmente observa-se uma mudança de paradigma, onde se busca a valorização das culturas ancestrais dos imigrantes. (KYMILCKA, 2010)

Com isso, compreende que a própria formação da identidade nacional é fortemente influenciada por várias matrizes culturais. Numa perspectiva ocidental de marginalização do imigrante na qual subjuga seus costumes. (HOBBSAWN (ano desconhecido), apud

---

<sup>15</sup> Decidiu substituir *nação*, pelo termo utilizado acima

BHABHA, 2005) que a diáspora é uma reunião de pares. [...] a reunião de povos na diáspora: contratados, migrantes, refugiados; a reunião de estatísticas incriminatórias, performance educacional, estatutos legais, status de imigração” (BHABHA, 2005, p. 198)

### 2.2.3 - Dimensão econômica

A dimensão econômica tange os fluxos financeiros e monetários que englobam os bens e serviços advindos de capitais originados por segmentos da economia fomentados na cultura e na arte. O desenvolvimento econômico é assim enxergado pela ótica dos empreendimentos culturais como principais fomentadores.

Esta dimensão por sua vez, possui também duas variáveis, a economia criativa e a economia cultural. Esta é de uma análise macro que engloba questões de oferta e demanda, atores e produtos. Aquela é de análise micro, aborda o processo de formação e inovação dos empreendimentos culturais.

A necessidade de consumo de produtos artísticos e culturais está embasado no preceito econômico da demanda de mercado. No qual defende que:

A **demanda** ou **procura** pode ser definida como a quantidade de certo bem ou serviço que consumidores desejam adquirir em determinado período de tempo. A procura depende de variáveis que influenciam a escolha do consumidor. São elas: o preço do bem ou serviço, o preço dos outros bens, a renda do consumidor e o gosto ou preferência do indivíduo. (GARCIA, VASCONCELLOS, p.46, 2008)

Com base nessas premissas, divide-se a dimensão econômica em duas abordagens analíticas. A primeira é macro e contempla a economia criativa e os empreendimentos culturais. A segunda é micro, que fincará sua análise nos fluxos de oferta e demanda dos bens culturais.

Antes de dissertar mais profundamente as visões micro e macro da dimensão econômica, alguns termos devem ser apresentados, não somente pela ótica da economia, mas também pelo prisma da sociologia. Assim utiliza-se as perspectivas sociológicas acerca de conceitos como bens e capital cultural.

Para que se entenda a dinâmica cultural gerada pelos fluxos econômicos é necessário desenhar um quadro histórico, no qual a arte começa de fato a ser enxergada como produto de consumo. Segundo Canclini (2013), há uma relação direta entre os processos de modernização econômica, política e tecnológica com a configuração do tecido cultural, subordinando as forças renovadoras e experimentais da produção simbólica.

Ao ir de encontro com a noção consensual da autonomia da arte em relação a estética moderna e a dinâmica socioeconômica, segue-se a proposta do desenvolvimento artístico

relacionado com as práticas de mercado. Assim, utiliza-se as abordagens apresentadas por autores como Jürgen Habermas e Pierre Bourdieu, sobre as produções simbólicas como indicador de desenvolvimento moderno.

Para Bourdieu (2005), uma cultura herdada e acumulada de geração a geração por determinada sociedade gera um sistema de reprodução no qual as informações são acumuladas. Todavia, adverte que na formação social dividida em classe, a herança cultural não é homogênea, os bens culturais (podendo ser interpretados com o teatro, cinema, concertos, etc.), podem também ser acumulados e formarem um capital cultural.

Em suma, o livre jogo das leis da transmissão cultural faz com que capital cultural retorne às mãos do capital cultural e, com isso, encontra-se reproduzida a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes sociais, isto é, a estrutura de distribuição dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos que uma formação social seleciona como dignos de serem desejados e possuídos. (idem, *ibidem*, p. 297)

Ainda em uma análise sociológica da economia voltada para cultura utiliza-se algumas hipóteses levantadas por Habermas (2009) acerca do processo de materialidade do simbólica. “O mundo moderno, o mundo completamente racionalizado é desencantado apenas na aparência; sobre ele paira a maldição da coisificação e demoníaca e do isolamento mortal” (2000, p. 158).

Sabe-se que os indivíduos são seres sociais, em uma perspectiva mais realista, acredita que os seres sociais desejam status. O que define esse status são normas culturalmente aceitas, estas influenciam inclusive a dinâmica econômica da sociedade. Com a ascensão do capitalismo em muitas culturas modernas a posição social passou a estar intimamente ligada com o poder aquisitivo.

Percebe-se que o capital cultural se finca, a priori, majoritariamente em um universo simbólico, no qual as questões servem de parâmetro para a configuração social. Neste sentido, trazendo a discussão para um ambiente mais pragmático avoca-se o conceito de capital social.

É necessário, porém, diferenciar o conceito de capital cultural e o de capital social, mesmo com a semelhança semântica, o segundo possui características que o designam como um atributo das políticas públicas. Numa perspectiva dimensional, na qual os meandros econômico e político se cruzam, pode-se observar a forte influência de ambos os capitais no que diz respeito no âmbito desenvolvimentista.

Há uma série de estudos a respeito da influência cultural nos campos econômicos, ainda que haja vertentes disseminadoras de ideias mostrando os bens culturais e artísticos como algo superficial. Neste consentimento, torna-se necessário quebrar paradigmas

conservadores em relação à cultura como desenvolvimento, seja na esfera político-econômica, mas também na Academia. Explicita-se, assim, o desafio de juntar análise econômica com a cultural:

É preciso dizer desde logo que aplicar a técnica econômica a projetos culturais é uma atitude ao mesmo tempo inadequada e inevitável. Inadequada porque nada do diz respeito à cultura deveria sofrer restrições, constrangimentos ou ordenações. Inevitável porque, na atual configuração dos Estados e economias, inexistem outras formas de atender aos dois propósitos para quais são formulados os projetos: a obtenção de meios de gestão de recursos escassos. (THIRY-CHERQUES, 2008, p. 30).

A genética dessa relação é encontrada já no trabalho de George Becker (1979, apud VALIATI, 2005), quando estabelece uma ligação, embasada em teorias macroeconômicas, entre o acúmulo de capital humano e o aumento de renda do indivíduo. Para Valiati (2005) ocorre ampliações das demandas por bens culturais, provenientes, justamente, dessa conexão citada acima.

Conscientizado da inserção e grande parte das culturas no *modus vivendi* capitalista, sabe-se que para manutenção das mesmas nas conjuntura global foram incorporados fatores mercadológicos. Porém, como explicita Escobar (2014), ao mesmo tempo que a economia de mercado sustenta o sentido social, também impacta na sua estabilidade, sendo assim, antes de manter as tradições para sobrevivência de mercado, os povos originais, nesse caso os indígenas, devem se ater para suas manutenções identitárias.

Quando se aborda o universo cultural sob a égide da economia, elucida-se acerca das indústrias culturais. No entanto, já é sabida sua concepção para teoria crítica social. “Paradoxalmente, esse fluxo contínuo a que somos submetidos não reflete as apreensões iniciais da *Escola da Frankfurt* sobre a massificação produzida pelas indústrias culturais.” (CANCLINI, 2003, p. 349)

Ainda sobre as indústrias culturais, nesta parte pesquisa ganham novas roupagens e são entendidas por outro viés.

La obtención, procesamiento y sistematización de la información e el caso de la dimensión económica y social de las industrias culturales, tiene una importancia vital para el diseño de políticas públicas, gestión empresarial y social, participación ciudadana y desarrollo de la democracia y la cultura. (GETINO, 2003, p. 39)

O mais desafiador em relação a abordagem econômica se dá pelo fato de muitas variáveis serem desconsideradas por formuladores de políticas e órgãos técnicos. Desta forma, adverte Santana e Souza (2003), para que se trate adequadamente o meio cultural com o setor

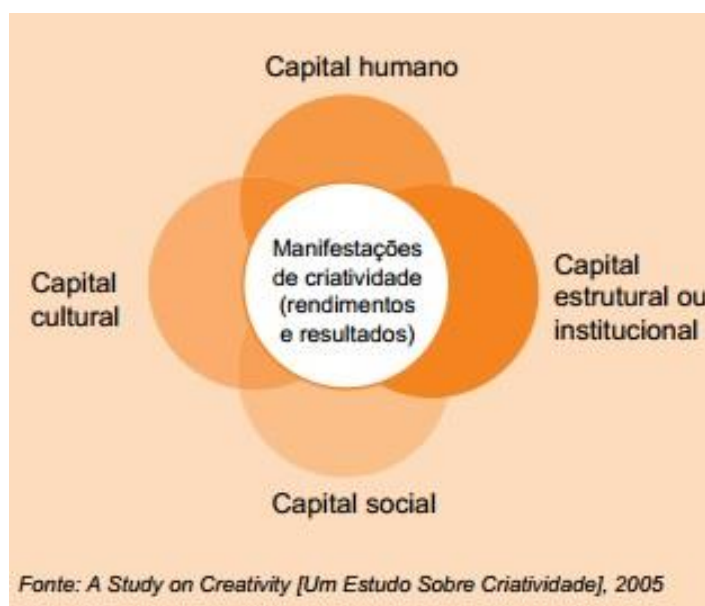


produtivo de insumos não se pode desprezar os valores simbólicos da construção identitária que define cada povo como ele é.

A questão cultural é geralmente dogmatizada à subjetividade simbólica, ainda que se evidencie um mercado de alta lucratividade. Aliar cultura e desenvolvimento, torna-se um caminho promissor no que tange a região de fronteira, onde se explicita um contato mais íntimo entre diferentes modos *modus vivendi*.

Quando se trata de cultura como um gerador de riqueza, para permanência de determinado empreendimento no mercado há uma variável imprescindível, a criatividade. Como mensurável de sucesso do processo criativo, indo além do seus benefícios econômicos, elucida-se também o ciclo de atividades criativa, permeado por quatro formas de capitais: social, cultural, humano e estrutural ou institucional.

Figura 5 - Os Quatro Capitais



Fonte: Relatório UNCTAD 2010

Neste sentido, ao lidar com cultura sob a ótica economicista, vislumbra um novo seguimento econômico intitulado “Economia da Cultura” ou “economia cultural”. No relatório da UNCTAD de 2010 prefere a utilização do termo “indústrias criativas”, em detrimento de “indústrias culturais”, por sua concepção frankfurtiana, assim as primeiras são compreendidas como aquelas.

A utilização da expressão “indústrias criativas” varia de país para país. Ela tem origem relativamente recente, tendo surgido na Austrália em 1994, com o lançamento do relatório Nação Criativa. E ganhou maior exposição em 1997, quando legisladores do Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido estabeleceram a Força Tarefa das Indústrias Criativas. Vale observar que a

designação “indústrias criativas” que vem se desenvolvendo desde então tem ampliado o escopo das indústrias culturais para além das artes, marcando uma mudança de abordagem às atividades comerciais em potencial, que, até recentemente, eram consideradas pura ou predominantemente em termos não econômicos. (Relatório UNCTAD, 2010, p.6)

No entanto, deste casamento entre cultura e economia, o sistema de produção cultural tem a mesmas características de outras indústrias, (ver no livro), padronização, divisão do trabalho e consumo de massa. (SANTANA, SOUZA, 2003, p. 277). Não obstante, é necessário também um olhar dotado de certo criticismo sobre a relação cultural-econômica. Sabe-se das consequências do capitalismo sobre as sociedades, mas ocorrem agravantes para os povos tradicionais, por causa da isenção agressivo desse modelo econômico.

Um das consequências desse processo, em muitos dos casos desconsidera totalmente a cultura e até os direitos humanos, é a fome, miséria e até escravidão desses povos tradicionais. Mas esse processo, como explica Martins (1997) ocorre embasado em fatores como o desenvolvimento de capital, circunstâncias culturais, sociais e políticas, ou seja, circunstâncias históricas, que culminam também com a luta de classe.

Para sustentar essas afirmações, embasado em indicadores econômicos fornecidos pela própria UNESCO, levantou-se informações acerca do aumento da participação da cultura no crescimento econômico. Nos últimos vinte anos tornou-se cada vez mais notória a participação cultural nos índices econômicos, contribuindo principalmente na geração de bens de consumo, assim aumentar as taxas de emprego e propiciar desenvolvimento

Desta forma, explana o Leonardo Monastério: “A experiência acumulada de políticas de desenvolvimento regional mostrou que o investimento nos fatores tradicionais de crescimento está longe de ser condição suficiente para garantir boa *performance* (fazer nota de rodapé sobre grifo do autor) econômica no longo prazo.” (p.165, 2005)

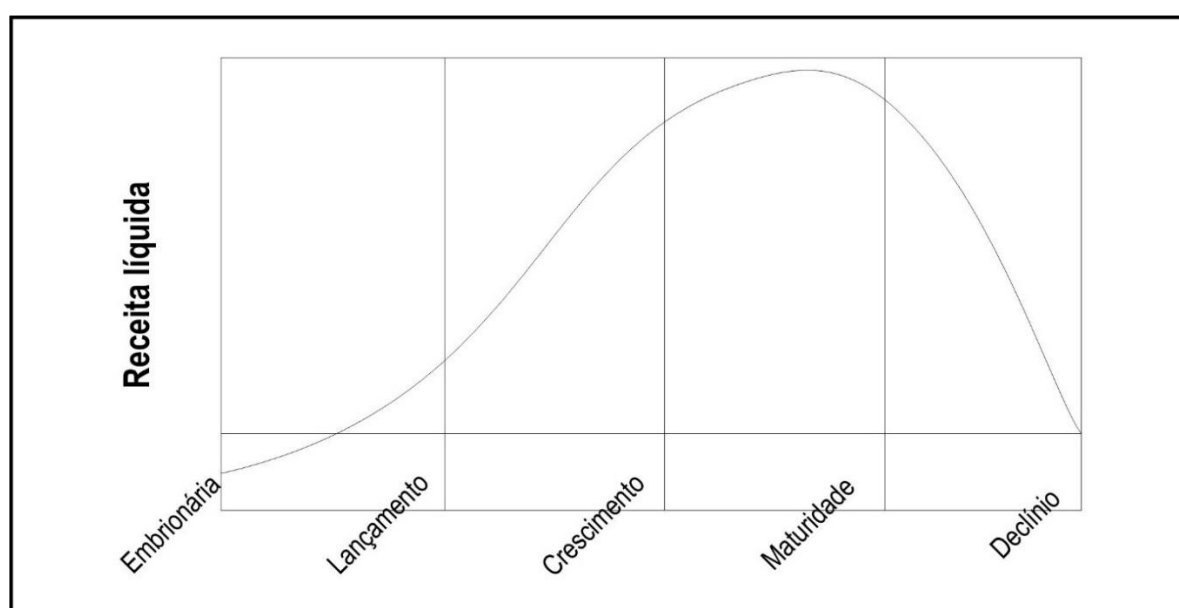
Evidencia-se, portanto, uma correlação entre esses dois capitais possui impactos diretos, tanto na dimensão econômica, quanto na política. Todavia, aborda-se primeiramente os aspectos economicistas, ainda que estes estejam bastante relacionados com o social, pelo menos neste discurso, os conceitos de empreendimento cultural e indústria cultural são contextualizados em um viés estritamente econômico.

Não obstante, acredita-se que para manter a competitividade as indústrias devem estar alinhadas com as novidades, no âmbito dos empreendimentos culturais não seria diferente. É percebida a responsabilidade social e o desenvolvimento sustentável como teia de mercado que influenciam na escolha do consumidor, assim ocorre também nas indústrias culturais.

Em perspectiva schumpeteriana, na qual ocorre inovação via empreendedorismo, vislumbra desenvolvimento econômico por meio de processos inovadores. Desta forma, ciente da necessidade social por inovação, neste caso referente à cultura há a perspectiva de uma atitude criativa dos empreendedores, não somente para entretenimento da população, mas também para a sobrevivência de mercado. Deste modo, é necessário planejamento, traz assim o conceito de *projetos culturais*: “são iniciativas voltadas para ação sobre objetos reais e ideias que expressam valores culturais – sentimentos e conhecimentos – significativos para determinado grupo social.” (THIRY-CHERQUES, 2008, p. 28)

Sabendo que um dos motores do desenvolvimento econômico é a inovação, é necessário estar ciente do *tempo de vida* do projeto cultural. Ainda que não se possa prever os cenários futuros com exatidão, pode-se identificar os estágios que o produto se encontra no mercado, se em declínio, quando não é vantajoso investir, ou no início, avaliando os riscos do investimento, observando se é inovador e promissor.

Figura 6 - Tempo de vida do projeto cultural



Fonte: THIRY-CHERQUES, 2008

Ciente do papel estatal, no que consta o contexto global desenvolvimentista, parte-se para o principal alicerce do desenvolvimento: o econômico. Com base nos estudos do Prof. Dr. Leandro Valiati (2013), compreende-se a Economia da Cultura, como aquela dotada de valores simbólicos, desta forma o fator cultural se apresenta com alto grau de influências nas dinâmicas socioculturais.

Já o conceito de economia criativa, segundo o *Relatório de Economia Criativa* (2010) produzido pela UNCTAD, é fundamentado nos conceitos de indústrias criativas, economia da cultura e criatividade. Assim, ao compilar estas definições, a economia é elucidada como: “ [...] um conceito em evolução baseado em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico. ” (p. 10)

A partir disso, a para da predominância indígena na região amazônico-caribenha, explana o título de “pré-capitalistas” atribuídos as sociedades pré-colombianas. Porém, abstêm-se dessas máximas quando vislumbra que nem toda sociedade ou povos eram adeptos ou iriam naturalmente alocar-se em uma espécie de capitalismo, portanto as define como acapitalistas (BARTOLOME, ROBSON, 1971, apud, ESCOBAR, 2014).

Entretanto, já é conhecida a experiência de trazer modelos eurocêntricos de desenvolvimento para o contexto pré-colombiano latino-americano, e amazônico consequentemente. “A hipótese mais reiterada na literatura sobre a modernidade latino-americana pode ser resumida assim: tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente. ” (CANCLINI, 2013, p. 67)

Para que se entenda a inserção do modelo econômico ocidental e por que ele é tão forte e permanece vigente até os dias atuais, mas ainda assim não significa grades avanços socioeconômicos para a região amazônica, julga-se necessário um aporte histórico relembrando a colonização portuguesa. Considera-se assim, expansão da “empresa portuguesa” como uma fusão dos modelos lusitanos coloniais com as coisas tropicais, porém mais em um âmbito administrativo que econômico, esse modo de incorporação foi bastante eficaz pois permanece até os dias atuais.

Feito isso, passando dos campos teóricos, constata-se a grande desigualdade regional no que diz respeito ao consumo e produção de bens culturais. Entre o Centro-Sul, como polo industrial cultural e as demais regiões do país, principalmente Norte e Nordeste. Assim Canclini (2003) explana uma enorme defasagem entre grandes centros urbanos e municípios interioranos, em relação aos equipamentos culturais como cinema, livrarias, centros culturais entre outros.

Já foi abordado na dimensão anterior, que preservar as tradições de um povo, não é isola-los etnologicamente e reduz-los ao primitivo. A manutenção da ancestralidade, além dos benefícios culturais, no qual os povos indígenas, no caso amazônico, mantêm-se fiéis à sua identidade, é economicamente proveitoso, por potencializar um novo de mercado turístico artístico dentre outros nichos.

A par das diferenças regionais acerca da indústria cultural e os empreendimentos culturais, foca-se na região fronteira roraimense, analisando a cidade de Pacaraima pela ótica da economia criativa.

Faz-se uso desses preceitos econômicos que propiciam o ambiente favorável para implementação de modelos de desenvolvimento que tomem a cultura como aparato alavancador. Por conseguinte, o modelo de economia criativa adotado pelas grandes economias, no caso brasileiro, deve passar por algumas consideráveis modificações. Deste modo, explicita Deheinzelin (2010):

Economia Criativa que brota através das inúmeras, fascinantes e inovadoras experiências oriundas do terceiro setor. Economia Criativa que vem do uso de conhecimentos e técnicas tradicionais na construção de linguagens contemporâneas. Economia Criativa como fator de soberania. Economia Criativa como fator de integração de setores por seu caráter transversal, sendo o único setor que pode cumprir esta necessária e complexa tarefa.

Economia Criativa que preserva e multiplica a diversidade cultural pois cria modelos e estruturas de trabalho que a favorecem. Economia Criativa que propõe formas inovadoras de financiamento e produção, de caráter alternativo e solidário, pois os modelos de mercado do século XX não servirão para o século XXI. (p. 5)

### 2.2.3 - Dimensão política

A dimensão política está intimamente ligada às relações de poder, sejam elas nas esferas públicas ou no âmbito privado. Os meandros articuladores são analisados levando em consideração atores que influenciam desde a formulação de políticas, até a execução e os reflexos, tanto econômicos, quanto sociais das mesmas.

Em relação à esta dimensão, as variáveis apresentadas são: as políticas públicas e o poder cultural. A primeira aborda a influência dos *stakeholders* e capital social (como elemento de emponderamento). A segunda analisa a influência estatal das três camadas administrativas no que consta a elaboração e execução de projetos/leis voltados para a cultura.

No que consta as Políticas Públicas para cultura, acredita-se que por meio destas haverá certa democratização das artes, destarte, há uma série de empecilhos para que isto ocorra, os engajamentos políticos para a área da cultura ainda são poucos, apesar de se perceber uma gradual mudança nesta conjuntura.

Ao mesclar duas esferas societárias bem distintas, a cultura sendo *soft* e a política sendo *hard*, no qual ambas são indispensáveis em uma comunidade estruturada, deve-se entender o funcionamento das políticas públicas como sendo mecanismo do Estado para melhorar o convívio social. Dessa forma, Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas, já Lynn (1980) a

entende como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Outros autores como Peters (1986) segue o mesmo meio:

Política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou por delegação, e que influenciam na vida dos cidadãos. [...] Contudo, a definição mais clássica é atribuída a Lowi apud Rezende (2004:13): ‘política pública é ‘uma regra formulada por alguma autoridade governamental que expressa uma intenção de influenciar, alterar, regular, o comportamento individual ou coletivo através do uso de sanções positivas ou negativas’. (SOUZA, 2006, p.24)

No que diz respeito às artes, as dificuldades quanto à sua democratização estão relacionadas aos altos custos para o acesso aos produtos artísticos, tais como o cinema, teatro, concerto, dentre outros. O estigma de arte como algo supérfluo e desnecessário continua, inclusive para os formuladores de políticas públicas, cuja visão está associada à rentabilidade dos programas voltados para cultura.

Destaca-se, assim, a importância da cultura popular nesse cenário de transformações e difusão cada vez mais veloz de produções culturais. Neste contexto, é notória a garantia jurídica das políticas culturais, como pedra basilar inclusive do direito ambiental. Para a autora Cristiane Derani (2008) há uma unidade dialética entre *natureza* e *cultura* numa realidade social de indissociabilidade, realidade esta, compreendida pelo prisma das "forças socializantes da natureza"<sup>16</sup>.

O arcabouço que assegura políticas públicas para a Cultura mostra, desta maneira, assegurado pela Constituição Federal de 1988 (vide artigos 170 e 225). Ainda que implicitamente, há de ser notado que as questões ambientais se embasam na premissa de uma “natureza humanizada”, o valor que dos recursos naturais, são socialmente atribuídos (DERANI, 2008).

Sob a perspectiva do ser humano, não somente como ator, mas também como um patrimônio natural que se é buscado asseverar as leis que garantam a preservação de práticas culturais. Desta forma, convergente com a proteção dessas práticas, o próprio direito ambiental busca, de certa forma, também a valorização da cultura nativa e popular brasileira.

Deste modo, observa-se de acordo com Dye (2009) que “A política racional é a que produz ‘ganho social máximo’, isto é, os governos devem optar por políticas cujos ganhos

---

<sup>16</sup> *Die vergesellschaftend Kräfte der Natur*. Cultura compreendida como continuação gradual da natureza. HELLER, p. 61 apud DERANI, p.49

sociais superem os custos pelo maior valor e devem evitar políticas cujos custos não sejam excedidos pelos ganhos”. (2009, p.111)

Ocorre também certo conservadorismo por parte do Estado, que estreita o leque de investimentos públicos em áreas de maior rentabilidade, porém os modelos teóricos-empíricos tradicionais não são capazes por si só de abordar todas as questões sociais, por não abordar novos atores. Outro grave problema que aflige as políticas públicas no geral, incluindo as voltadas para cultura, é o baixo grau de formalização das mesmas no que diz respeito ao intercâmbio de informações e recursos.

Assim, observa-se que mesmo que haja o esforço por parte do Estado, a esfera privada e a própria população são atores responsáveis:

A perspectiva de política pública vai além da perspectiva de políticas governamentais, na medida em que o governo, com sua estrutura administrativa, não é a única instituição a servir à comunidade política, isto é, a promover políticas públicas. (DYE, 2009, p. 31)

Ou seja, mesmo que os esforços para maior valorização da cultura ocorram, o Brasil possui barreiras difíceis de serem superadas, a exemplo da corrupção nas esferas políticas, do déficit cultural no ensino, da falta de interesse por parte dos políticos e da população no geral.

Ao vislumbrar a relação entre o setor público e o ambiente corporativo, percebe-se uma disparidade entre a adequação com os novos regimes de comportamento globais, principalmente no Brasil. Identificar essa dissonância entre as dimensões política e econômica torna-se uma atividade primordial para compreender o desenvolvimento cultural.

Como já explanado, é de conhecimento que, para a sobrevivência de mercado a iniciativa privada deve estar alinhada com as inovações, sejam elas tecnológicas ou comportamentais. Esse dinamismo evolutivo ocorre para a adequação aos novos paradigmas de gestão. (BRESSER-PEREIRA, 1997 apud MANFREDINI, PAIVA, 2010)

Em contrapartida, no âmbito governamental o processo apresenta-se de forma anacrônica, com modelos de gestão defasados e viciados. Observam-se serviços de baixa confiabilidade e qualificação, colocando em cheque as capacidades administrativas estatais (Idem, Ibidem)

Quando se disserta acerca da desenvoltura política a questão desenvolvimentista, deve conscientizar-se de atores com interesses em determinado planejamento ou ação política. Assim, é percebida a quantidade de grupos ou indivíduos parceiros de determinado empreendimento ou estratégia como quesito mensurador de sucesso.

A esses atores se dedica a nomenclatura de Stakeholders, utiliza-se a definição simplificada apresentada por Maria Lucia Paiva e Cíntia Manfredini:

Os *stakeholders* (ou partes interessadas) conduzem à delimitação dos contornos de um grupo, ao quais os atores sociais podem pertencer, sem que tenham de se excluir de qualquer outro grupo, permitindo que um indivíduo possa ser ao mesmo tempo, cidadão, acionista, empregado e cliente, inserindo-o assim, numa sociedade em rede. (2010)

Outra variável importante para a análise da dimensão política é o capital social, por oferecer incrementos tanto para o poder público quanto o privado. Todavia, é importante ressaltar seu amplo escopo de abordagens no qual contempla os múltiplos campos políticos.

Desta forma, apresenta o capital social como um conceito em construção, com definições que podem ser moldadas de acordo com a vertente teórica vinculadas às tradições operativas (TEIXEIRA et al, 2011). Assim, compreende o capital social “ [...] como um conjunto de recursos, tais como: cooperação, civismo e respeito às normas de confiança mútua que são construídos e reconstruídos nas relações sociais, bem como nos diferentes modos de organização social de uma sociedade” (PUTNAN, 2002; BOURDIEU, 1998 *apud* TEIXEIRA, et al, 2011).

Em termos práticos, pode se definir capital social da seguinte maneira: “*Social capital refers to the norms and networks that facilitate collective action*”<sup>17</sup> (WOOLCOCK, 2000, p.9 *apud* MONASTÉRIO, 2005, p. 166)

Ao inserir essa discussão no universo cultural, percebe-se um maior esforço de órgãos da esfera pública no contexto nacional, juntamente com organismos internacionais, para a valorização da cultura como promotora de benefícios concretos. A arte, vista geralmente como entretenimento, ganha novos contornos na medida em que se observa a escassez dos recursos materiais e a temática da sustentabilidade fica cada vez mais latente.

Quando, em 2004 foi sediado em São Paulo o Fórum Mundial Cultural, onde o então presidente Lula proferiu o discurso de abertura, observou-se como a questão cultural deveria ser tratada no âmbito político nacional. Nas palavras do presidente percebeu-se que a cultura transpassava sua tarefa de expressão da afirmação humana, as produções artístico-culturais geram renda, emprego e inclusão social, no mesmo sentido propiciam crescimento individual

---

<sup>17</sup> “Capital social refere-se a normas e redes que facilitam a ação coletiva” (tradução própria)



e coletivo além de promover a inserção soberana no processo de globalização. (FLORESSI, FIORETTI, 2012)

Por possuir uma visão mais holística e estruturalista, a perspectiva construtivista é a utilizada para entender as relações entre os Estados Nacionais, Brasil e Venezuela nesse caso, vale ressaltar que essa abordagem não nega o papel do Estado nas agências internacionais, mas reconhece que este agente possui certa autonomia, no que consta a capacidade de criar, mudar e reproduzir estruturas (BARNET, 2008).

Relata-se assim, como forma de compreender socialmente as relações políticas em um nível internacional, quatro pontos convergentes nas retóricas construtivistas: o primeiro, ênfase no papel das ideias na vida social; o segundo, construção social dos agentes; terceiro, perspectiva analítica holística em detrimento à individualista; quarto, oposição entre as explicações causais e a premissa constitutiva, está embasada em condições pré-estabelecidas, aquela em condições que constituem o que o objeto representa (FEARON e WENDT, 2002 *apud* CAMARGO, 2009).

Quando se parte do pressuposto que o Estado é socialmente construído, acredita que a carga cultural carregada por esse é inerente às suas ações políticas e econômicas. No que tange as relações entre os países, há premissas que guiam a forma como cada um irá desenvolver suas respectivas políticas externas, que determinam como essas devem agir para defender os interesses nacionais e manter o *status quo*. A cultura, por sua vez, permanece implícita, mas não menos relevante para ações estatais no ambiente internacional.

Ainda que as questões sociais sejam abordadas sobre perspectivas mais relativistas e menos beligerantes, quando comparada à vertente realista das RI, não se pode negar a existência de uma estrutura anárquica. Para Kenneth Waltz (2004), a anarquia, que se instaura por falta de uma “[...] autoridade suprema, há portanto a possibilidade constante que os conflitos venham ser resolvidos mediante a força” (p. 232).

Wendt (1992), em contrapartida, acredita que não há “lógica” na estrutura anárquica, além de criar e instanciar identidades e interesses diversos. A anarquia não se finca somente em preceitos realistas de autoajuda e poder, “*Anarchy is what states make of it*” (p.395)

Sob uma análise, não somente anárquica-conflitiva, porém cooperativa no plano internacional, Nizar Messari e João Pontes Nogueira (2005) acreditam haver uma espécie de entrelaçamento entre as unidades nacionais, no qual as tomadas de decisões estatais projetavam-se ou influenciavam, de alguma maneira, não só o contexto doméstico, mas também outros Estados.

Observa-se que o fator cultural está inserido, ainda que de modo tímido, nas relações interestatais, todavia, o modo como este se manifesta na política externa ainda é de pouco destaque. Ao longo do século XX houve manifestações que colocaram em voga o papel do Estado como ator fundamental culturalmente. Levanta-se, desta forma, discussões sobre a massificação da cultura, já em meados do século XX, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer abordavam no livro *Dialética do Iluminismo* de 1944, no qual anunciava a decadência da cultura no Ocidente em detrimento da ascensão dos meios de comunicação de massa no início do século XX em contraponto com “eldorado cultural” que fora o século XIX, porém este era muito restrito e falacioso, uns poucos tinham acesso a cultura, enquanto outros muitos trabalhavam em regime semiescravo nas fábricas com pouquíssimas oportunidades de entretenimento.

Com esses conceitos apresentados, observa-se os meandros políticos em relação às esferas do poder público. Como eles se articulam para formulação de políticas culturais e legislações no âmbito da cultura, é uma das questões levantadas acerca do desenvolvimento cultural na região fronteiriça.

*“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.*

*(José Saramago)*

## **Capítulo 3**

### **CULTURA TRANSFRONTEIRIÇA: OLHARES SOBRE PACARAIMA**

Já ciente da amplitude do universo dos estudos culturais, parte-se para uma nova etapa deste trabalho dissertativo, no qual os campos teórico-subjetivo e prático-material mesclam-se para um maior entendimento da investigação acadêmica. As quatro dimensões: sociológica, antropológica, econômica e política; são contextualizadas no sistema transfronteiriços, onde se observa um dinamismo particular das questões culturais.

Neste capítulo as dimensões apresentadas anteriormente ganham aplicabilidade na pesquisa, partindo dos materiais coletados, da vivência do autor na área geográfica pesquisada e seus registros fotográficos. A cada dimensão será aferida um subcapítulo, no qual apresentar-se-á os dados juntamente com discussões acerca das variáveis de análise. Apresenta-se o esquema analítico de cada dimensão em relação ao desenvolvimento cultural de Pacaraima.

A partir deste ponto, a investigação embasa-se nos recortes históricos e geográficos, é a partir desses levantamentos que se dimensiona as análises exploratórias. Com essa base solidificada o contexto atual de Pacaraima como área propícia ao desenvolvimento cultural é posto em voga, assim dissecada para um exame aprofundado sobre viabilidade desse modelo desenvolvimentista para a cidade destacada.

#### **3.1 - Olhar Sociológico**

Quando se disserta sobre desenvolvimento tomando a cultura força motriz, a bagagem histórica do objeto de estudo é de extrema relevância para compreender sua situação na atualidade. Partindo dessa premissa, saber como ocorreu o surgimento da cidade de Pacaraima, ao observar a delimitação geográfica que esta cidade se encontra e apresentar dados que precedem sua institucionalização como município, torna-se necessário para compreender as dinâmicas que influenciam no aspecto desenvolvimentista-cultural da mesma.

Ao perceber Pacaraima como um núcleo urbano faz-se necessário desvelar o próprio conceito de cidade. Para Florence (2010), utilizando a formulação proposta por Henri Lefebvre na década de 1960, quando sugeriu enxergar a cidade como valor de uso em

detrimento ao valor de troca. Desta forma, o poder valorativo da cidade transpassa o valor mercantil, englobando também processos simbólicos, para o autor citado acima isso contribui diretamente para a sociabilidade, criação e urbanidade.

Todavia, Pacaraima não possui ares metropolitanos, é uma cidade pequena, isto a torna rural? Não necessariamente. A priori, desde a formação do que se conhece como cidade, os símbolos reconhecidos como “do campo” são refutados, acredita-se haver uma divisão para sentidos totalmente opostos na relação cidade/campo, a primeira relacionada ao progresso e civilidade, a segunda ao rústico, selvagem e rústico, concepção herdada da Revolução Industrial. (ARAÚJO, 2010)

Antes de aprofundar nos dados levantados e a vivência na cidade de Pacaraima, é relevante compreender por um prisma cultural o processo de urbanização, ou seja, enxergar a cidade como algo socialmente construído. O fenômeno urbano é um fenômeno cultural na medida em que, além das dinâmicas materiais, observa-se conexões históricas, interconectando diferentes modos de vida. (idem, *ibidem*)

A ideia de cidade como fenômeno cultural poderia ser traduzida e sintetizada através da ideia de centralidade. Pensar a cidade como centralidade leva também a pensá-la como a possibilidade de encontro, de aproximação, de simultaneidade, de reunião, de intercâmbio de relações. Então, a cidade como fenômeno cultural é, sobretudo uma cidade que centraliza as criações humanas. (SERPA, 2010, p. 29)

A urbanização, apesar de conformada por um processo de estreitamento das relações sociais, não representa proximidade entre as pessoas, no sentido de construção de intimidade entre as mesmas. Pacaraima não foge desse processo, na cidade que cresce observa-se cada vez mais a urbanidade em detrimento à ruralidade.

Ao abordar a formação cultural de Pacaraima amplia-se o escopo focal da sua contextualização histórica, o entendimento parte então da construção cultural da própria Amazônia, quando se observa onde (localização) está inserido o objeto de estudo. Todavia, atenta-se para as limitações desta abordagem, haja vista que as teorias e suposições sobre como a região amazônica foi sendo construída culturalmente não é única, oposto disso, é de múltiplas interpretações.

Para desvelar a formação cultural da cidade de Pacaraima, deve-se conscientizar da sua ambientação: fronteiriça e amazônica. É necessário acabar com os vícios de considerar Amazônia e fronteira homogeneamente, diante disso, parte-se de uma proposta analítica que parte de perspectiva macro (amazônica) até um micro (caribenha-amazônica).

Sabendo dessa peculiaridade, no que consta a construção de uma identidade amazônica, propõe-se um afinilamento analítico em relação à área geográfica. Assim, dentro a Amazônia, foca-se numa porção de terra compreendida entre a costa norte do Atlântico e os rios Negro e Amazonas, formando uma espécie de ilha, na qual pode ser chamada de Ilha das Guianas.

O termo “Guyana” pode ser traduzido como “terra de muitas águas” ou “muitos rios”, latinizado 1831 com na troca do “y” por “i” na grafia transformando o nome em “Guyana” quando houve a posse Britânica das Colônias Holandesas do Essequibo, do Demerara e do Berbice unificadas e nomeadas como Guyana Inglesa. “Guiana é uma grafia que identifica a ex-colônia Britânica. Eles dizem que não são mais ‘Bristsh Guiana’ desde 1966, quando aconteceu a independência daquele país” (OLIVEIRA, 2010, p.7).

No que diz respeito ao contato com os europeus, o território das Guianas fora um dos primeiros<sup>18</sup>. Por ser uma região pantanosa e pouco povoada por algumas etnias indígenas caribenhas, o litoral da Guyana não despertou o interesse espanhol, que lá chegaram em 1499, deste modo, ocasionalmente, aprisionaram os índios para utilizá-los como mão-de-obra escrava. (KAMP, 2009).

Fora somente no período final do século XVI, que a região das Guianas passou a ser explorada, por parte dos holandeses, que logo estabeleceram de modo informal uma relação comercial com os indígenas das colônias portuguesas e espanholas. Os holandeses, de forte tradição mercantil, firmaram sua primeira feitoria na costa guyanense em 1580 para comercialização de sal (FARAGE, 1991).

A relação com povos nativos da região das Guianas<sup>19</sup> estabeleceu-se, principalmente, no viés comercial, mas isso não impediu que surgisse o tráfico de escravos na região, a comandado por holandeses (idem, ibidem).

Numa perspectiva sociocultural, entende-se essa região como um local de encontro, onde duas matrizes culturais se incidiram, a amazônica e a europeia.

---

<sup>18</sup> “O Padre João Daniel, em seu livro, Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas [...]. Ao descrever a viagem, iniciada no reino de Quito, cita que, das Guianas, partiam navegações que seguiam pelo rio Essequibo, atravessando os varadouros, cercade 10 km do rio Branco e seus afluentes, entre eles o rio Takutu.” (KAMP. p.12, 2009)

<sup>19</sup> “There are nine Amerindian tribes’ settled across the ten administrative Regions of Guyana. Amerindians were said to be the very first inhabitants of the land. They share a rich and diverse culture and are one of the many ethnic groups that make up the people of Guyana” São os povos: Wai Wai, Macuxi, Patamona, Aruaque, Caribe, Wapixana, Arecuna, Akawaio e Warrau. (Ministry of Amerindian Affairs, 2009)

Primeiramente, verifica-se a região amazônica como internacional, não uma perspectiva de internacionalização, mas como uma área composta por espaços pertencentes Estados Nacionais. Adverte-se que o processo de formação sociocultural apresentado é sobretudo na Amazônia brasileira e ainda assim, esses são diferenciados quando se delimita a cada unidade federativa que compõe o que se chama de Amazônia Legal.

Ao se focar e delimitar mais ainda o universo espacial da pesquisa, mostra também uma expansão colonialista no sentido sul-norte, sob o domínio português ocorreram expedições exploratórias de penetração do território. A construção do Forte do Presépio é um marco inicial desse período. (BETHONICO, SARTORI, 2012).

Seguindo essa lógica de exploração e conquista territorial, as expedições portuguesas avançaram para além dos limites estabelecidos pelo tratado de Tordesilhas. Segundo Becker (2006), processo lento, que ocorreu de forma gradativa a partir da inauguração o Forte até o ano de 1877, aproximadamente.

Avançando o recorte mais para o norte, explicita-se a criação das fazendas reais com o objetivo de ocupação e posse da terra. Esta intentona foi organizada por Lobo D'Almada no ano de 1787.

Todavia, passados mais de um século da criação das fazendas, essas que tinham como objetivo lucro para a Coroa Portuguesa e posteriormente o Estado Brasileiro, o que se encontrou foram terras irregularmente ocupadas e rebanhos do Estado incorporados a particulares, por volta de 1915.

Focando no aspecto sociológico, observa-se ao longo da formação sociocultural, não somente de Pacaraima, mas em todo o contexto amazônico, o estabelecimento de uma relação de poder por parte do não-índio (branco europeu) com índios. Nesse processo muito da cultura europeia ocidental foi sendo incorporada ao *modus vivendi* do nativo.

Recorre então ao Darcy Ribeiro, no qual disserta sobre “O Brasil Caboclo” em sua obra “O Povo Brasileiro” explicitando como se deu o aprimoramento da interação entre dois povos totalmente distintos, os indígenas e os europeus (no caso brasileiro, maioria era portuguesa) contribuindo para riqueza cultural no Brasil, mas se leva em consideração que isto ocorreu, também, em toda região amazônica (a internacional):

Desse modo, ao lado da vida tribal que fenecia em todo o vale, alçava-se uma sociedade nova de mestiços que constituiria uma variante cultural diferenciada da sociedade brasileira: a dos caboclos da Amazônia. Seu modo de vida, essencialmente indígena enquanto adaptação ecológico-cultural, contrastava flagrantemente, no plano social, com o estilo de vida tribal. Em suas comunidades originais, voltadas exclusivamente para o preenchimento das suas condições de existência, os índios haviam conseguido, com as mesmas técnicas, uma grande fartura alimentar e a manutenção de sua autonomia cultural. (1995, p. 314)

Dentro dessa lógica, referenciados por Canclini, Fioretti e Florissi (2012) compreendem a formação cultural de Roraima como resultado de interações de muitas culturas. Todavia, essa multiculturalidade não reflete uma convivência totalmente igualitária e harmoniosa entre as matrizes culturais lá habitantes.

Se levar em consideração a construção sociológica amazônica, percebe-se que há uma herança colonialista em reduzir à condição de animal irracional. A Amazônia paradisíaca habitada por um ser bárbaro e primitivo, ao fundamentar a desqualificação humana do indígena com premissas religiosa-espirituais, utilizou como justificativa para o genocídio e escravidão dos mesmos e a posse das terras amazônicas (SOUZA, 2009)

Percebe-se, que os indígenas e descendentes de indígenas ainda são fortemente subjugados pelos “brancos”, a recorrência desses casos é elevada, ainda que em um estado com uma população indígena considerável. Outra inquietação é por haver poucos profissionais indígenas de nível técnico especializado e baixa representatividade política, algo que vem sendo lentamente mudado nos últimos anos.

Observa-se alguns esforços para inserção dos índios no mercado de trabalho, mais ainda, formar profissionais que possam trabalhar em prol dos interesses dos povos indígenas. A exemplo, cita-se as atividades empenhadas pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), com intuito focado na formação superior dos indígenas, como o Processo Seletivo Específico para Indígenas (PSEI), merece destaque também o Instituto Insikiran, com cursos exclusivos para indígenas.

Todavia, não foi somente em um contexto internacional que se deu a formação cultural amazônica (e conseqüentemente a roraimense e de Pacaraima), no início do século XX a migração ocorre em maior frequência no âmbito doméstico. Impulsionados pelo ciclo da borracha, muitos nordestinos vieram para Amazônia com a esperança de prosperidade.

Durante o tempo que durou o ciclo da borracha, os *cearenses*<sup>20</sup> atuaram como principais personagens e atores na história da região, realizando a ocupação e povoamento da vasta hinterlândia [...]. O migrante cearense e nordestino percorreu na Amazônia um longo caminho de sofrimento, sacrifício e muito trabalho, para, ao final, chegar à ascensão e classificação econômica, social e política. (BENCHIMOL, 2009)

---

<sup>20</sup> Grifo do autor

Assim como ocorrido no contexto, tanto amazônico como roraimense, respectivamente, a presença nordestina em Pacaraima é forte e atuante. Nota-se, pelo tempo de observação participante, muito da cultura nordestina nas ruas da cidade, onde encontram-se estabelecimentos que comercializam produtos e serviços tipicamente nordestinos ou mercadorias em geral, explicitando um certo controle do comércio local por migrantes e descendentes do Nordeste.

Com a exaustão da multiculturalidade, uma parcela de migrante nordestino dirigiu-se para os centros urbanos, principalmente Manaus, Belém, Santarém e Porto Velho; onde iniciaram um processo lento de ascensão social, econômica e política. Assim, muitos superaram as barreiras da pobreza e estabeleceram-se com comerciantes, empresários e negociantes. (SOUZA, 2009)

Sobre uma possível conformação identitária amazônica, nota-se neste processo o dinamismo das transformações que marcam a região, assim como ocorre em outros locais, não imutável. Desta forma, adverte Loureiro (2012):

No caso da Amazônia, observo que hoje o conflito está na relação com o tempo em um espaço amazônico percebido como lugar essencial do homem, numa época em que espaço e tempo se redimensionam através dos meios de comunicação, acentuando as desterritorializações, referendando uma organização fragmentária da realidade, misturando o virtual com o real, da mesma maneira como a Amazônia ainda se mistura de forma pregnante o real com o imaginário. Trata-se de época insaciável das construções e desconstruções identitárias, das destruições construtivas de identidade, pelos fatores consensuais presentes em vários pensadores: homogeneização cultural e heterogeneização cultural; interferências locais e de processos translocais; criação de comunidades e geografias identitárias sem sentido de lugar, pelos meios de comunicação; difusão (também na Amazônia) da nostalgia de um passado não vivido, uma espécie de “nostalgia sem memória”; no plano das práticas estéticas do hibridismo das tantas normas categorizadas de pós-modernas; a imaginação cada vez mais se convertendo em “prática social”, tornando-se campo organizado de práticas sociais, um modo de trabalho, campo indefinido de possibilidades. (p. 12)

Quando se percebe as identidades pungentes de cada cidade gêmea, é notória uma dinâmica transfronteiriça diversificada de acordo com o modo de vida dos diferentes grupos sociais identificados nesse espaço. A linha de fronteira, apesar de sua intenção demarcatória, assume-se como uma zona de troca, na fronteira Brasil-Venezuela, ainda que sob forte militarização (principalmente venezuelana), ela ocorre frequentemente.

O que fora notado no período de imersão na cidade de Pacaraima, foi a cidade identificada (no sentido de como percebem a identidade da cidade) como um local calmo, a região montanhosa de clima ameno serrano, transpassa tranquilidade, de um local um lugar para descanso. Com poucas opções de entretenimento, muitas pessoas atravessam a fronteira



para ir às casas noturnas venezuelanas na cidade vizinha, em Santa Elena de Uairén, por sua vez, uma cidade maior e mais agitada, no que diz respeito ao *night life*.

A presença de clubes noturnos aquece a pacata rotina da cidade serrana venezuelana, com festas temáticas, geralmente embaladas por ritmos latinos, e até entretenimento adulto. A academia durante o dia, boate nas noites de sexta e sábado é um dos principais destinos venezuelanos e brasileiros fronteiriços que buscam diversão na fronteira.

Fotografia 1 - Academia e boate "Tremens", em Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

Algo notado em Pacaraima é o grande número elevado, se analisado proporcionalmente, de igrejas protestantes, se levar em consideração a dimensão do perímetro urbano da cidade. Para que se compreenda este fenômeno foi necessário analisar o protestantismo, não somente em Roraima, mas no contexto brasileiro, como forma de manifestação cultural-religiosa.

Acredita-se que a implantação do protestantismo como no Brasil ocorreu no período de 1824-1916. Para Mendonça (2007), mais que doutrinar, as vertentes protestantes chegam ao Brasil com o objetivo de “educar para civilizar”, influenciada pelo ideal desenvolvimentista propagado pelos norte-americanos.

Com a revolução social ocorrida no Brasil na década de 1950, observa-se o aumento exponencial da migração rural sentido urbano. Esse êxodo, ocorrido de modo intenso, propiciou a formação de novas zonas periféricas, potencializando a segregação econômica e social nas cidades.

É nesse espaço recém-formado que observa um advento do protestantismo com a reformulação doutrinária e com setores mais voltados para questões de classe. Esse fenômeno foi notado não somente nos grandes núcleos urbanos, mas também em pequenas cidades, como nota-se em Pacaraima.

Segundo Santos (2012), em RR o século XX foi um período marcado por impasses de cunho religioso, entre a Igreja Católica disputando a tutela dos índios, e protestantes pregando índios e não-índios. Vale ressaltar, que a mudança de abordagem da Igreja Católica, que antes impunha a cultura ocidental por meio da religião e condenava a ancestralidade indígena, na década de 1970 passou defendê-la indo de encontro com prerrogativa de integração.

No período em que houve a observação participante na cidade Pacaraima constatou se no perímetro urbano existência de pelo menos oito congregações evangélicas, das mais variadas vertentes doutrinárias (vide imagens abaixo) o que reforça a teoria apresentada acima. É por esse motivo, provavelmente, que na cidade o dia 14 de agosto, dia do evangélico, foi proclamado feriado municipal. Em contrapartida, fora identificada somente uma paróquia católica, em contraponto com esse segundo o CENSO 2010 onde, dos 10.433 habitantes de Pacaraima 35% declararam-se evangélicos contra 44% católicos, os outros 11% declararam-se espíritas.



Fotografia 2 - Igreja Protestante Assembleia de Deus



Fonte: Autor

Fotografia 3 - Igreja Protestante da Paz



Fonte: Autor



Fotografia 4 - Salão do Reino das Testemunhas de Jeová



Fonte: Autor

Fotografia 5 - Congregação Cristã no Brasil



Fonte: Autor



Fotografia 6 - Igreja Pentecostal Unida do Brasil



Fonte: Autor

Fotografia 7 - Igreja Mundial do Poder de Deus



Fonte: Autor



Fotografia 8 - Igreja Batista Regular de Pacaraima



Fonte: Autor

Fotografia 9 - Assembleia de Deus Apascentar



Fonte: Autor

Fotografia 10 - Igreja Protestante da Graça de Deus



Fonte: Autor

Fotografia 11 - Igreja Católica



Fonte: Autor



Embasado nisso, constata-se uma quantidade considerável de igrejas e congregações protestantes para proporção de Pacaraima, maior que o número de paróquias, se comparada com a Igreja Católica. Todavia, ainda que seja conferida à cidade o título de calma, livre de agitações, isto não anula os festejos e festivais, o ecletismo é presente, mistura os ritmos brasileiros: principalmente o forró e o sertanejo (na sua expressão mais contemporânea, onde acrescenta-se o termo “universitário”) e os latinos, como reaggaton.

Desta maneira, a necessidade de mais áreas de convivência pública ascende. Numa sociedade cada vez mais urbanizada, marcada pela impessoalidade, a população, reconhecida como patrimônio imaterial, precisa de mais praças, parques, dentre outros locais que permitam a vivência, assim o ambiente torna-se propício às relações sociais, dando vida ao cenário urbano. (MENDONÇA, 2010)

Neste íterim, dois meses no qual o pesquisador residiu em Pacaraima, do final de novembro de 2014 à meados de janeiro de 2015), merece destaque a festival Fronteira Cultural, que no ano de 2015 contou com sua terceira edição, reunindo manifestações artístico-culturais brasileiras, venezuelanas e guyanenses. Neste evento, no qual o pesquisador foi 2 edições, o ecletismo brasileiro marcado, nesse evento, pelo samba, forró, sertanejo e rock, ganha ares cosmopolitas, embalado por ritmos musicais latinos, como reaggaton e caribenhos, como reggae.

Fotografia 12 - Festival Fronteira Cultural (2012)



Fonte: Autor



Também ocorrem outros eventos de cunho cultural como o Yamix, o Grito Rock, com edições em Pacaraima e Santa Elena de Uairén e o Micaraima, uma micareta na qual última edição foi em 2012. O Grito Rock Pacaraima do ano de 2014, contou com bandas brasileiras e venezuelanas, ocorrendo também uma edição em Santa Elena.

Fotografia 13 - Grito Rock Pacaraima (2014)



Fonte: Autor

Ao aprofundar-se na dimensão sociológica de Pacaraima, evidencia-se características que a diferenciam socioculturalmente de outros municípios roraimenses. Desta forma, evidencia-se mais uma característica que diferencia Pacaraima, apesar da desigualdade ser uma realidade brasileira, esta assola proporcionalmente, ou seja, modo mais perceptível, cidades maiores.

A cidade de Pacaraima, pela localização geográfica, altitude de 920m, possui uma temperatura amena, se comparada com as demais cidades de Roraima e essa condição lhe individualiza no Estado, proporcionando deslocamento de pessoas de médio e alto poder aquisitivo nos finais de semana e feriados. Não há portanto, uma homogeneização no espaço vivido, pois as transformações nas feições de cada casa são perceptíveis, além de realçar as desigualdades no acesso a moradia, casa luxuosas em contraste com conjuntos habitacionais ou, ainda, ao lado de casebres, construídos de madeira, e de forma rudimentar nas áreas mais afastadas em relação ao centro. (...) (ROCHA, SILVA, 2012, p. 59)

Como já é sabido, o espaço é propício a processos dinâmicos, tanto sociais, quanto econômicos. Assim como ocorrera em todo contexto de Roraima, a migração de pessoas advindas do Nordeste também aconteceu de modo intenso em Pacaraima, como pôde se

observar em alguns empreendimentos, que expressavam principalmente através da culinária, música e artesanato.

Assim, na cidade de Pacaraima constata-se fortemente o fenômeno da multiterritorialidade, algo já presente no contexto social roraimense, onde os migrantes advindos de diversas regiões do país vieram e permanecem vindo, em menores números, trazendo consigo implicações políticas, econômicas e culturais. É nesse palco que o processo multiterritorial ocorre, ainda de modo inacabado, pois há muitos espaços a serem ocupados. (VALE, 2015)

No período em que o pesquisador se manteve como observador-participante, algo notado, que demonstra como a cultura nordestina é expressiva em Pacaraima, era a popularidade dos festejos embalados musicalmente pelo ritmo do forró. Porém, há uma diversidade cultural evidente, o ecletismo, principalmente musical, é algo presente pela cidade, com estabelecimentos que tocam como fundo musicais o sertanejo, o reggae e o rock.

O espaço territorial de Pacaraima é caracterizado por um conjunto de relações sociais que e criam espaços e subespaços geográficos: comércios, ruas, becos, áreas de lazer, calçadas, entre outros elementos que podem ou não estar definidos por fronteiras “imagináveis” e conflitantes de uma região “mística-cultural, que envolve uma eclética área de “Livre Comércio”. (BATISTA, VERAS, 2012, p. 104)

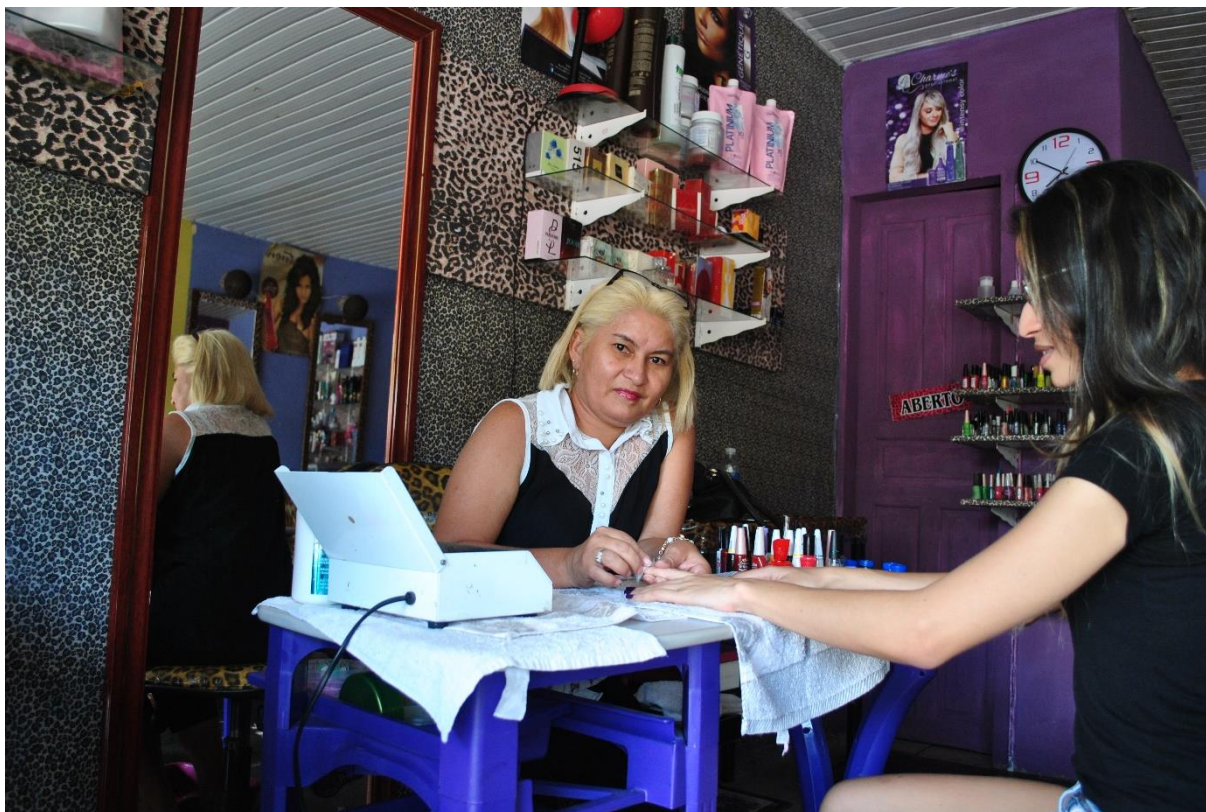
Nos estabelecimentos de Liria (32), Liria Lanche, e de Maria Madalena (34), Ponto do Guaraná, onde são comercializados alimentos tipicamente brasileiros e amazônicos, segundo relato das proprietárias, ambas migrantes advindas do Pará e Maranhão, respectivamente, para Roraima, e mais especificamente Pacaraima, reconhecida como uma terra de oportunidades. Os quitutes como salgados, tapioca, sanduíches, dentre outros, além de sucos de frutas típicas, misturados ou não com pó ou xarope de guaraná, bebida popularmente chamada de “guaraná natural”<sup>21</sup> atraem não somente os residentes da cidade, mas também um grande número de estrangeiros. Por questão de proximidade, principalmente venezuelanos.

Para Rosemeire (45), conhecida como Meire, manicure em um salão em Pacaraima, onde também encontrou oportunidades, ela disse ter “o que reclamar” sobre a cidade. Quando questionada se considera a região fronteira perigosa, respondeu: “toda fronteira é”, apesar de não ter presenciado ou vivenciado alguma situação de risco real.

---

<sup>21</sup> Pó ou xarope de guaraná com suco de frutas, mas pode se acrescentar castanha, amendoim e leite condensado

Fotografia 14 - Rosimeire, manicure em um salão em Pacaraima



Fonte: Autor

Na vivência, o cotidiano fronteiriço entre Brasil e Venezuela, e Pacaraima e Santa Elena de Uiarén respectivamente, pela grande movimentação, notou-se uma simbiose entre as duas cidades de países diferentes. Do lado venezuelano, ao começar pelo idioma, é evidente as diferenças no que diz respeito a identidade cultural.

Santa Elena de Uairén é uma cidade de grandes proporções, se comparada com sua vizinha brasileira, percebe menos cosmopolitismo, porém incomparavelmente mais dinâmica, possivelmente pelo mais fácil acesso com as metrópoles venezuelanas. Como explicado por Norelis (38), venezuelana de Caracas e residente em Santa Elena, onde é proprietária de uma agência de turismo, a facilidade de locomoção terrestre leva mais rapidamente os venezuelanos da vida urbana para a aventura “selvagem” na *Gran Sabana*<sup>22</sup>.

No entorno próximo à estrada (a BR 174), na qual a passa a ter o nome de Avenida Pan-americana no perímetro urbano, vários estabelecimentos que comercializam alimentos e

---

<sup>22</sup> Região natural localizada no sul da Venezuela, no Planalto das Guyanas, na parte sudeste do Estado de Bolívar, indo até a fronteira com o Brasil.



bebidas típicas. As mais comuns são as churrascarias, os “churrasquinhos”<sup>23</sup>, carne de sol, guaraná natural, sopas e caldos, dentre outras iguarias brasileiras.

Fotografia 15 - Churrascaria Frango Sabor



Fonte: Autor

---

<sup>23</sup> Ambulantes e/ou pequenos estabelecimentos que comercializam carne bovina, de frango, calabresa e peixe no espeto de madeira, geralmente acompanhados de farofa, mas pode acrescentar-se acompanhamentos como baião de dois e vinagrete.

Fotografia 16 - Churrascaria e Restaurante Fronteira



Fonte: Autor

Percebeu-se que na linha de fronteira a brasilidade torna-se um atrativo, como se Pacaraima oferecesse um aperitivo do que é Brasil. Ao longo da principal rua do comércio (ver nome) pode se adquirir artesanato de várias regiões do país, como se buscassem transpassar a sensação de um todo através de (minúscula) porção, ao atravessar a linha fronteira com intenção de conhecer o Brasil, estejam cientes que será basicamente aquilo exposto para comercialização, o encontrado mais adentro.

Em sentido sociológico, esta é uma demanda do próprio turista fronteiriço, principalmente o venezuelano. A imensidão territorial brasileira, em muitos casos inviabiliza adentrar mais o país, assim, tornou-se financeiramente cômodo acreditar conhecer o Brasil por Pacaraima.

Esse fenômeno migratório sazonal turístico pôde ser notado no período compreendido entre o fim e começo de ano, época no qual ocorre o recesso escolar venezuelano, que dura cerca de duas semanas. Desta forma, o ambiente fronteiriço se mostra bastante volúvel e poroso, quando permite facilmente trocas de bens, produtos, serviços e experiências, tornando-se promissora para uma relação intercultural.

Pacaraima, assimila aos poucos aos poucos aspectos cosmopolitas, ao longo de suas ruas principais, além de locais que comercializam alimentos e objetos tipicamente brasileiros, pôde se observar também pontos de comerciais com produtos que representam outras culturas nacionais. Na fronteira entre Brasil e Venezuela, pelo menos do lado brasileiro, não é raro encontrar estabelecimentos expressando culturas dos países da tríplice fronteira Brasil/Venezuela/Guyana.

Como o caso de restaurante de Abu Sofian, vindo de Bangladesh para as “Américas” em busca de oportunidades, viu na fronteira um lugar promissor. Acredita-se, que a região fronteira, quando não vivenciada com ideia de perigo e medo desconhecido, desperta justamente o sentimento contrário, de curiosidade pelo diferente.

Fotografia 17 - Restaurante do "Abu"



Fonte: Autor

Ao imergir na dimensão sociológica, entende-se a fronteira por uma ótica construtivista, não pode negar a realidade conflitiva de muitas regiões fronteiriças no mundo, esta máxima as militariza. No entanto, se observa na fronteira Brasil/Venezuela uma relação muita das vezes pacífica, onde, sim, o outro existe como outro, porém a curiosidade os aproxima.

### 3.3 - Olhar antropológico

A amplitude do universo cultural parte de um princípio antropomorfizado. Toda a complexidade da cultura vem da capacidade do ser, coletivamente, criar padrões que vão das necessidades físicas, até as mais abstratas. A partir dessa contestação, criou-se a necessidade de analisar as relações culturais transfronteiriças por uma extensão antropológica da pesquisa.

Refutando a premissa social, identificando todos como seres humanos, parte-se do pressuposto que os signos e símbolos são os maiores influenciadores para as diferenças (nota de rodapé: nesse caso entende-se como diversidade, porém preferiu-se a nomenclatura em questão por acreditar que as diferenças nesse caso são benéficas e devem ser apreciadas) culturais. Nos casos específicos de Pacaraima e Santa Elena de Uairén, Brasil e Venezuela respectivamente, com bases étnicas similares, mas de colonização distintas.

O “inferno verde”, o vazio demográfico, e o vácuo de poder, concepções que moldam uma Amazônia selvagem, porém, com ausência de gente e cultura. Inverdade, propagada por um senso comum ingênuo ou por um desconhecimento preconceituoso, fato é: “Essa Amazônia multiétnica e linguística, índia – dos karibes, aruaks, tupis, jês, omáguas, chibchas, quéchuas, incas, aymarás e tantos outros grupos [...] – sofreu um terrível choque cultural (...)” (BENCHIMOL, 2009, p.19)

Para além disso, a construção de um recorte histórico torna-se um exercício árduo, principalmente por dois fatores, a limitada visão dos externos à região amazônica (a caribenha ainda mais) e uma multietnicidade cosmopolita, digna de complexos conglomerados urbanos mundiais (CAMARGO, 2012) a exemplo de Nova Iorque e São Paulo. Sendo assim, explicita o Prof. Dr. Reginaldo Gomes:

A complexidade sociocultural, geopolítica e de relações internacionais na convivência da fronteira entre os três países, herdeiros da cultura ibérica e anglo-saxão, ganha outras interpretações quando inclui os povos indígenas no debate de construção da identidade cultural regional e fronteiriça. A literatura etno-histórica indica os povos Karib e Aruwak como os dois principais troncos linguísticos, somado diferentes povos indígenas e distintas relações socioculturais, tanto no território da Amazônia Caribenha como no território das ilhas do mar Caribe. (2012, p. 63)

As questões antropológicas ultrapassam o tangível e o perceptível, na medida em que outros fatores são tomados à pesquisa. Desta forma, atenta-se para questões comportamentais em atividades cotidianas, como atendimento nos estabelecimentos, modelagem das roupas, arquitetura e uma infinidade de percepções impossíveis de elencar.

Não há como coisificar tantos fatores simbólicos, objetificar opiniões e visões de mundo, quando elas são tão evidentes para uns e mas totalmente inteligíveis para outros.



Segundo Lévi-Strauss (1978, apud METCALF, 2015), explicar essas questões é um desafio para pesquisador, pois mesmo em um nível coletivo, elas fazem parte do que ele chama de inconsciente da cultura, desta maneira o que é óbvio para determinado grupo de pessoas, pode ter significados difusos ou até opostos em outros. Vale ressaltar, que essa concepção difere da abordagem de Freud sobre o inconsciente, justamente pela amplitude coletiva, não pessoal como proposta pelo último autor.

Com um aprofundamento da discussão enfocada na fronteira, demonstra a necessidade de enxergar por uma nova ótica a região. Defende, desta forma, a professora Julia Camargo (2012 b):

Para o Estado de Roraima, que convive com a tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guyana, pode ser vantajoso considerar esses outros olhares sobre a fronteira. Além das ações políticas, econômicas e infraestruturais e das tradicionais formas de diplomacia, é importante pautar os habitantes locais no centro das propostas desenvolvimentistas e cultivar a diplomacia cultural, que objetiva estabelecer o diálogo entre países por meio de suas expressões culturais. Nessa preposição, a ideia central para a região fronteiriça é o estabelecimento da confiança recíproca, estimulada por meio do conhecimento entre povos e suas identidades. (p.58)

Explicita-se assim, o “antagonismo social da colonização”, momento em que o europeu chega na região caribenha-amazônica e a tem como sua, desrespeita a coletividade instituída tradicionalmente por cada povo indígena. Assim como o colonizador construiu sua identidade cultural, posteriormente institucionalizada como nação, os índios, organizados em etnias distintas, também o faziam.

Com uma aura preconceituosa pairada sobre praticamente toda e qualquer manifestação da cultura indígena, por muito suas expressões artístico-culturais foram pormenorizadas. A arte indígena é tensionada a manter-se primitiva, apesar de ser do “povo”, esta não é “popular”, quanto pelos pesquisadores, que buscavam mantê-la intocada, mas desconsideravam que ela e nenhuma cultura são imutáveis. (ESCOBAR, 2014)

A tendência de associar de associar comportamentos à religião, nesta perspectiva dimensional, é amenizada em detrimento de outros influenciadores mais pragmáticos. Como propôs Margaret Mead (2015), onde algumas características humanas são selecionadas e outras obliteradas, a comunicação, o relacionamento interpessoal e os outros pontos de vista sobre a região de fronteira foram tomados como dados mais relevantes para pesquisa.

As inclinações de cada indivíduo para seus gostos e interesses, aparentemente algo bastante individual, também possui influências culturais. Neste sentido, o pessoal e o cultural são conjuntamente responsáveis pela definição comportamental de cada sujeito em



determinada sociedade. “A descoberta do mundo da personalidade parece depender da habilidade do indivíduo de tornar-se consciente de sua resistência à autoridade e de atribuir valor a ela.” (SAPIR, 2015, p. 113)

Toda carga cultural, nesse caso observado nas duas cidades-gêmeas, é dotada de simbolismo, até os signos mais óbvios possuem interpretações abstratas. Assim, a definição de simbolismo de Victor Turner (1967, *apud*, SAPIR, 2015) é trazida para que se entenda o papel simbólico na sociedade, simbolismo é apresentado como a fuga da obviedade, onde enxerga os significados pelo que representam, não pelo que fisicamente aparentam ser.

Fotografia 18 - Escultura na entrada do Centro Policial de Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

As óticas acerca de determinados símbolos transcendem a subordinação à padrões socioculturais, como no caso ilustrado acima com imagem do monumento venezuelano. A busca por sentido lógico e racional dos objetos é algo quase instintivo do ser humano, mas ao se deparar com o fator simbólico dos signos, deve se atentar a falta de solução para o abstrato e ainda aceitar as interpretações como multiformes. (SAPIR, 2015).

Dentro deste consentimento, é importante recomendar um olhar mais consciente dos valores estéticos de outras sociedades. “Se os povos pré-cabralianos e indígenas não praticam a arte no sentido que estamos habituados a atribuir essa palavra, isso não significa que não

possuam, em alto grau, os dois fatores essenciais para a produção do objeto artístico: a técnica [...] e valor simbólico” (KOK, MARTINS, 2014)

A base etnográfica da região analisada é essencialmente indígena, todavia essa constatação não implica não necessariamente que elas sejam da mesma etnia, no que diz respeito às tribos ancestrais. Ciente da pluralidade étnica, ou seja, que há povos indígenas, não um povo indígena, torna-se ainda mais complexa a ótica das relações culturais na fronteira pela égide dimensional-antropológica.

Reconhecer os indígenas como os habitantes primordiais dessa região é o primeiro exercício feito ao se estudar cultura de uma fronteira amazônica, como Brasil-Venezuela. O aspecto ocidental de superioridade é implícito, ainda assim evidente na arquitetura, vestimenta, adornos dentre outras manifestações culturais. Toda e qualquer expressão indígena, nos mais diversos campos, foi desacreditada, vista como errônea, profana e maléfica.

O desafio, porém, vinha daqueles homens selvagens, os filhos degradados da Torre de Babel, separados e castigados da Comunhão dos Santos. Por isso, a louvação da natureza que Deus doara aos conquistadores, além de reconhecer e classificar o visível, levava os cronistas a desvanecer o direito de posse do índio, criatura que vivia no espaço vazio deixada na memória pela dispersão da humanidade. Mas o índio também possuía uma memória que inquietava e, se não se dava ao hábito de louvar a natureza, reconhecia com veemência seu direito a ela: [...] (SOUZA, 2009, p. 111)

Pacaraima com sua conformação urbana, mas também com uma considerável porção territorial rural, expressa uma dualidade entre os indígenas, há aqueles mais arraigados com seus hábitos, costumes e misticismos ancestrais, porém, o perímetro urbano, com grande número e habitantes índios, observa os, aparentemente, menos ligados às suas tradições, quando são adeptos de religiões e costumes trazidos de fora no processo de colonização.

Ao constatar a urbanidade na região fronteira, Pacaraima como objeto de estudo demonstra esta assertiva. Embasado na concepção do grupo RETIS (2005) de “zona de fronteira”, considera Boa Vista, como integrante desta demarcação, na maior cidade e capital foi um realizado um estudo sobre o índio urbano.

Utiliza-se, desta forma, como paralelo da questão apresentada acima na cidade de Pacaraima, os levantamentos etno-históricos acolhidos com o projeto de extensão da UFRR, coordenado pelo Prof. Dr. Reginaldo Gomes, intitulado Kuwai Kîrí. No caso boa-vistense, indígenas das matrizes étnicas Wapixana e Macuxi são os habitantes originais da região, onde por volta de 1830 foi instalada a fazenda Boa Vista.

“A fazenda incorporou esses indígenas dessas aldeias e os transformou em caboclos ou cidadãos urbanos. A Constituição de 1988 levou esses indígenas a refletir sua trajetória histórica, sua etnicidade. Então eles se identificam como índios da cidade, por serem indígenas dessas aldeias que já estavam presentes antes do surgimento de Boa Vista” (Professor Reginaldo em entrevista concedida a Willame Souza, Revista Tepui, 2012, p. 29)

Mas abordar questões étnicas na atual conjuntura sociocultural infere diretamente em como cada indivíduo se identifica, ou seja, a sua identidade. Com esse conceito já desvelado anteriormente, acredita-se na mudança do modo como a identidade é alocada na modernidade, principalmente no processo de globalização. (HALL, 2006)

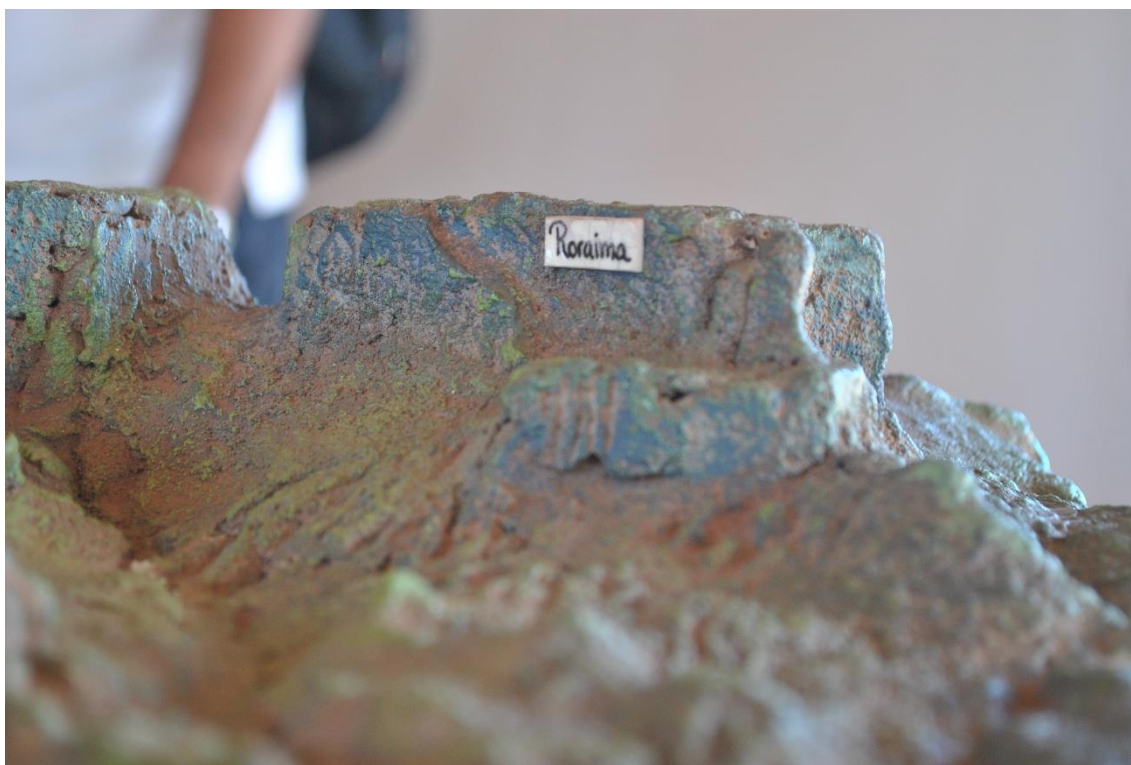
Pacaraima, ao longo de seu processo de formação como cidade recebeu migrantes, não somente nacionais, mas também, contribuído pela sua localização, pessoas advindas de outros países, pela proximidade, principalmente da Venezuela. Nesse sentido, é notória a presença de três matrizes etnoculturais na região: a indígena-brasileira, a afro-guyanense e latino-venezuelana. Conscientes dessa diversidade cultural.

Falar de formação identitária, principalmente pelo expoente utilizado nessa abordagem dimensional-antropológica, é lembrar o passado colonizador recaído sobre a região amazônica. Se atualmente há linha divisória onde um lado se observa um povo lusófono e de um outro os *hispano-hablantes*, é justamente por ocorrência desse processo.

Primeiramente é necessário frisar, ambos os Estados Nacionais, Portugal e Espanha, tem matrizes culturais e históricas semelhantes. Assim na conjuntura europeia são considerados ibéricos, são precursores da corrida colonialista no “Novo Mundo”, dominaram quase inteiramente a região amazônica. Essa divisão luso-hispânica [...] do condomínio amazônico” (BENCHIMOL, 2009, p. 109), não expressa uma rivalidade concreta, houve, em muitos acontecidos um “intercâmbio e influência recíproca (idem, ibidem) entre os impérios ibéricos.

No caso venezuelano, a região destacada é a da “Gran Sabana”, compreende todo o território do Rio Orenoco até as fronteiras com Brasil e com Guyana. As expressões artísticas dessa região contemplam as belezas naturais em volta, principalmente na reserva natural do Parque Canaima, com gravuras, pinturas, esculturas e artesanato em homenagem aos belos montes, relvas, cachoeiras do lugar.

Fotografia 19 - Miniatura "Monte Roraima"



Fonte: Autor

Fotografia 20 - Maquete "Gran Sabana"



Fonte: Autor



Fotografia 21 - Loja de artesanato “El Pauji”



Fonte: Autor

O que se observa no local é uma mescla do ancestral com o moderno, onde a cultura é expressa através das artes visuais, da música, dança, culinária, indumentária e arquitetura, vislumbra uma mistura de componentes culturais indígenas, espanhóis e africanos (GOMES, 2012 b)

Fotografia 22 - Pintura de inspiração indígena



Fonte: Autor

Fotografia 23 - Arquitetura de Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

No lado brasileiro, a savana é chamada de lavrado, e a Serra de Pacaraima é inspiração para poetas regionais. Percebe-se, a influência europeia no estético material: arquitetura e indumentária, principalmente. Para além da presença cultural indígena, observa-se também uma matriz cultural genuinamente brasileira: a nordestina, muito influente na culinária, dança, música e até gírias.

Fotografia 24 - Bodegas, herança do Nordeste brasileiro



Fonte: Autor



Fotografia 25 - Restaurante Nordestino



Fonte: Autor

A Amazônia começou, assim, a abraçear-se com a chegada desse novo tipo de migrante, que trouxe consigo uma outra cultura de valentia e cobiça. [...] em contraste com esse panorama tradicional que também fez história e não foi tão morto como se pensam iríamos viver com a chegada dos nordestinos uma nova aventura na outra Amazônia, mais ousada e inquieta. (BENCHIMOL, 2009, p. 156)

Algo notado no lado venezuelano da fronteira, na fala de Norelis (38) proprietária, junto com o marido da agência de turismo Eny Tours, nascida em Caracas é a maior afinidade dos venezuelanos com bens artísticos, na comparação entre Santa Elena de Uairén e Pacaraima, onde relatou ter incentivo à atividades artísticas desde a escola primária.

Fotografia 26 - Comércio Artesanal em Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

Para além do relatado, Santa Elena é uma cidade maior que sua gêmea brasileira, com acessos mais fáceis e maiores aparatos. Sobre a questão do incentivo é importante salientar:

A produção artística, seja ela a literatura, a música ou as artes visuais representadas nas mais diferentes formas, estilos e tendências, encontra nas cidades (lugares de migrantes e de experiências interculturais) um mercado em expansão para alcançar seus consumidores interage com os autores em diversos estilos. A expansão da indústria cultural e as forças dos mercados faz com que artistas procurem ampliar a produção e circulação de suas obras frente a uma economia de consumo. (FIORETTI, FLORESSI, 2012, p. 135)

A dimensão antropológica é de um tamanho universal. Assim, caminha-se para conclusão dessa parte do capítulo, justamente por achar impossível elucidar tantos temas e discussões pertencentes à esta perspectiva dimensional. Antes de continuar análise quadridimensional na concepção econômica, levanta-se alguns questionamentos.

Primeiramente, parte-se de um princípio indígena como berço da cultura caribenha, com essa afirmação, a principal proposta deste enfoque dimensional é a valorização dessa matriz e seu futuro com expoente artístico. Posteriormente, consciente desta retórica, buscar desmistificar a manutenção primitiva da cultura indígena.



Para Escobar (2014), a capacidade dos índios de manter-se fiéis aos seus costumes originais por meio de trocas culturais, é um ato, não somente de resistência, mas de sobrevivência.

Entender as diferenças por um viés colaborativo e promissor é a principal lição de enxergar as relações Brasil-Venezuela por uma égide antropológica. O hibridismo cultural entre as culturas dos países africanos, europeus e os povos nativos indígenas não ocorreu de um modo essencialmente pacífico, mas a simbiose dessa relação é algo merecedor de destaque.

### 3.3 - Olhar Econômico

Quando se trata de cultura, tende-se a desvincular seus aparatos dos discursos mais pragmáticos. Conceitos abstratos do universo cultural são difíceis de tangibilizar, justamente por proporcionarem uma infinidade de perspectivas. Analisar esse universo pelo viés econômico é o desafio aqui apresentado. Propor uma sistematização e quantificação dos bens culturais, a priori, parece perverso, mas pode também significar a sobrevivência de diversas culturas no regime dominante capitalista.

A região amazônica foi concedida como espaço para o extrativismo ao revelar e oferecer ao mundo o látex. O século XX inicia economicamente próspero para Amazônia, por causa dos lucros gerados pela borracha. (BENCHIMOL, 2009). Com essa prosperidade, aos detentores do poder econômico, permitiu-se finalmente o acesso à cultura, ou seja, os padrões culturais acidentais europeus.

Os coronéis da borracha, enriquecidos na aventura, resolveram romper a órbita dos costumes coloniais, a atmosfera de isolamento e tentaram transplantar os ingredientes políticos e culturais da velha Europa, matrona próspera, vivendo numa espécie de fastígio e menopausa. O clima de *Far-West* seria visível nas capitais subitamente emergidas das estradas da seringa. Contra a fronteira e os perigos de um tradicionalismo aristocratizante, típico de fazendeiros, os coronéis, sobretudo os coronéis de Manaus, experimentaram a tentação do internacionalismo e da irresponsabilidade burguesa da belle époque. (SOUSA, 2009, p. 262)

Com a inserção desse modelo europeu tanto econômico quanto cultural na Amazônia, deixe seu ápice até seu declínio, por muitos anos, numa prática que permanece até hoje, tenta-se dominar a floresta. Para se aproveitar economicamente da região, de baixa densidade demográfica e com vegetação predominante mente de floresta equatoriana densa fechada, ocasionou-se o desmatamento para criação de animais para abate e também para plantações, porém há uma região de pastos propícia à criação de gado se encontra no extremo norte do país das zonas lindeiras com a Venezuela e antiga Guyana Inglesa.

Nessa prerrogativa, como já abordado no início da dissertação, foram criadas fazendas para criação bovina, posteriormente buscou se aproveitar os descampados para a agroindústria de grãos, principalmente o arroz, soja e milho. Os dias atuais com grande parte da população economicamente ativa é empregada do setor público, na chamada "economia do contracheque"<sup>24</sup>.

Com esse breve recorde histórico levanta-se questões acerca do impacto cultural do modelo econômico implantado na conjectura amazônica. Todo esse processo de modernização, entende-se como implantação econômica ocidental, dizimou, não só populacionalmente grande parte dos indígenas, mas também abalou fortemente sua cultura, impondo, de certa forma, costumes, crenças e um estilo de vida novo, porém não necessariamente mais adequado.

Para que se compreenda o contexto transfronteiriço, no qual Pacaraima está inserida, é necessário saber sobre cidade:

Marcada por uma dualidade intrínseca de contato e separação, que atrai e repele, a fronteira trata-se de uma zona híbrida de forças centrípetas e centrífugas que pode ser melhor observada principalmente naqueles pontos fixos de interação mais intensa como as cidades-irmãs, que tanto representam os limites da territorialização nacional, quanto os pontos de reterritorialização internacional. [...] as cidades-gêmeas de Santa Elena de Uairén e Pacaraima têm um nível de assimetria menor (se comparada com Bonfim e Lethem)<sup>25</sup>, o que leva a transbordamentos recíprocos de fatos positivos e negativos, destacando-se vazamentos de renda entre as ambas as cidades, porém com destaques na atração comercial e turismo pela Venezuela. (SENHORAS, 2012, p.64 e p.65)

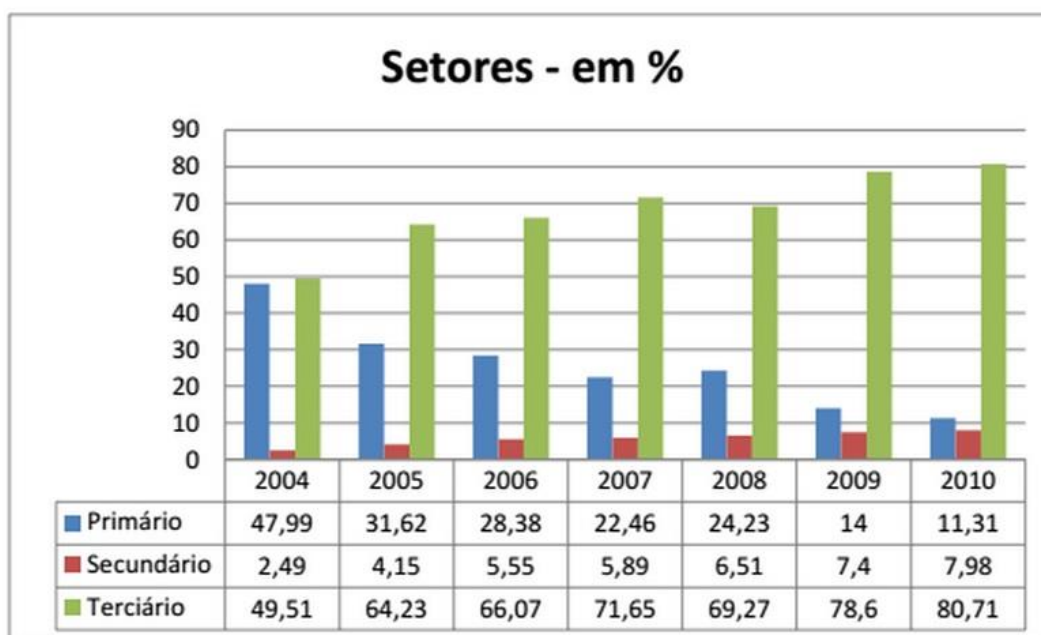
Com base nos setores que confeccionam o cálculo do Produto Interno Bruto (PIB): primário, secundário e terciário da economia, explicita alguns dos setores econômicos mais influentes em Pacaraima. Com base nas análises ser trans com base nas análises feitas por Tácio (2016), construir um vínculo fronteiriço que impacta na economia da cidade, com a atuação das cooperativas de táxi, comércio local E prestação de pequenos serviços com os aquecedores econômicos locais.

---

<sup>24</sup> Economia do contracheque é o termo popular dado à economia, resultante da circulação exclusiva de valores pagos aos servidores públicos e aos empregados privados do comércio em forma de salários.

<sup>25</sup> Grifo próprio

Tabela 7 - Participação percentual do PIB dos setores da economia do Município.



Fonte: RAPOSO, 2016, p. 244

Quando se aborda pelo viés cultural as atividades econômicas, presume-se uma gama de produtos e serviços, via ao consultar as atividades selecionadas como culturais pela Classificação Nacional de Atividade Econômicas (CNAE) percebe um escopo bastante delimitado. No caso de Pacaraima, amplia-se tarde menção atividades culturais, considerando aquelas que comercializam produtos ou serviços relativos à alguma cultura.

Não há presença de indústrias criativas, o setor terciário da cidade é aquecido por atividades ligadas a gastronomia e bebidas, se levar em consideração que esses proporcionam entretenimento tanto aos locais quanto aos turistas, quando oferece comidas típicas, drinks, ao som de músicas que vão dos ritmos brasileiros, passando pelo reggae afro-caribenho e pela música latina.

Tabela 8 - Comércio de Alimentação e suporte ao Turista

<b>Quantidade</b>	<b>Modalidade comércio</b>
6	Churrascarias
9	Restaurantes
10	Lanchonetes
20	Bares
2	Padarias
2	Pizzarias
4	Farmácias

Fonte: (ESMAEL, apud, RAPOSO, 2016, p. 247)

Maria (34) com seu estabelecimento na rua Suapi, principal via de comércio do centro de Pacaraima, onde comercializar o guaraná natural relatou que repita bastante saída (sic), não somente pelos habitantes da cidade, mas também pelos vizinhos venezuelanos e turistas de outras cidades brasileiras e até de outros países. Nessa fala da comerciante pôde ser constatado, ao se enumerar na mesma rua, pelo menos dois estabelecimentos, além do seu, comercializando o guaraná natural, na rua Parima, a próxima paralela, Liria (32), além do guaraná, possui dentre outras comidas, a tapioca.

Fotografia 27 - Liria Lanches



Fonte: Autor

Já na próxima rua, ao conversar com a manicure Rosemeire (45), na sua fala se percebeu o ramo da beleza com bastante demanda, tanto por locais, quanto por habitantes da cidade vizinha transfronteiriça. Todavia, ressalta manicure, a procura maior é por parte das brasileiras, acredita-se que padrões estéticos de cada cidade-gêmea influenciam quando se escolhe esse tipo de serviços. Se observou mais dois salões de beleza seguidos um do outro, no lado oposto da rua, duas lojas de materiais escolar/armarinho dispostos de modo consecutivo.



Fotografia 28 - Parte interna de um salão de beleza em Pacaraima



Fonte: Autor

Algo similar ocorre com o ramo hoteleiro com hotéis/pousadas/pensões próximos uns dos outros nos perímetros do terminal rodoviário da cidade. Na rodoviária de Pacaraima, se encontra também uma lanchonete e uma cooperativa de táxis intermunicipais, logo em frente o maior hotel da cidade.

Fotografia 29 - Fachada da Rodoviária de Pacaraima



Fonte: Autor

Fotografia 30 - Fachada de Hotel em Pacaraima



Fonte: Autor

Neste sentido, não enquadrada como ramo cultural econômico, mas que isso, como um setor próprio da economia, destaca-se o turismo. Fernandes e Senhoras (2012) abordam o potencial turístico da região transfronteiriça Brasil-Venezuela, todavia explanam a falta de bases fortes, quando se observa o lado brasileiro.

Na cidade-gêmea vizinha, no lado venezuelano, se explicita a grande disparidade em relação sua “irmã” brasileira no que consta empreendimentos culturais, Santa Elena de Uairén possui um número bem maior de negócios envolvendo atividades culturais. Numa visão superficial, exemplifica as opções de entretenimento levando em consideração que há, pelo menos, três casas na cidade com serviços de danceteria, bar e até shows adultos.



Fotografia 31 - Bar em Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

Não se quantificou, mas não se enumera fácil o número de hotéis, bares, restaurantes, ainda os comerciantes autônomos e ambulantes que comercializam principalmente comida e artesanato nas praças. Santa Elena da Uairén, apesar da pequena proporção frente outras cidades venezuelanas, possui ares cosmopolitas e metropolitanos.

No que diz respeito ao setor gastronômico, encontra-se opções para os mais diversos gostos, desde comidas típicas às especiarias culinárias. Os populares e regionais “ pepitos”<sup>26</sup>, oferecidos em diversas lanchonetes ao longo da cidade especializadas nessa comida típica, há também as “arepeiras”, onde se prepara e vende as famosas arepas<sup>27</sup> venezuelanas, com pelo menos dois restaurantes de comida chinesa, sabe-se de um de comida turca, além de opções mais requintadas de culinária catalã e galega.

---

<sup>26</sup> Sanduíche originário da Espanha, porém, muito famoso na Venezuela. Consiste, basicamente, em um sanduíche de pão francês com recheio, geralmente, de carne ou frango, salada e com uma variedade de molhos dispostos em recipientes para quem vai comer se servir a gosto.

<sup>27</sup> Prato de massa de pão feito com milho moído ou com farinha de milho pré-cozido nas culinárias populares e tradicionais da Venezuela, Colômbia e Panamá.

Fotografía 32 - "Arepeira", em Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

Fotografía 33 - Restaurante chinês em Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor



Fotografia 34 - Restaurante em Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

O setor hoteleiro é grande e diversificado, com hostels até resorts, para os mais variados públicos. Aquecido pelas agências de turismo locais, onde apostam no ecoturismo, levam turistas de todo país e do mundo, principalmente no período compreendido entre os meses de dezembro e janeiro. Para se contemplar com a “Gran Sabana”, com suas cachoeiras, descampados, e os tepuis<sup>28</sup>, como o imponente Monte Roraima, escalado pelo lado venezuelano.

Por tudo isso, as regiões transfronteiriças carregam um potencial turístico muito grande, principalmente por sua facilidade de acesso, mas esta potencialidade não é garantia de turismo forte, já que muitas motivações podem caracterizar migração, em especial quando as disparidades entre as cidades-gêmeas em questão são muito significativas. (FERNANDES, SENHORAS, 2012, p. 68)

A própria realidade econômica do estado de Roraima explicita um ambiente desfavorável para os empreendimentos culturais, em Pacaraima essa prerrogativa permanece, a conjuntura roraimense não é marca por um setor industrial consolidado. Como esforço para

---

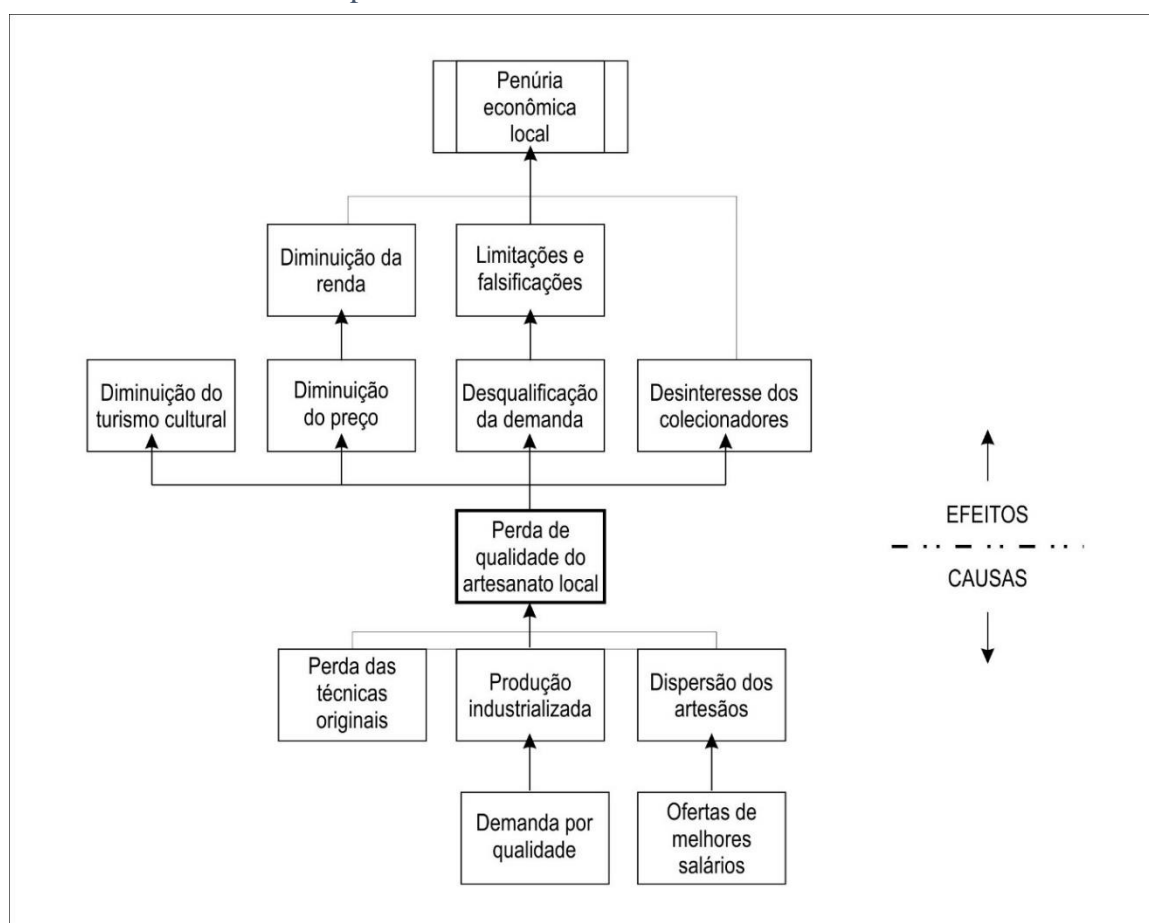
<sup>28</sup> Formação relevo em forma de “mesa”, com paredes verticais e cimo geralmente plano, típico da região dos Escudo das Guianas principalmente na zona da Gran Sabana venezuelana. Estas singulares formações também são encontradas em menores proporções nos países vizinhos como a Guayana e o Brasil.

mudança desse quadro apático de inércia dos empreendimentos culturais roraimenses, propõe-se o modelo de *projetos culturais*, cuja definição foi apresentada no capítulo anterior.

Porém para se implementar projetos culturais é necessário, primeiramente, tornar o bem cultural acessível, ou seja, transformá-lo em produto cultural. Em Pacaraima os produtos com potencial mercadológico, para serem comercializados como mercadoria cultural, são pormenorizados às “lembrancinhas” do Brasil, como já abordado, não se encontra nenhum *souvenir* de origem pacaraimense. Explicita-se, assim, que a falta e conhecimento acerca do valor simbólico dos objetos ali comercializados, dissocia o produto como objeto cultural, por não ser visto como arte.

Sabendo disso, traz o instrumento de projeção conhecido como *árvore de problemas*, que tem como objetivo “identificar as relações de causa e efeito, a partir da definição de um problema central” (THIRY-CHERQUES, 2008, p. 42)

Tabela 9 - Árvore de problemas



Fonte: THIRY-CHERQUES, 2008, p. 44

Todavia, embasada na própria construção identitária de Pacaraima, se observa um grande potencial econômico por meio da cultura, a exemplo de eventos promovidos,

principalmente pela iniciativa pública e o grupo “S”, gerando uma cadeia produtiva por meio do setor cultural.

O cosmopolitismo fronteiriço pode e deve ser utilizado em proveito econômico para a cidade, mas para ocorrer esse feito é necessária uma maior independência das esferas institucionais, ou seja, do poder e verba públicos, com um setor que se retroalimente financeiro e economicamente. Essa relação de dependente do ambiente governamental é explorada no próximo subcapítulo, no qual aborda o potencial cultural pacaraimense pelo prisma político.

### 3.4 - Olhar Político

Em uma região fronteiriça muito se discute questões de soberania e poder nacional, questões que passam pela militarização da fronteira, defesa dos espaços limítrofes. De antemão expõe que essa não é a abordagem utilizada aqui, há outras percepções políticas mais adequadas à perspectiva levantada.

Pesquisar fronteira está ligada diretamente com o campo das relações internacionais, assim demonstra uma ótica menos estatocêntrica de abordagem. Lembra-se, assim que com fim da dicotomia hegemônica da Guerra Fria, nota-se novos acontecimentos sociais, nos quais adquiriam cada vez mais relevância nos estudos sobre o sistema internacional nos anos 1990, na medida em que as questões étnicas foram responsáveis por fatos como a Guerra da Bósnia e o genocídio em Ruanda. Neste interim, é necessário citar que: “*Constructivism is about human consciousness and its role in international life*”<sup>29</sup> (RUGGIE, 1998 apud BARNET, 2008).

Ao se perceber o estado como uma construção social, se observa o panorama político amazônico. Primeiramente com greve recorte histórico da evolução política da região. Como já relatado, o modo tradicional amazônico de vivência integrada com a natureza, mais as tecnologias e novos costumes trazidos pelo colonizador, constituem uma sociedade única.

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a organização social e os sistemas de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto, desenvolveram-se o homem e a sociedade, ao longo de um secular processo histórico e institucional (BENCHIMOL, 2009, p.17)

---

<sup>29</sup> Tradução nossa: “Construtivismo é sobre a consciência humana e seu papel na vida internacional”

Porém, a lógica colonizadora não era benevolente, foi marcada por uma série de abusos, como assassinatos, estupros e escravidão justificadas pela fé cristã. Com a divisão das Américas e, conseqüentemente, da Amazônia entre os reinos ibéricos. Logo se evidenciou as distintas formas de colonizar entre Portugal e Espanha.

Não se vê, ao longo da conquista do vale pelos portugueses, lances de alucinação e febre de saque, como procederam sempre os espanhóis. Não somente os portugueses não se defrontaram com culturas militarmente organizadas como a dos incas, maias e astecas, como traziam uma concepção estruturada para se apossar da terra e nela se estabelecer como senhores. Os povos amazônicos tinham uma concepção mítica do mundo; os portugueses uma teologia aguerrida. Era a luta entre o “logos” e o “homem autoritário”. (SOUZA, 2009, p. 109)

Assim, ocorria a constituição sociopolítica amazônica, as legitimidades territoriais definiram o espaço geográfico. A tecnicidade euro-ocidental “redentora”, definiu o que e onde seria a Amazônia, definiu também sua posse. (idem, ibidem) Como já explicado na dimensão anterior, o auge amazônico como potência econômica que se iniciou em meados do século XIX, trouxe também algumas conseqüências políticas. Dentre elas, A Companhia de Comércio e Navegação do Amazonas e com o Decreto Imperial de abertura do Rio Amazonas para todas as Nações em 1862.

Esses acontecimentos podem parecer um processo distante da realidade do extremo norte transfronteiriço, mas de alguma forma culminaram na sua nova conjuntura. A intensificação do movimento político na região teve reflexos diretos em Roraima. Ligada à exploração das drogas do sertão, a colonização ao longo do Rio Branco, os primeiros relatos que se tem notícia de um processo colonial efetivo do ato de meados do século XVIII. Com a implantação do sistema federativo advindo com a Proclamação da República, Boa Vista é criada como município. (MAGALHÃES, 2008).

Esta “preocupação com o abandono do vazio amazônico [...], ninguém poderia esperar que o governo estadual, sediado em Belém ou Manaus, tivesse poder político ou econômico para irradiar sua ação além de um raio de 100 quilômetros. Este o quadro nos primeiros 50 anos da República. ” (MATTOS, 1980, p. 65). Já no século XX, após a instauração do “Estado Novo” (1930-1966), trouxe o discurso da “Marcha para o Oeste” e a criação de importantes órgãos governamentais como a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) em 1953 e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre 1966-85 corre efetivamente um planejamento regional amazônico, aumenta a preocupação com as questões lindeiras amazônicas. Para acelerar a ocupação da região reforçou a criação de instituições como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) em 1966. (BECKER, 2008)

Assim, assim algum aborda a conjectura roraimense, evidencia-se um lento crescimento populacional até a década de 1970, mente na década posterior com o “boom” do garimpo, esse quadro começou a mudar. Salienta-se a migração nordestina, nos quais vieram não somente para atividades de base, mas também para assumir cargos públicos, movimento vinculado ao PIN (Programa de Integração Nacional) de 1970, A transformação do Território Federal em estado membro da Federação, ocorrido com a promulgação da Constituição de 1988, impulsionou mais ainda a migração para Roraima, com a intenção de assumir os novos empregos públicos. (MAGALHÃES, 2008)

Houve, no entanto, centralização urbana na capital estadual Boa Vista, Como estratégia dos parlamentares Roraimenses frente ao processo demarcatório de terras indígenas, São criados em 17 de novembro de 1995 os municípios de Uiramutã, Normandia e Pacaraima. (BETHÔNICO, SARTORI, 2012). A Constituição Pacaraima como município revela, desta forma, uma disputa de interesses deles e a influência do território em questão. (SILVA, 2010 apud idem, ibidem)

Já abordada a conformação política de Pacaraima, entrar na discussão sobre as políticas culturais. Partindo de uma visão ampla, buscar alocar suas aplicabilidades no contexto fronteiriço, ao expor alguns esforços tanto da iniciativa pública quanto privada em relação à cultura como fator desenvolvimentista regional.

Para o sociólogo Arturo Morató (2005), foi a partir da década de 1960, década na qual se observou uma efervescência dos estudos de viés crítico em relação ao campo cultural e o ambiente internacional passou por fase de inusitada expansão de temas referentes à cultura, que se estendeu até a década de 1980. A criação do Ministério da Cultura de Malraux, na França, é um marco para inserção da cultura na agenda política dos Estados Nacionais. Todavia, o nível de influência do Estado em assuntos referentes à cultura é questionado: até que ponto deve haver interferência governamental?

O exemplo francês é utilizado para evidenciar um processo de “desconstrução progressiva”, entre 1971 e 1973, Jacques Duhamel foi ministro de Assuntos Culturais na França, com a proposta de “desenvolvimento cultural”, que acabava por gerar uma cisma entre os criadores de políticas culturais e a população. Por conseguinte, buscou-se democratizar a cultura, por meio de ações menos centralizadas no Estado, incentivando a “cultura plural” (URFALINO, 1996 apud MORATÓ, 2005).

Estas diferentes orientaciones de política cultural que pueden identificarse en el caso francés son también comunes a la mayor parte de los países occidentales. Toda una serie de factores contextuales, de tipo ideológico, político y socioeconómico, que afectaron de manera similar a todos estos países, contribuyeron a su común

evolución. Pero fueron sobre todo ciertas instituciones internacionales, tales como la Unesco o el Consejo de Europa, las que ejercieron la principal función armonizadora. Con todo, también es cierto que no todos los países se implicaron por igual en cada una de estas fases, ni tuvieron en ellas el mismo protagonismo. (MORATÓ, 2005, p. 355)<sup>30</sup>

Todavía, não há como se manter alheio que a cultura pode também se manifestar de modo menos cooperativo. Assim, traz a título de explicação o conceito de *Imperialismo Cultural* como a perda de autonomia para escolher características simbólicas de um país, que não levam em conta o desejo popular, mas *a priori* uma coerção econômica e política (CARVALHO, 1997)

Neste contexto, nota-se que os assuntos culturais podem ser abordados por diferentes óticas, inclusive a mais realista, que, apesar de não centrar seus estudos no tema, admite que a cultura é um meio eficaz para alcançar premissas como o poder nacional, nos quais os Estados usam os veículos culturais, para manutenção de seu poder no sistema internacional.

Por meio da ótica globalizada, é importante notar que há benefícios de uma democratização do acesso às diferentes formas de arte, por meio de veículos midiáticos, como: cinema, televisão, rádio, internet, dentre outros, com mais amplo e maior velocidade do acesso às diferentes culturas. Destarte, são invocados questionamentos acerca dos impactos do alcance em massa de meios de mídia, como fatores que influenciem de tal forma os costumes e hábitos de certas populações a ponto de alterarem, inclusive, a identidade das mesmas. (RIGAUD, 1980 apud RIBEIRO, 2011).

Ainda que as políticas culturais tenham trazidos enormes benefícios para o acesso e democratização das artes, É necessário manter um olhar crítico sobre as consequências para sociedade, sobretudo as tradicionais. Nas discussões levantados por Canclini (1998, apud HAESBAERT, 2012) sobre o hibridismo cultural e suas consequências (positivas ou negativas) no contexto político-social deve -se atentar:

Para que serve uma política que tenta abolir a heterogeneidade cultural? Para suprimir algumas diferenças e marcar outras. Divulgar massivamente o que alguns entendem por “cultura” nem sempre é a melhor maneira de fomentar a participação democrática e a sensibilização artística. Porque a divulgação massiva da arte “seleta”, ao mesmo tempo que uma ação socializadora, é um procedimento para

---

<sup>30</sup> Tradução nossa: Essas diferentes orientações políticas culturais podem ser identificadas, no caso francês, também são comuns à maioria dos países ocidentais. Uma série de fatores contextuais, ideológicos, políticos e sócio-econômicos que afetam de forma semelhante todos esses países, contribuiu com a sua evolução comum. Mas foi acima de todas certas instituições internacionais como a UNESCO ou o Conselho da Europa, a principal função exercida harmonização. No entanto, é também verdade que nem todos os países estão igualmente envolvidos em cada uma destas fases ou tinham em si mesma importância

assegurar a distinção dos que a conhecem, dos que são capazes de separar forma e função, dos que sabem usar o museu. Os mecanismos de reforço da distinção costumam ser recursos para produzir hegemonia. (CANCLINI, 2013, p. 155)

As dimensões econômicas e política, neste sentido, são complementares, ao seguir a linha de pensamento neoliberal, percebe-se que esta relação dimensional e os resultados mais paradigmáticos e tangíveis da proposta cultural desenvolvimentista fronteiriça. Traz se os conceitos da Nova Economia Institucional, com as questões do cooperativismo e as responsabilidades públicas dos empreendimentos.

Segundo North (1994, *apud*, ARAÚJO, DIAS, LUCENA, 2011), compreende como Nova Economia Institucional o ambiente no qual as organizações estão inseridas, onde se encontram altamente institucionalizadas, com leis procedimentos e protocolos a seguir, além dos costumes e normas sociais já existentes, todos esses fatores são determinantes para as performances econômicas. Nota-se assim em relação à cultura como é importante em vários casos o apoio de organismos de força políticas e órgãos governamentais.

Fotografia 35 - Pintura chavista em Santa Elena de Uairén



Fonte: Autor

Assim, merece destaque na manutenção da cultura como engrenagem importante para o avanço do país, o papel do Ministério da Cultura (MinC). "O Ministério da Cultura é



um órgão da administração pública federal direta que tem como áreas de competência a política nacional de cultura e a proteção do patrimônio histórico e cultural. ” (Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/o-ministerio>).

Ao cruzar a função desempenhadas pelo MinC com o crescimento do Brasil, revela o **Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil**, lançado 29 de novembro de 2006, no Rio de Janeiro. No documento, consta um balanço da atual gestão e levanta as metas a serem alcançadas nos próximos anos. Os desafios são relacionados ao campo orçamentário, cadeias produtivas da Economia da Cultura, revisão das leis federais de incentivo fiscal, como, por exemplo, a Lei Rouanet. É também uma formulação e projeção das ações estratégicas, que visa dar continuidade, aprofundamento e ampliação ao trabalho que vem sendo realizado pelo MinC.

O Ministério da Cultura deflagrou um processo voltado para a construção de novos paradigmas e políticas públicas, por meio de um intenso diálogo com a sociedade e com os produtores culturais. Levantou-se, com esse documento, algumas questões acerca da gestão cultural:

- Se o desenvolvimento econômico expressa o bem-estar material de uma nação, é o desenvolvimento cultural que define a sua qualidade
  - A cultura é um direito básico do cidadão, tão importante quanto o direito ao voto, à moradia digna, à alimentação, à saúde e à educação
  - Deve-se sintonizar a política pública de cultura com as demais políticas governamentais visando um novo projeto de desenvolvimento para o país
  - O país demanda políticas públicas que promovam o desenvolvimento cultural geral da sociedade, contribuam para a inclusão social e para a geração de ocupação e renda, e afirmem a singularidade do Brasil diante das demais culturas do mundo
- (disponível em : [http://www2.cultura.gov.br/upload/programa%20cultural%20para%20desenvolvimento%20do%20brasil\\_1174326644.pdf](http://www2.cultura.gov.br/upload/programa%20cultural%20para%20desenvolvimento%20do%20brasil_1174326644.pdf))

A proposta do Ministério é portanto, que as atuais políticas públicas tornem-se embasadas num conceito de cultura que articula em seu corpo três dimensões vitais – Cultura como atividade simbólica (estética e antropológica); Cultura como direito e cidadania de todos os brasileiros; e Cultura como economia e produção de desenvolvimento.

Desta forma, é essencial um alinhamento as propostas nacionais com os direcionamentos internacionais propostos pela UNSESCO. Na fala de Jurema Machado, coordenadora de Cultura da UNESCO no Brasil, está claro a necessidade de indicadores mais assertivos sobre o desenvolvimento cultural no país.

Foi dessa necessidade de convergência regional com as propostas dos órgãos internacionais de peso que no fim dos anos 1990, que países integrantes Convênio Andrés Bello (CAB), no qual Venezuela faz parte, elaboraram o primeiro projeto de estudos

“Economia e Cultura”. A proposta contou com participação de ministérios e organizações envolvidas com cultura de alguns países andinos, inclusive com a participação venezuelana. (GETINO, 2007).

Para Luiz Sergio Vieira (2012) a sedução do olhar atravessa as barreiras da burocracia militar e política, alargando a linha de fronteira que deixa de ser um fio no atlas da geopolítica para se transforma em região de fronteira. Esse domínio híbrido se caracteriza pelo entrecruzamento de percepções de mundo calcadas em tradições distintas, pertencentes a tempos pretéritos, que se manifestam em uma rica produção de arte e cultura, tornado as regiões de fronteira em territórios de enorme diversidade cultural.

Neste sentido, observa-se que as regiões limítrofes, geralmente enquadradas em cenários periféricos, buscam resgatar suas próprias identidades e riquezas. A efervescência cultural deixa de ser exclusividade dos grandes centros, nas regiões de fronteira ganha ares mais diversificados por se tratar de uma área de mobilidade intensa.

No que concerne a tríplice fronteira Brasil-Guyana-Venezuela, um maior conhecimento a respeito da cultura destes países e a construção de boas relações. Por meio de políticas públicas culturais na região podem auxiliar de maneira positiva no aumento de investimentos, na abertura de novos mercados, no aumento de bens e serviços e do turismo nesses países. Assim, são firmadas ações por parte de um ator subnacional com organismo fora dos limites políticos domésticos, por meio de uma ação paradiplomática, sobre esse modo de diplomacia explica o professor Dr. Elói Senhoras:

O termo paradiplomacia subnacional representa um marco importante para compreender a ação paralela em âmbito internacional de governos locais e regionais através do estabelecimento de contatos permanentes ou não com atores correspondentes em outros países e com entidades públicas ou privadas estrangeiras. [...] Enquanto fenômeno de repercussão nas relações internacionais que quebra o monopólio das relações interestatais do clássico sistema westphaliano de poder, a paradiplomacia roraimense têm relevância positiva no processo de integração regional nos últimos anos e isto não pode ser menosprezado.” (2009, p.02)

No que diz respeito a gestão cultural roraimense, está lenta e gradual mudança de olhar para questão, porém, os esforços ainda são tímidos. O que se observa é a pouca atenção dos agentes públicos, isso ocasiona enfraquecimento do setor e ainda dificulta estratégias para o desenvolvimento dos processos culturais e até a noção coletiva de sua identidade.

Para Camargo (2012 b), a variável cultural tem fundamental importância no que diz respeito a imagem de um Estado Nacional no exterior, o conhecimento sobre um país aumenta o interesse por seus bens e serviços, neste caso, principalmente culturais com efeitos econômicos benéficos.

No entanto, quando se aborda as relações internacionais sobre o prisma da cultura, o que é buscado é uma interação entre os Estados, sob uma égide cooperativa. No que diz respeito esse modo de estreitamento, o indicador de eficácia pode ser identificado com ganhos mútuos, as relações culturais com vantagens unilaterais dificilmente são consideradas bem-sucedidas.

A combinação da criatividade natural com políticas públicas adequadas ao seu cultivo, o incremento da qualidade de equipamentos educacionais e culturais - e de acessibilidades a eles -, a disponibilidades de veículos de expressão, difusão e circulação poderiam prover os meios para a viabilização da invocação cultural/criativa e a consequente realização econômica e social de uma parcela considerável da população (...). (LEITÃO, 2007, p. 84)

Acredita-se que os benefícios gerados pela interação cultural por meio de políticas públicas culturais não somente em áreas de fronteira, como também de políticas culturais voltadas para a população de maneira geral, representa ganhos significativos para a sociedade. Além de permitir um maior acesso aos bens culturais à população, dar maior valorização à cultura local, aos artistas e suas produções, as políticas públicas voltadas para a integração cultural na tríplice fronteira permitem um maior conhecimento acerca da cultura do outro, na construção de confiança mútua e de relações pacíficas e cooperativas com os países vizinhos.

Além do mais, um maior conhecimento a respeito da cultura destes países e a construção de boas relações por meio de políticas públicas culturais na região podem auxiliar de maneira positiva no aumento de investimentos, na abertura de novos mercados, no aumento de bens e serviços e do turismo nesses países.

Neste sentido a aplicabilidade jurídico-econômica, é apresentada nos artigos 170 e 225 da CF-1988, que confabula a viabilidade de empreendimentos culturais constitucionalmente. Assim, a região amazônica no geral, um objeto tradicionalmente analisado para os estudos ecológicos, revela um escopo muito mais amplo de abordagens.

Remete-se então a Lei n. 6.938, de 31 e agosto de 1981 que estipulou as diretrizes para o desenvolvimento de Política Nacional de Meio Ambiente. Assim, questões culturais podem ser inseridas no inciso I do art. 4º da Lei n. 6.938/81, ao afirmar que a Política Nacional do Meio Ambiente visará à compatibilização do desenvolvimento econômico-social com a preservação da qualidade do meio ambiente e do equilíbrio ecológico.

As políticas públicas, desta forma asseguradas pela Constituição e por leis que competem à Legislação Ambiental. Observa-se alguns órgãos públicos e privados, desempenhando papel de promotores culturais.

A Universidade Federal de Roraima se revela pioneira em Roraima no que diz respeito ações que envolvam o intercâmbio com os Estados fronteiriços, principalmente na área da educação e cultura. O evento “Vozes da Fronteira, que tem como objetivo reunir grupos artísticos do Brasil, Guyana, Suriname e Venezuela durante as atividades comemorativas ao aniversário da UFRR em 2011 e 2012, é uma destas iniciativas. Além de apresentações culturais com a presença de músicos e artistas desses países, ocorrem apresentações de danças típicas, como a venezuelana denominada *parranda de tambores*, assim como palestras em torno da questão cultural, dentre outras manifestações culturais e ações acadêmicas

Alguns eventos realizados pelo Serviço Social do Comércio (SESC - Roraima), também são organizados com a proposta de promover a interação cultural com a Guyana e Venezuela. O “Grito Rock Bonfim” foi organizado com a finalidade de juntar bandas do Brasil e da Guyana na fronteira entre esses países, e o “Fronteira Cultural” com edições em 2011 e 2013, evento no qual diversas manifestações culturais de artistas brasileiros, venezuelanos e guyanenses, foram reunidas com a ideia de promover a circulação e a difusão da música, dança, teatro, artes visuais e audiovisual dos três países na cidade de Pacaraima em Roraima, são alguns exemplos dessas ações culturais.

Fotografia 36 - "Vozes da Fronteira", UFRR. 2012



Fonte: Autor

Fotografia 37 - Steal Band no "Fronteira Cultural" - Pacaraima, 2013.



*Fonte: Autor*

Contudo, poucas são as políticas públicas culturais voltadas para a integração cultural na tríplice fronteira desenvolvidas pelos governos locais. O Arraial das Três Nações é um dos poucos exemplos que encontramos.

O “Arraial das Três Nações” já contou com quatro edições entre os anos de 2008 e 2012. De acordo com Jacildo Bezerra<sup>31</sup>, um dos organizadores do evento, na primeira edição o “Arraial das Três Nações” tinha como objetivo promover a integração do Brasil, e mais precisamente do estado de Roraima, com os demais países da tríplice fronteira no que diz respeito ao âmbito cultural, no rompimento de barreiras para a redução dos preconceitos e a desmistificação dos estereótipos que muitas vezes se constroem com relação às nações vizinhas de Roraima. Para tanto foram trazidos elementos culturais da Venezuela e Guyana, tais como: grupos folclóricos, peças de artesanato, de vestuário, assim como fotografias para a exposição dos países.

Para a realização da festa o primeiro passo da ação pública foi enviar representantes do governo de Roraima para os respectivos países no intuito de estabelecer contatos para que realmente houvesse a participação dos países vizinhos. Com a ação firmada, a abertura do evento contou com representantes dos três países, o governador de Roraima

---

<sup>31</sup> Gerente do Núcleo de Artes da Unidade de Cultura de Boa Vista, localizado no Palácio da Cultura, em entrevista realizada em 01/06/2012.

representando o Brasil e os cônsules da Guyana e Venezuela. Para quem chegava à festa, logo na entrada era possível obter informações sobre esses países nas barracas que foram preparadas para cada nação, onde tinha comidas típicas, revistas e fotografias dos três países.

Para animar a festa, havia três bonecos gigantes que circulavam entre o público, cada qual caracterizado pelas vestimentas que lembravam cada um dos países: “Seu Zé”, no estilo caipira das festas juninas representava o Brasil, “Juanito” a Venezuela e “Mr. Brown”, com enormes tranças ao estilo rastafári que representava a Guyana. O slogan do evento também era representado pelos três personagens que juntos marcavam a união dos três países nessa grande festa.

Quanto às dificuldades para a realização do evento, segundo o entrevistado, estava relacionado a algumas questões burocráticas. A maior barreira foi a questão burocrática que a orquestra filarmônica juvenil da Venezuela sofreu para entrar no Brasil. Como a Venezuela ainda não havia entrado para o Mercosul, eram necessários certos documentos para entrar no país. Por falta de documentos necessários, a orquestra com mais de 70 componentes foi barrada na fronteira e impedida de se apresentar no evento. Para outras questões tais como a fronteira, o idioma e a receptividade não houve empecilhos para que o evento se concretizasse.

Além de entretenimento à população de Roraima, a primeira edição do Arraial das Três Nações foi além das expectativas culturais e superou todas as metas previstas de emprego e movimentação de renda no período da festa. De acordo com dados da Secretaria Extraordinária da Promoção Humana e Desenvolvimento (SOUZA,2007), o Arraial das Três Nações levou ao Parque Anauá um público de 170 mil pessoas durante as nove noites do evento, além de 56 atrações, entre bandas de música e grupos folclóricos que fizeram parte da programação do Arraial, envolvendo diretamente mais de 400 artistas.

Dessa forma, além de gerar emprego e renda e de aumentar o turismo no período do evento, a população também pôde conhecer mais da cultura dos três países num clima de alegria, harmonia e cooperação. Nos anos posteriores o arraial do Anauá continuou a ser denominado de Arraial das Três Nações. Apesar da menor proporção de grupos vindos da Venezuela e da Guyana nos anos seguintes, o arraial ainda conta com a presença de muitos turistas vindos desses países.

Contudo, no ano de 2011 não houve a celebração tradicional do arraial junino promovido pelo governo, a festa do Arraial do Anauá ou Arraial das Três Nações foi cancelado naquele ano devido à situação financeira pouco favorável do governo ou por falta

de vontade política. Infelizmente a falta de investimentos é um empecilho para que algumas políticas públicas culturais deixem de ser efetivadas.

As ações que propiciam físicas e comerciais entre Roraima e estes países fronteiriços são mais consolidadas, no âmbito cultural essas ações ainda não são conformadas de modo efetivo. Todavia, os poucos eventos ocorridos no estado explicitam o quão promissor é meandro cultural nas relações internacionais em regiões de fronteira.

Segundo o cientista político e autor Dr. Emil Constantinescu, presidente desde 2011 do Institute for Cultural Diplomacy (ICD), sediado em Berlim, a Diplomacia Cultural consiste em ser “O intercâmbio de ideias, valores, sistemas, tradições, crenças, e outros aspectos da cultura, com a intenção de promover a compreensão mútua. ”

Apesar das interações culturais de cunho diplomático ocorrerem há muitos séculos, a Diplomacia Cultural só foi reconhecida recentemente. Porém, a mesma tem se revelado como importante mecanismo de manutenção da paz, por elevar a interação sociocultural entre as nações.

Observa-se o importante papel da diplomacia cultural como promotora da paz e da estabilidade na conjuntura globalizada mundial. No que consta o prisma do ensino, a Diplomacia Cultural, possui como objetivo primordial influenciar a Opinião Pública Global e a ideologia individual e coletiva.

A Diplomacia Cultural, como área do conhecimento acadêmico apresentado pelo ICD, está fundada em cinco princípios:

1. Respeito e Reconhecimento da Diversidade Cultural e Patrimônios;
2. Diálogo Intercultural Global;
3. Justiça, Igualdade e Interdependência;
4. A Proteção dos Direitos Humanos Internacionais;
5. Paz e Estabilidade global.

Neste sentido, traz-se os conceitos de *soft power* (poder brando) apresentado por Nye como uma maneira alternativa ao *hard power*, ao longo da história favorecido pelos governos nacionais como modo de condução das relações internacionais e regionais. O *Soft Power* “surge da atividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país. Quando suas políticas são vistas como legítimas o poder brando se eleva” (NYE, 2004, p.34).

Em um ambiente mais interligado, se destaca a necessidade de um novo meio cooperação. É neste novo palco que o papel da *soft power* se destaca. Todavia, a diplomacia cultural, na qual é mais que coadjuvante para a diplomacia política ou econômica, mas protagoniza junto com as outras, ainda que intrinsecamente, resulta em um meio em que os



Estados venham desfrutar das interações, sem ganhos relativos ou absolutos, mas em benefícios mútuos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se propõe estudar o desenvolvimento regional amazônico pelo viés cultural, delimitando geograficamente à sua fronteira mais setentrional, percebe-se o quanto as variáveis desenvolvimentistas e culturais são dissociadas umas das outras. Desenvolvimento e cultura se apresentam, neste contexto roraimense, separados, buscou então construir um cenário onde esses convirjam e gerem benefícios socioeconômicos para a região.

Essa empreitada intelectual foi desafiadora, para que pudesse explorar o universo cultural de modo didático e inteligível, o dividiu em quatro dimensões: social, antropológica, econômica e política. Porém, antes de abordar o tema quadridimensionalmente, delimitou-se conceitualmente fronteira, por uma ótica cultural, que resultou no primeiro capítulo da dissertação.

O passo inicial foi apresentar a região fronteira, demonstrou diferentes concepções de fronteira, assim, observar as fronteiras pelo prisma cultural, nesse exercício foi essencial. Sabendo que essa é uma região de passagem constante, as definições fronteiriças são dinâmicas e a partir daí se enxerga nesta mobilidade, a fronteira com um lugar oportuno. As apresentações iniciais focaram-se na zona de fronteira entre Brasil e Venezuela, principalmente nas cidades-gêmeas Pacaraima e Santa Elena de Uairén, no entanto Pacaraima virou foco principal do texto por contingências diversas.

Sobre a formação sociocultural da fronteira, observou-a como uma região multiétnica e multicultural. Mais que uma forte presença de imigrantes, percebeu-se a composição migratória do estado de Roraima é essencialmente brasileira. Sua construção indenitária, é em grande parte, uma mescla da cultura indígena nativa com a dos migrantes nordestinos. Apresentadas as concepções acerca da tríplice fronteira do extremo norte, segue-se para a próxima parte do empreendimento, de cunho mais pragmático e metodológico.

Nesta parte da dissertação, cultura é apresentada como desenvolvimento, definiu um padrão das quatro dimensões, onde observou a cultura por diferentes óticas. Ampliou-se as perspectivas, mas também delimitou o amplo campo dos estudos culturais, alinhando com objetivos do projeto.

É esquematizado, assim, o universo cultural nas quatro dimensões, onde cada uma delas, são movidas por forças verticais e horizontais, uma endógena, por ser intrínseca ao objeto de estudo, e outra exógena, por ser em seu âmago externa ao objeto de estudo.

Compreendeu-se cultura como desenvolvimento, com finalidade de elevar o potencial humano. Mudar a visão sobre as ferramentas culturais é primordial para enxergá-la como uma engrenagem desenvolvimentista.

Na última etapa da dissertação, a teoricidade apresentada anteriormente recebe pinceladas de empirismos, quando o autor junta vivências transfronteiriças com um olhar acadêmico sobre a rotina cultural de Pacaraima e sua relação com a vizinha gêmea Santa Elena de Uairén. A investigação, nesse ponto, embasada em recortes históricos e geográficos, foi analiticamente explorada. Pacaraima como área propícia ao desenvolvimento cultural é posto em voga, assim dissecada para um exame aprofundado sobre viabilidade desse modelo desenvolvimentista para a cidade destacada.

Esses olhares sobre o desenvolvimento cultural na cidade de Pacaraima se apresentam mais como frestas para vislumbrar o potencial transfronteiriço, na medida em que o escopo teórico pode ser aplicado, inclusive em outras regiões do estado. Percebeu-se um transbordamento das relações transfronteiriças para além das cidades gêmeas, alcançando Boa Vista e Sur da Bolívar, a simbiose a nível distrital permite propor a relação de estados gêmeos.

Apesar de incipiente, os investimentos em cultura estão cada vez mais ativos e se mostram promissores para o desenvolvimento do estado de Roraima. No que diz respeito às ações que envolvem a integração cultural na tríplice fronteira alguns eventos estão sendo organizados para este fim. No entanto, ainda há muitas barreiras a serem derrubadas com relação à efetivação de políticas públicas voltadas para a cultura na tríplice fronteira, principalmente no que diz respeito à falta de incentivos, investimentos ou vontade política.

As integrações físicas e comerciais com a Venezuela estão cada vez mais se consolidando, porém, a integração no âmbito cultural ainda dá seus primeiros passos. Acredita-se que a integração na tríplice fronteira através da vertente cultural é uma boa maneira de se conhecer a cultura do outro, de se praticar a tolerância e o respeito à cultura alheia, de se promover o diálogo e a cooperação para que haja uma relação positiva e pacífica com os países vizinhos.

Além do mais, uma maior integração no âmbito cultural pode significar um maior aumento do comércio, de investimentos, de bens e serviços e do turismo. Para tanto, a adoção de políticas públicas que levem em conta essa vertente cultural se fazem essenciais num ambiente de fronteira, principalmente pela multiculturalidade e diversidade presentes nesse espaço.

O principal desafio encontrado foi estabelecer a relação da cultura com desenvolvimento, o esforço intelectual foi delimitado à cidade de Pacaraima, mesmo que a faixa de fronteira englobe a zona rural da capital Boa Vista, abrindo o guarda-chuva para novas pesquisas, deixando pistas para o futuro e almejado doutorado.

Estudar Cultura na região transfronteiriça revelou-se uma atividade, não somente proveitosa, mas imensamente prazerosa. A Tríplice Fronteira Brasil-Guyana-Venezuela, com toda sua diversidade cultural e com sua formidável pluralidade étnica se revelou um campo que ainda renderá uma série de pesquisas sobre assunto, esse é o resultado esperado deste esforço intelectual.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Identidade e Caminhos no Ensino de Português para Estrangeiros**. Campinas, UNICAMP: Pontes Editores, 1992

ARON, Raymond, **Os últimos anos do século**. Rio de Janeiro: Guanabara S. A. , 1987.

BARNETT, Michael. Social Constructivism. **The Globalization of World Politics: An introduction to international relations**. 4ed. BAYLIS, Jhon. SMITH, Steve. OWENS, Patricia. (Org.), New York, Oxford, 2008.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III Milênio**. Rio de Janeiro, Garamond. 2009.

\_\_\_\_\_. **Geopolítica da Amazonia: A Nova Fronteira de Recursos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Um futuro para a Amazônia**. São Paulo: Oficina de Letras. 2009.

BANCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**, ed. 3. Manaus: Veler, 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. ÁVILA, Myriam, R EIS, Eliana, GONÇALVES, Gláudia. Reimo. 3. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2005.

BARROS, Nilson Cortez Grocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional**. Recife: Editora Universitária, 1995.

BOTÍA, Carlos Gilberto Zaráte. **Silvícolas, Siringueros y Agentes Estatales: El surgimento de una sociedad tranfronteriza em la Amazonia de Brasil, Perú y Colombia**. Leticia: Universidad Nacional de Colombia. Instituto Amazónico de Investigaciones (IMANI), 2008.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Vários tradutores. MICELLI, Sergio (org), ed. 6. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRAILLARD, Philipe. **Teorias das Relações Internacionais**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Planejamento Diplomático. **Brazilian Foreign Policy Handbook**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

CARR, E. H. **Vinte anos de crise: 1919-1939**. Uma introdução ao estudo das Relações Internacionais. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CAMARGO, Julia Faria. **Mídia e relações internacionais: lições da invasão do Iraque em 2003**. Curitiba: Juruá, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; trad. da introdução Gênese Andrade. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: editora USP, 2013.

COELHO, Pedro Motta Pinto. **Fronteiras na Amazônia: um espaço integrado**. Brasília: FUNAG, 2012.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. Brasília: UNB, 2011.

CLEURY, David. **Anatomy of the Amazon gold rush**. Iowa City: University of Iowa Press, 1990.

DALY, Vere T. **The Making of Guyana**. Macmillian Caribbean, 1974.

DERANI, Cristiane, **Direito ambiental econômico**, 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

DYE, Thomas R. **Políticas públicas e o desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise**, Brasília: Editora UNB, 2009.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z: conceitos chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.

ERICKSEN, Thomas Hylland, **Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspective** (1ª ed. 1994, 3ª 2010) Nova York: Pluto Press, 2010.

ESCOBAR, Ticio. **El mito del arte y el mito del Pueblo**. Buenos Aires: Ariel, 2014.

FARAGE, Nádia. **As Muralhas do Sertão: os povos indígenas no rio Branco e a colonização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS, 1991.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e História de Roraima**. 7. ed. Boa Vista: IAF, 2009.

GARCIA, Manuel E. VASCONCELLOS, Marco Antonio S. **Fundamentos da Economia**, 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Trad. Álvaro Cabral, 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

GRIFFITHS, Martin. **50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro, Contexto, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. REPA, Luiz Sérgio, NASCIMENTO, Rodnei. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte/Brasília, Ed.UFMG/UNESCO, 2006b.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

KAMP, Renato. **Guyanas - o Arco Norte da América do Sul.** Rio de Janeiro: RKF Produções Culturais, 2009.

KAUFMANN, Vicent. **Re-thinking mobility: conteporany sociology.** Burlington: Ashgate, 2002.

KOK, Glória, MARTINS, Alberto. **Roteiros Visuais no Brasil: arte indígena.** São Paulo: Claro Enigma, 2014

KYMLICKA, Will. **Ciudadanía multicultural.** Madri: Paidós, 2010

LAKATOS, Eva e MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica.** 7 ed. São Paulo: Atlas 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 24.ed [reimp.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. **Amazônia, o extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943 – 1988.** Boa Vista: editora da UFRR. 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.

MATTOS, Meira. **Uma Geopolítica Pan-Amazônica.** Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1980.

MARTINS, Estevão de Rezende. **Cultura e Poder.** 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Hucitec, 1997.

MESSARI, Nizar; NOGUEIRA, João Pontes. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

METCALF, Peter. **Cultura e sociedade.** Trad. Ariovaldo Gries. São Paulo: Saraiva, 2015.

NYE, Joseph, S Jr. **Soft Power: the means so success in world politics.** New York: BBS Publics Affairs, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. **inSITE: práticas de arte pública na fronteira entre dois mundos.** Niterói: editora da UFF, 2012.

REINAUX, Marcílio. **Introdução à história da arte.** Recife: editora UFPE, 1991.

RIBEIRO, Darcy, **O Povo Brasileiro.** 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Edgar Telles. **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira.** Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.



RIBEIRO, Gustavo Lins, **Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SODRÉ, Nelsom Werneck. **Síntese da História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2003

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Projetos culturais: técnicas e modelagem**, ed. 2. Rio de Janeiro: editora FGV, 2008.

WALTZ, Kenneth N. **O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria Das Relações Internacionais. Coleção Trajectos**. São Paulo: Gradiva, 2002.

**Artigos, documentos, monografias, dissertações e teses**

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. Fronteiras múltiplas e paradoxais. **Textos e Debates: dossiê fronteiras**, n. 22 jul./dez. Boa Vista: editora UFRR, 2012.

ANDRADE, Luiz Antonio Botelho. Cultura e Interculturalidade: Comentários de uma longa conversa. In: GUELMAM, Leonardo; ROCCHA, Vanessa (org.) **Interculturalidades**. Niterói: EdUFF, 2004, p.83-90.

ARAÚJO, Karla Mendonça, DIAS, Luciana de Oliveira, LUCENA, Andréa Freire de. Incubadora de Cooperativas Populares em Goiás: por uma legislação estadual de incentivo. In: CARVALHO, Claudia Regina Rosal, LUCENA, Andréa Freire de, VIEIRA, Nair de Moura (Org.). **Cooperação e inclusão social**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. As cidades e suas contradições. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas. ROCHA, Renata (org). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: EDUFBA, 2010.

BETHÔNICO, Maria Bárbara de Magalhães. SARTORI, Oseias Cordeiro. A reivindicação de um território: o caso de Pacaraima. In: SENHORAS, Elói Martins. VERAS, Antônio Torlino de Rezende. **Pacaraima: um olhar geográfico**. Boa Vista: editora UFRR, 2012.

BARBOSA, Jorge Luiz. Considerações sobre a relação entre cultura, território e identidade. In: GUELMAM, Leonardo; ROCCHA, Vanessa (org.) **Interculturalidades**. Niterói: EdUFF, 2004, p.100-104.

BARNETT, Michael. Social Constructivism. **The Globalization of World Politics: An introduction to international relations**. 4ed. BAYLIS, Jhon. SMITH, Steve. OWENS, Patricia. (Org.), New York, Oxford, 2008.

BRASIL, Ministério da Integração. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília: 2005.

CAMARGO, Julia. **Diplomacia Cultural**: Uma Alternativa para Integração na Tríplice Fronteira Brasil-Venezuela-Guayna. Boa Vista, 2011.

CAMARGO, Julia. Fronteiras e novos olhares. **Tepui: revista de jornalismo científico e cultural da Universidade Federal de Roraima**. Boa Vista, v. 01, n. p. 58-59, 1 trimestre jan/mar. 2012. Editora UFRR (b)

CANCLINI, Néstor García. Comentario crítico a la dimension económica y social de las industrias culturales. **Indústrias culturais no Mercosul**. ÁLVAREZ, Gabriel O. (org.) Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2003.

CARVALHO, José Jorge de. Imperialismo Cultural hoje: Uma questão silenciada. Revista USP (32): Dez./Fev. São Paulo .1996-97

CULL, Nicholas. 'Public Diplomacy' Before Gullion, **Handbook of Public Diplomacy**, New York: Routledge, 2009.

Convênio Cultural Brasil-Guyana, 1969. Disponível em: <[http://dai-mre.serpro.gov.br/atosinternacionais/bilaterais/1968/b\\_26/at\\_download/arquivo](http://dai-mre.serpro.gov.br/atosinternacionais/bilaterais/1968/b_26/at_download/arquivo)>. Acesso em 09 de novembro de 2012

Declaração Conjunta Brasil-Guyana, 1982. Disponível em: <[http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1982/b\\_93/](http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1982/b_93/)> Acesso em: 26 de nov. 2012)

DEHEINZELIN, Lala. Economia criativa e empreendedorismo cultural. **II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: UFBA, 2006.

FADUL, A. **Indústria cultural e comunicação de massa**. Idéias, São Paulo, n. 17, p. 53-59, 1994. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c\\_ideias\\_17\\_053\\_a\\_059.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_17_053_a_059.pdf)>. Acesso em: 18 de abril de 2012.

FERNANDES, Rodrigo Baldin, SENHORAS, Elói Martins. Notas sobre a geografia do turismo em Pacaraima. In: SENHORAS, Elói Martins, VERAS, Antônio Tolrino de Rezende (Org.). **Pacaraima: um olhar geográfico**. Boa Vista: Editora UFRR, 2012.

FIORETTI, Elena Campo. FLORESSI, Stefano. Roraima na rede: caminhos alternativos tecidos por produtores e articuladores culturais. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. DUARTE, Rosangela. **Arte e cultura na Amazônia: os novos caminhos**. Boa Vista: editora UFRR, 2012.

FLORENCE, Afonso. O fenômeno urbano como fenômeno cultural. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas. ROCHA, Renata (org). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: EDUFBA, 2010

FORSTER, Abby. We Are All Insider-Outsiders: A Review of Debates Surrounding Native Anthropology, **Student Anthropologist**, Vol. 3, num. 1. Washington: 2012.

GETINO, Octavio. Aproximación a la situación de las industrias culturales en el Mercosur. **Indústrias culturais no Mercosul**. ÁLVAREZ, Gabriel O. (org.) Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2003.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo cultural “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In SERPA, Angelo, BARTHE-DELOIZY, Francine (org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em geografia**. Salvador: EDUFBA e Edições L’Harmattan, 2012.

LIMA, Erik Cavacanti Linhares de. **Política externa do vizinho distante: estudo de caso da República Cooperativa da Guayana**. Tese (doutorado) –Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LEITÃO, Cláudia. Política e gestão cultural na América Latina. **Observatório Itaú Cultural**, n. 18, São Paulo: jun./dez. 2007

LIMA, Harllos Arthus Matos. **A construção da fronteira na mídia de Roraima: uma análise da região Brasil-Guyana-Venezuela**. Monografia (graduação) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista: 2011.

LOURENÇO, Raimundo Silva. Em busca do EL Dourado: trajetória de migrantes brasileiros em Bartica (República Cooperativista da Guayana). Estudos **transdisciplinares na Amazônia Setentrional** – Fronteiras, Migração e Políticas Públicas. RODRIGUES, Fracilene dos Santos; PEREIRA, Mariana Cunha, (Org.), Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Linguagem literária: um caminho que caminha. Códigos do imaginário amazônico. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. DUARTE, Rosangela. **Arte e cultura na Amazônia: os novos caminhos**. Boa Vista: editora UFRR, 2012.

MAIA, Luiz Mariz. Foi Genocídio. **Caderno da Cidadania – Observatório da Imprensa**. nº 99 – 5/10/00

MANFREDINI, Cíntia. PAIVA, Maria Lucia. Os Stakeholders na Administração Pública do Turismo. **XXXIV Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro: 2010.

MARTÍNEZ, Mario Valero. Paisajes, territorios y fronteras - la región de Guayana. PORTO, Jadson Luís Rabelo. NASCIMENTO, Durbens Martins. **Interações fronteiriças no Platô das Guyanas: novas construções, novas territorialidades**. Macapá: Publit, 2010.

MEAD, Margaret. A adolescência em Samoa. In: CASTRO, Celso (Org.). **Cultura e personalidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo no Brasil; um caso de religião e cultura. **Revista USP**, n.74, p. 160-173, junho/agosto. São Paulo: 2007

MONASTÉRIO, Leonardo. Desigualdade e políticas regionais de desenvolvimento: o que diz a abordagem do capital social? In: CARVALHO, José Raimundo, HERMANNNS, Klaus. **Políticas e desenvolvimento regional no Brasil**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

MORATÓ, Arturo Rodríguez, **LA REINVENCIÓN DE LA POLÍTICACULTURAL A ESCALA LOCAL**: el caso de Barcelona. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 351-376, maio/ago. 2005

MYAMOTO, Shiguenoli. A Política de Defesa Brasileira e a Segurança Nacional. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, vol 22, julho/dezembro de 2000

PEREIRA, Mariana Cunha. **A ponte imaginária**: o trânsito de etnias na fronteira Brasil-Guyana. Tese (doutorado) –Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Memórias de brasileiros e guyanenses sobre a Revolta do Rupununi na fronteira Brasil – Guyana. **Textos e Debates** nº 14 ( janeiro – junho de 2008). Boa Vista: Editora da UFRR.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de (Org). **Projeto Kuwai Kîrî**: a experiência Amazônica dos Índios Urbanos de Boa Vista – Roraima. Editora da UFRR, 2010.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. A presença holandesa na Amazônia Caribenha entre os séculos XVI e XVII: Da Costa Selvagem ao Rio Branco. In: OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; IFILL, Melissa (org.) **Dos Caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Guyana**.Boa Vista: EDUFRR, 2011, p.19-43.

OLIVEIRA, Reginaldo. Tríplice fronteira e as trilhas indígenas. **Tepui: revista de jornalismo científico e cultural da Universidade Federal de Roraima**. Boa Vista, v. 01, n. p. 58-59, 1 trimestre jan/mar. 2012. Editora UFRR

RAPOSO, Tácio José Natal. **A (re) produção do espaço urbano no município de Pacaraima** – de 1995 a 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, 2015.

REPETTO, Maxim. Os sentidos das fronteiras na transdisciplinaridade e na interculturalidade. **Textos e Debates**: dossiê fronteiras, n. 22 jul./dez. Boa Vista: editora UFRR, 2012.

ROCHA, Valcleia Barros. SILVA, Paulo Rogério de Freitas. Pacaraima no contexto regional fronteiriço – Brasil/Venezuela. In: SENHORAS, Elói Martins. VERAS, Antônio Torlino de Rezende. **Pacaraima: um olhar geográfico**. Boa Vista: editora UFRR, 2012.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. “Garimpendo” a Sociedade Roraimense: Uma análise da conjuntura sócio-política (mestrado). Universidade do Pará, 1996.

SAPIR, Edward. A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas. In: Celso (Org.). **Cultura e personalidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SANTANA, Sylvana de Castro Pessoa, SOUZA, Nícia Raies Moreira de. Indústrias culturais: geração de trabalhos e empregos. **Indústrias culturais no Mercosul**. ÁLVAREZ, Gabriel O. (org.) Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2003.

SERPA, Angelo. A cidade como fenômeno cultural: apontamento para uma abordagem geográfica. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas. ROCHA, Renata (org). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: EDUFBA, 2010.

SENHORAS, Elói Martins. Paradiplomacia Subnacional Roraima-Guyana e os descaminhos do Contencioso da ponte do Rio Tacutu. In: **Coluna de Artigos UFRR** (2009). Disponível em: <<http://works.bepress.com/eloi/127>> Acesso em: 23 de jun. de 2013.

SILVA, Ana Zuleide Barroso da. **Construção de governança nos espaços protegidos fronteiriços Brasil – Venezuela**. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**. ano 8, nº 16, jul/dez Porto Alegre : 2006

TEIXEIRA, Maria do Carmo Santos, et al. Capital social e desenvolvimento local: o caso da região sudeste do Tocantins. In: LUCENA, Andréa Freire de. CARVALHO, Claudia Regina Rosal de. VIEIRA, Nair de Moura. **Cooperação e inclusão social**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

UNESCO, **Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais**. Paris, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf>> Acesso em: 02 de fev. de 2013.

UNESCO, **Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), 2001**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>

UNCTAD, **Relatório de economia criativa 2010**. Nações Unidas, 2010

VALE, Ana Lia do. Multiterritorialidade e migração: nordestinos em Boa Vista (RR). **I Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras**. Boa Vista: UFRR. 2012.

VALIATI, Leandro. A problemática da captação: relação entre os incentivos fiscais e a gestão dos recursos públicos na decisão privada da inversão cultural, **VIII Encontro de Economia da Região Sul - ANPEC SUL 2005**. Porto Alegre: UFRGS, 2005

VALIATI, Leandro. **Economia da cultura em perspectiva institucional: mecenato no empresariado urbano-industrial ascendente (1947-1960)**. Tese (doutorado), Porto Alegre: UFRGS, 2013.

WEBER, Max. TEXTOS SELECIONADOS. Trad. de Maurício Tragtenberg, Waltemir Dutra, ; Colágeras A. Pajuba, M. Irene de Q. F. Szmrecsányi, Tamás J. M. K. Szmrecsányi. Cap IV de **Parlament und regierung in Neurdneten Deutschland** (Congress of Arts and Science, St Louis, 1904) “Wahrecht und Demokratie in Deutschland.” S. ed. São Paulo: Nova Cultural . 1997

WENDT, Alexander. *Anarchy is What States Make of It: The Social Constriction of Power Politics*. **International Organization** 46: 391-425, 1992.

### Sites

ICD, Disponível em: <[http://www.culturaldiplomacy.org/index.php?en\\_culturaldiplomacy](http://www.culturaldiplomacy.org/index.php?en_culturaldiplomacy)>. Acesso em 14 de abril de 2012)

IBGE, Cadastro de Municípios localizados na Faixa de Fronteira. 2008 Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm> >. Acesso em: 12 de jan. 2015.

MAPA DA FRONTEIRA BRASIL-GUYANA. Disponível em:

<<http://www.economist.com/node/8525813>> Acesso em : 04 de jun. de 2013

MRE – Ministério das Relações Internacionais. **Departamento de Atos Internacionais**, 1933. Disponível em: <[http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1933/b\\_27](http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1933/b_27)>. Acesso em: 22 de julho de 2013.

SOUSA, Renato. Arraial 2007. Disponível em:

< [http://www.rr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=532:arraial-das-3-nacoes-movimentou-r-2-milhoes&catid=45](http://www.rr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=532:arraial-das-3-nacoes-movimentou-r-2-milhoes&catid=45)> . Acesso em: 06 de jun de 2012

